

Lu 25548
D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

Cartas a Luiza

(MORAL, EDUCAÇÃO E COSTUMES)

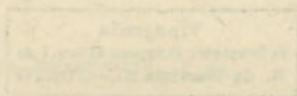
2.ª Edição



COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA, L.ª
PÓRTO

Lo
28548

CARTAS A LUIZA



Tipografia
da Companhia Portuguesa Editora, Lda
R. da Boavista 307—PÓRTO

Pres. 474

B 28548

CONSERVATORIA DA PROPRIEDADE
LITERARIA SCIENTIFICA E ARTISTICA
BIBLIOTECA NACIONAL
LISSOIA

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

26111

97.° 4
3 de Agosto de 1928

M.F.

Cartas a Luiza

C 4
fls.

4397

(MORAL, EDUCAÇÃO E COSTUMES)

R. P. L.
6812

B 13

fls. 104

2.ª Edição

10400



COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA, L^{DA}
PORTO

Handwritten marks in the top right corner, possibly a date or initials.

Cartas a Luisa

3 June

1812

1819

1814

(mirrored bleed-through text)

1814

Handwritten notes on the right side, including the number 200.



A Luiza de Almeida e Albuquerque

Publico estas cartas, cujos assumptos são de interesse exclusivamente feminino, sob a invocação do teu nome querido.

A ti, que tantas vezes me tens dado força para o trabalho e animo para a lucta, que sem teres padecido ainda, tens a intuição de todas as dores, e a piedade ineffavel que as acaricia e embala; a ti, que me tens applaudido, indulgente e animadora, com a malicia finissima do teu sorriso, com as lagrimas dos teus olhos tão radiantes e tão profundos; a ti, que me tens forçado a acreditar em mim, nas horas do intimo desalento, da penetradora e desolada e esteril melancholia; a ti, formoso talento feminino illuminado por todas as chammas multicores da graça e da bondade, da ironia e da razão; a ti, coração que o meu coração elegeu, espirito que o meu espirito admira... offereço este livro, escripto dia a dia, sem ordem, sem methodo, mas sobre a impressão sincera do momento que o inspirava. E' de certo indigno de ti, porque não

tem nem a unidade d'uma obra de moral, nem a belleza d'uma obra de arte, mas sei que ha de merecer-te um acolhimento affavel, porque traduz uma convicção e uma fé, porque reflecte, mal formulado embora, um sonho de justiça e de verdade. Tu, que és uma das raras mulheres que se levantam acima do nivel intellectual do nosso sexo, debes comprehender e approvar que eu lucte, no estreito limite do meu poder, pela libertação moral e intellectual das nossas irmãs opprimidas. Este livro não vale senão pela intenção que deixa transparecer nas suas paginas confusas. Que essa intenção lhe faça perdoar os defeitos do pensamento e os defeitos da fôrma, e que o teu nome lhe seja auspicioso agoiro da estima e da sympathia das suas outras leitoras.

Collares, 10 de outubro de 1885.

Maria Amalia Vaz de Carvalho.

CARTA I

EDUCAÇÃO, MORALIZAÇÃO

Uma das idéas mais falsas, que se tem propagado a respeito da educação feminina, vem a ser a seguinte: julga-se geralmente, que o esmerado cultivo mental, que o desenvolvimento das faculdades intellectuaes são para a mulher um convite ás tristes aberrações que deslustram o nosso sexo.

Isto faz com que ainda hoje a maior parte dos paes tenham receio de dar ás suas filhas uma educação larga e superior.

Apontam-se, para corroborar esta idéa cruelissima, exemplos lamentaveis por todos os motivos, lamentaveis principalmente por partirem de muito alto, dando assim mais nas vistas, adquirindo por esse facto uma notoriedade mais ampla.

Eu por mim, no meu posto humilde, continuo a clamar que isso é um dos erros gros-

seiros, dos quaes o nosso seculo não logrou ainda despir-se.

A ignorancia nunca salvou uma só mulher, e se os desequilibrios fataes da imaginação téem perdido algumas, é isso devido ainda ao mesmo desgraçado factor, quer dizer, á pessima interpretação que até hoje se tem dado á educação e aos deveres da mulher.

Que me importa a mim que muitas mulheres illustres e célebres tenham prevaricado?

Ninguem, pelo facto de serem célebres, me provou ainda que ellas fossem educadas.

Pelo contrario.

A educação que receberam, por desharmonica e contradictoria com o seu meio, produziu toda a especie de efeitos funestos sem produzir um unico bom.

Depois, apesar de ter havido centenaes de homens de grande talento e de laureado renome, cuja vida nem sempre se póde dizer que fosse completamente edificante, ainda não ouvi proclamar como principio, que o homem devia deixar de ser educado de modo tendente a desenvolver todas as suas faculdades.

Não podem constituir lei, e lei tão injusta, excepções d'essa ordem.

E com certeza, n'estas linhas que escrevo, eu não trato nada das mulheres extraordinarias.

A essas basta-lhes de certo a cruz que n'este mundo arrastaram por desfiladeiros escabrosos, por traiçoeiras charnecas. Falo da generalidade

das mulheres, das tristes exiladas de todas as alegrias da intelligencia ; das que, tendo de possuir todas as virtudes heroicas, são ao mesmo tempo condemnadas a todas as enfraquecedoras ignorancias.

Essas é que eu lamento, essas é que eu desejo resgatar.

A primeira coisa que a mulher não aprende, e que devia aprender, é a pensar. Dominar o seu destino, julgal-o, modifical-o quando seja conveniente, eis uma faculdade que só podem ter as que raciocinam e as que sabem.

A submissão é o nosso papel ; fica-nos bem, e ainda mesmo que nos ficasse mal, tínhamos fatalmente de acceital-o.

Mas a submissão reconhecida como um dever moral, que aos nossos proprios olhos nos exalta, é bem differente da submissão servil e instinctiva de femea, da submissão do animal inferior ao seu superior na hierarchia biologica.

O homem e a mulher completam-se um pelo outro ; sem serem iguaes, são identicas as funcções que téem de exercer para attingirem o fim do seu destino moral. Elle tem a força, ella tem a graça ; elle tem a energia, ella a docilidade ; elle tem o criterio firme, ella a penetração intuitiva e sagaz.

Elle trabalha, ella economiza ; elle lucha, ella, do resultado d'essas luctas, faz o conforto e o encanto da vida de ambos.

Juntos, são um organismo completo, harmo-

nico, que fucciona na ordem natural das coisas ; separados, desengrenados, produzem em torno de si a confusão e a anarchia.

E' bem diversa do que era antigamente a constituição da familia moderna.

Nas successivas civilizações, que se foram desdobrando umas das outras, o homem era o sêr superior, indiscutivel, ante o qual todas as vontades se inclinavam, ao qual se subordinavam todos os actos. O chefe da familia era o senhor absoluto cujas determinações justas ou tyrannicas ninguem tratava de julgar.

A mulher tinha então um papel tão duramente secundario, que só corrompendo. os seus despotas é que se pôde libertar d'elles.

Hoje o seu ideal é bem differente.

Hoje a esphera de acção da mulher é bem mais ampla.

A sua completa alforria é ella quem deve e quem pôde conquistal-a.

Como ?

Educando-se.

E quando digo *educando-se*, não quero dizer adquirindo os dotes superficiaes de uma frivola e mal comprehendida cultura.

Não.

O meu ponto de vista é outro.

A primeira coisa que eu desejaria é que a mulher se compenetrasse dos seus deveres para os cumprir religiosamente, e dos seus direitos para os fazer rigorosamente respeitar.

Deixemos aos homens, desembaraçado de obstáculos, livre de usurpações ridiculas o campo enorme onde se exercitam todas as suas actividades práticas; não queiramos entrar nas luctas politicas, onde seriamos fatalmente vencidas, nas especulações scientificas, de onde de certo eramos distanciadas, e se a esphera da Arte não pôde conservar-se-nos defesa, entrem n'ella sómente as que sentirem em si, viva, immaculada, radiante, a chamma que allumia os eleitos e que os atira vibrantes de enthusiasmo á vanguarda dos exercitos, que os seculos têm visto desfilar heroicamente á conquista do sonhado ideal.

Mas aquilo a que nós, sem excepção de uma só, temos direito, é a illuminar a nossa consciencia com a luz de todas as virtudes boas, de todas as aspirações honestas, de todas as radiosas acquisições feitas pela raça humana no seu lento, doloroso e tragico peregrinar; a esclarecer e desenvolver a nossa razão com todos os principios solidos, com todas as noções positivas; a pôr a nossa influencia directa ou indirecta ao serviço de todas as causas generosas; a manter bem elevado e bem altivo, n'esta geral debandada das consciencias, o estandarte do bem e do bello, de que nós devemos ser as guardadoras intemeratas; a consolar as miserias que ninguem cura; a palliar as questões tremendas que ninguem pôde resolver.

A nossa força moral é tão limitada que, para

a desenvolvermos e applicarmos bem, precisamos, tanto como o homem, da educação, mas de uma educação bem diversa da que elle recebe.

Elle applica, nos diversos ramos infinitamente subdivididos da sua complexa actividade, todos os descobrimentos, todas as theorias, todas as verdades scientificas ou philosophicas, que hoje existem; a nós cumpre-nos colher do seu conjuncto extraordinario, a synthese ideal, a flor maravilhosa que lhe embellezaria e perfumaria a vida dos dois.

Delimitarmos o nosso campo especial, dividirmos estrategicamente as nossas forças, methodizarmos o nosso ataque a tudo que é o mal, a nossa defesa ardente de tudo que é o bem; sermos a companheira do homem moderno e tambem a sua inspiradora a que o incita á lucta, a que o applaude na victoria, a que lhe suaviza as tristezas de vencido, a que entra sem pavor na jaula tenebrosa onde se debatem esses monstros, que são as suas paixões, e que os esmaga pela graça triumphante . . . que bela e doce missão em plena harmonia com as condições do nosso organismo, com as tendencias espiritalistas que ninguem ainda nos roubou!

Dir-me-hão que generalizo de mais, que não desço á analyse miuda dos processos, por meio dos quaes essa iniciativa civilizadora pôde exercer-se.

Meu Deus! Eu vou adeante, eu advogo uma

causa que atraz de mim terá muitas defensoras, como antes de mim tem tido muitas advogadas.

Por ora a grande questão é derrubar os preconceitos que se oppõem á victoria d'essa causa.

E' convencer os homens, os homens de quem tudo depende, os homens que nos escravizam ha tantos séculos a alma e o corpo, os homens que, em vez de fazerem da mulher a fonte perenne e pura de todos os gosos que podiam fortalecel-os, revigoral-os, dar-lhes impeto e energia creadora, se contentaram em fazer d'ella o pantano envenenado e enervante onde vão beber os seus deleites ephemeros, ou a submissa e inconsciente captiva, que, por não saber comprehendel-os, os infelicitam, os enfada, os impacientam, os desesperam.

Esta influencia reciproca dos sexos é uma coisa fatal.

O homem descurando ou pervertendo a educação da mulher, vem a colher o fruto dos peçonhentos germens que semeou.

Corrompe e é corrompido; rebaixa e é inevitavelmente aviltado.

Pela mãe, a sua primeira inspiradora; pela amante, a sua iniciadora nos mysterios da vida; pela esposa, a lenta influencia que, embora desconhecida, quasi sempre triumpham, elle recebe todas as más inspirações que deixou sem correctivo.

E' por isso que o vemos tantas vezes succum-

bir á tentação, ao interesse, ás ambições mesquinhas.

A ella, á pobre mulher, que inconscientemente o domina, que o escraviza sendo escravizada, nada lhe deixaram com que entreter o espirito, não lhe deram nenhum ideal grande, não lhe indicaram nenhum fim digno de ser alcançado mesmo atravez de agonias e de luctas; quer a posse immediata de alguns gosos frivolos, e para os lograr não hesita em segredar ao ouvido do homem, que a ama sem conseguir estimal-a, as tentadoras supplicas que levam á quebra de todas as dignidades viris.

Eu, quando vejo um homem que se despeinha, murmuro o conhecido dito: *Procurem a mulher!*

E achal-a-hão sempre, ou junto do berço, ou lado a lado na ingreme ladeira da vida.

A's vezes não percebem onde ella está.

Está na acção dissolvente que exerceu, está na acção moralizadora que deixou de exercer!

Está por força em alguma parte apparente ou recondita d'esse destino que perdeu.

Eis o castigo, eis a condemnação que o homem teve pelo crime de sacrificar á vaidade, ao orgulho, ao injusto desprêzo a melhor, a mais formosa, a mais pura, a mais suave metade de si mesmo.

CARTA II

EDUCAÇÃO, MORALIZAÇÃO

II

Na minha carta antecedente procurei tratar de um assumpto grave e complexo de mais para que em tão limitado espaço fosse possível esclarecer, sequer, uma das suas multiplas faces.

Na hora adeantada da civilização em que nos achamos, parecerá quasi irrisorio, aos que vão na vanguarda do seculo, que ainda seja necessario discutir este ponto: a mulher deve ser ignorante, ou deve ser instruida?

Pois a verdade é que, mesmo entre grandes entendimentos masculinos, existem a este respeito gravissimas divergencias, e que a maioria dos votos seria ainda em favor da primeira hypothese.

Que admira isto, porém, a quem tenha lido a historia?

Houve tempos e tempos em que foi ponto obscuro para todos os pensadores se era util ou

nociva a diffusão dos conhecimentos, predominando sempre a idéa de que a instrucção e o conhecimento da verdade traziam consigo graves perigos para a ordem social.

Não há ainda hoje cerebros abençoados, que proclamam a ignorancia como uma das condições de felicidade para certas classes?

A' proporção que a verdadeira civilização se formúla em leis profunda e genuinamente justas, e se manifesta em costumes brandos e generosos, o monopolio da instrucção, que d'antes pertencia ás classes privilegiadas de de uma sociedade infrene e desordenada, vai sendo annullado pela vulgarização de todos os conhecimentos.

A sciencia já não é guardada a sete chaves por um phantastico dragão de olhos de lynce, já não é o livro sagrado que a sibylla lê com a expressão espavorida dos allucinados; é o thesoiro commum, accessivel a todos, para ninguem vedado, onde cada um vai abastecer-se conforme a capacidade mental de que o dotou a natureza.

A não ser um ou outro visionario anachronico, já ninguem de boa fé nega ao povo a faculdade de conhecer os seus direitos e os seus deveres, já ninguem receia que a luz por demasiada, produza deslumbramentos funestos.

O que foi regalia e privilegio de alguns, é hoje o patrimonio e a força de todos.

A intelligencia, que tantos seculos serviu só

para escravizar e embrutecer os tristes rebanhos humanos privados de consciencia e de razão, serve hoje para manter e ampliar as conquistas sagradas da liberdade e do direito.

Mas, para chegar a este fim, que a nós, filhos d'esta geração, nos parece tão racional; que nos parece ter-se imposto desde sempre a todos os espiritos como uma lei ineluctavel e fatal, quantos esforços, quantas revoluções, quanto sangue!

É uma conquista de hontem apenas, e que, no emtanto, parecia dever ter sido contemporanea de todos os seculos.

Mesmo os philosophos do seculo XVIII; aquelles que, pelos seus escriptos inspirados na justiça e na humanidade, provocaram e favoreceram o advento de todas as idéas que dominam hoje o mundo civilizado; mesmo os grandes redemptores do povo, taes como Voltaire e Diderot, nunca julgaram trabalhar para o *povo* propriamente dito, para as classes proletarias, e analphabetas, mergulhadas no abysmo da sua insondavel miseria.

Voltaire, no fundo, era um aristocrata.

Se lhe perguntassem se a plebe, se a *canalha* precisava de ser educada, responderia immediatamente que não, e que d'essa instrucção inexperiencedemente, imprudentemente propagada, só grandes males e grandes desordens sociaes podiam resultar.

Fontenelle dizia que se tivesse a mão fechada

e cheia de verdades, teria o maior cuidado em não abril-a, porque a verdade tem grandes perigos consigo.

Um unico entre os iniciadores do movimento moderno, entre os paes espirituaes da revolução, sentiu as dôres do povo, as suas humilhações e amarguras, comprehendeu que elle era o pária eterno, expulso sem crime das espheras da luz e da verdade; um unico o lamentou, o amou, chorou, sentiu com elle.

Mas esse — adivinham que falo de Rosseau — pertencia ao povo pelo nascimento e pela miseria, e se a sua missão social foi das mais proficuas, nem por isso a cumpriu com a consciencia do alcance futuro a que ella estava destinada.

Esse, longe de prégar o adeantamento das sciencias e das artes — apesar de artista, e de artista esplendido — prérgou antes o retrocesso á vida primitiva, ás singellas occupações da natureza, á doce ignorancia d'esses tempos de oiro, que foram, no fim de contas, em que pése a todas as lendas floridas, o tempo das grandes angustias mudas, das dilacerantes agonias sem echo.

A sua tenaz e eloquente propaganda naturalista inspirou a Voltaire o célebre juizo critico do *Emilio* :

— *Mon cher ami, ça donne envie de marcher à quatre pattes!*

É certo que as gerações modernas devem

muito a esse misanthropo sublime, em cuja alma sensível até ao sofrimento, vibraram e repercutiram dolorosamente todas as angustias da humanidade oprimida.

Mas perceberia elle distinctamente a importancia da divida que, para com o seu nome, contrahiam essas gerações ?

Parece-me que não.

Ainda mais: eu julgo que, se o auctor do *Contracto social* pudesse adivinhar, presentir, alcançar com a vista a obra colossal d'este seculo, que é tão seu filho; tudo que a intelligencia do homem, libertada de peias, de superstições e de tyrannias tem descortinado, descoberto e posto em prática; as maravilhas das sciencias physicas; os arrojos, ousadias e triumphos das sciencias sociaes; o homem, dominador soberbo da natureza, fazendo d'ella sua coadjutora ou sua escrava; a consciencia livre e audaciosa, conquistando e subjugando cada dia mundos novos, proclamando bem alto a sua propria emancipação; a igualdade tornada uma verdade social, que ninguem combate, e que ninguem ignora; e lá para longe, confusamente, no horizonte indeciso dos seculos, novos prodigios, novas maravilhas que se anteveem apenas, e que a electricidade e a physiologia nos prometterem; se Rousseau, em virtude de um poder desconhecido, tivesse tido essa visão mais que apocalyptica, elle teria dito ao homem do seu seculo, ao auctor immortal da revolução, áquelle

que a sua voz, inconscientemente inspirada, preparava então para a cruzada santa a que se devem estes resultados deslumbrantes:

— Pára, retrocede, não queiras saber tanto, não tentes a Deus querendo abarcar o infinito! Essa soberania aterradora, que vais adquirir, só se compra á custa de infernaes dilaceramentos, de luctas medonhas, que muitas vezes te hão de prostrar desfeito em sangue ou desfeito em lagrimas nas agruras do teu caminho doloroso e heroico! Pára, volta á natureza, á doce amiga, á que faz esquecer as penas e perdoar as injustiças. Assusta-me a tua victoria, tenho medo do teu formidavel triumpho. Não te conheço, Titan, não fui eu que te eduquei, tu não és meu filho!

Que admira pois, que, sendo tão nova no mundo a verdadeira civilização, a que tem por fim o aperfeiçoamento moral do individuo, e o aperfeiçoamento harmonico e progressivo das sociedades, haja ainda tanto erro tradicional que combater e que destruir?

No mundo moderno a mulher representa um pouco o papel que no mundo pagão representaram os escravos, que no mundo monarchico representaram os plebeus.

E' invencivel o receio, que ainda existe de a instruir e libertar moralmente. Mas não vêem que ella propria se vai lentamente libertando, e que é baldada toda a resistencia que n'este ponto se lhe opponha?

Não é de certo maltratando-a, que o homem procura mantel-a em completa sujeição, faça-se essa justiça ao sexo forte. Pelo contrario, hoje, elle, dá-lhe a beber o mel de todas as adulações.

No outro dia, liã eu um escriptor moderno de muita *verve* e de muita graça, que descrevia d'este modo a mulher dos seus sonhos :

«Reinando tão sómente pelo encanto, pelo espirito e pela formosura; sabendo menos mal a sua lingua e uma lingua estrangeira; conhecendo sufficientemente a historia para não julgar que Washington foi vencedor de Napoleão, e a geographia para não suppor que Stockolmo é capital da Allemanha; lendo os poetas clasicos e os modernos; sabendo um pouco de musica, e muito mais desejosa de sêr considerada ignorante do que inclinada a perpetrar o mais leve delicto de pedantismo».

Tudo isso é verdade, meu espirituoso philosopho, mas não é menos verdade que tu ficarias bem castigado se hoje te coubesse por companheira a mulher que descreves.

O encanto, a formosura, e que não tenha mais nada, será o mais gracioso e decorativo dos ornatos sociaes, não será porém nunca um instrumento de moralização, um elemento fecundo de progresso.

Não será nunca, disse eu.

Engano-me.

Não será, mas foi. O espirito, o encanto, a

formosura da mulher exerceram no animo embrutecido e duro do homem de outros seculos uma acção delicada e util. Inaccessivel ás influencias moraes, o homem barbaro foi, por assim dizer, suavizado e amollecido pela belleza e pela graça da mulher; mas com a transformação do meio social, transformam-se egualmente os seus productos, e da mulher de hoje o homem moderno tem o direito e o dever sagrado de exigir muito mais.

A sciencia dos nossos dias tem um dogma fundamental, que eu não sei dizer em termos tecnicos e definitivos, mas cuja significação vem a ser a seguinte:

Tudo está relacionado com tudo; não ha uma unica verdade de que nós tenhamos feito aquisição, que não esteja ligada á que a precede e á que se lhe segue; quebrado que seja um elo á cadeia dos conhecimentos que hoje constituem o nosso patrimonio intellectual, interrompe-se a serie dos phenomenos, quebra-se a harmonia do todo, desfigura-se a perfeição do conjuncto.

Presentemente, saber alguma coisa é ter a idéa de tudo.

Este encadeamento de todas as idéas, esta ligação estreita de todas as verdades, esta relação intima de todas as sciencias, esta influencia reciproca que os factos, ainda os na apparencia mais remotos, exercem uns nos outros, é a mais bella descoberta do seculo; é por tel-a

feito que o homem occupa hoje o logar proeminente que elle tem no universo. Elle partiu da lei que domina a evolução dos astros, e veio de deducção em deducção achar a lei que determina a evolução das sociedades. Em tudo viu a mesma harmonia, a mesma regularidade.

Para que, pois, ha de tentar alteral-a n'este facto tão importante do seu viver?

Se elle proprio tem encontrado em si tão profundas e radicaes modificações, se elle é tão diverso de todos os que o antecederam na vida, para que exigir ou desejar que a sua companhia, aquella a quem elle chama a metade de si mesmo, se conserve estacionaria e resistente a todas as alterações, que o progresso dos conhecimentos que a evolução fatal das instituições e dos costumes lhe estão impondo dia a dia?

O ideal da mulher grega, por exemplo, é Aspasia. Socrates pede-lhe licções de philosophia, e Pericles licções de politica governativa. Curvam-se deante d'ella os sabios, os generaes e os artistas. Lembra-se alguém de que Aspasia seja possivel nos nossos dias?

O ideal da mulher nos tempos feudaes é a rainha Branca, é Bertha *dos pés compridos*, é a castellã que passa os dias fiando, rodeada de servas, que á tarde passeia silenciosa no eirado do seu castello á beira mar, seguida pelo seu pagem e pelo airoso galgo branco em cuja ca-

beça intelligente e fina ella poisa a espaços a esguia mão ociosa.

Ainda não possue, sequer, o seu missal manuscrito de illuminuras deliciosas, que mais tarde a terá longas horas absorta em cogitações devotas; ainda não sabe bordar nem tecer as interminaveis tapeçarias povoadas de figuras biblicas ou fabulosas, que em periodo mais recente forrarão a grande sala em que se reúnem para comer o javali tismado e sangrento os guerreiros que acompanham o seu senhor.

Possue ao todo duas camisas e um vestido. E' verdade que as camisas são de brocado, e que o vestido é bordado a pedrarias.

Passiva, embrutecida e triste, que sabe ella da vida? que noção tem ella do dever?

Escrava dos sentidos de um homem ou dos seus proprios sentidos, ou se consome nas tristezas de uma solidão inconsolada, esperando eternamente o ausente, que ao longe caça com os amigos ou combate com os adversarios, ou é por elle forçada a comer o coração do proprio amante como castigo á traição conjugal, que tantas circumstancias explicam e attenuam.

Qual de vós, meus senhores, desejarieis hoje para companheira a gentil castellã das lendas medievaes?

N'um estado muito mais brilhante de civilização, na quadra em que florescem todas as artes, em que pintores e poetas rivalizam de maravilhas e de encantos, a mulher, quando é

pura, chama-se Victoria Collonna, quando é a peccadora fascinante e impenitente, chama-se Lucrecia Borgia. Qual d'ellas teria cabimento no nosso lar, nos nossos costumes?

Depois vêem as graciosas e inimitaveis tagarelas, ou as *frondistas* brilhantes e desordenadas do seculo xvii, vêem as marquezas da regencia, vêem as *philosophas* da sociedade litteraria e sceptica dos encyclopedistas, e as mulheres gregas do directorio, e cada uma d'essas representa e concretiza em si a civilização mais requintada do seu tempo, cada uma d'essas é a mais graciosa efflorescencia da sua epocha. Digam-me com franqueza: conviriam ellas á nossa?

O homem moderno já não é o pagão exclusivamente namorado da fórma, nem o guerreiro brutal dos tempos de ferro; não é o artista subtil da renascença, nem o polido cortezão das monarchias sumptuosas; não é o discreto metaphysico, de phrase correcta e punhos de renda fina, que saboreia as lucubrações do espirito e a pitada de rapé com a mesma voluptuosa indolencia, nem o proconsul sanguinario de que um sorriso, um olhar de mulher subjuga e vence as tendencias ferinas.

E' um operario laborioso e inteligente; sabe tudo, tem tocado ao menos ao de leve em tudo. Tem entrado no laboratorio, na officina, na Bolsa, na bibliotheca, no gabinete anatomico, no observatorio, no tribunal, na camara legis-

lativa. Esta universidade de vistas e de conhecimentos não o inhibiu, porém, de se entregar ardentemente a uma especialidade qualquer.

Tem o corpo em continuado movimento, o espirito em permanente ebulição. O seu organismo, constantemente exgotado pelo esforço physico e cerebral combinados, precisa de ser constantemente refeito; a sua imaginação, mórbidamente excitada, precisa ora de calmantes que a afrouxem, ora de tonicos que a revigorem; a sua bolsa, quasi nunca equilibrada com as exigencias complexas e brutaes da vida moderna, precisa de uma administração intelligente, engenhosa até ao milagre; o seu coração, desfeito e dilacerado mil vezes pelas esperanças frustradas, pelas duvidas angustiosas, pelas palpitações violentas da ambição, pelos arrebatamentos da gloria, mordido por todas as paixões insalubres, precisa de uma doce mão feminina que o trate e que o console; o seu espirito levantado e culto, a que nenhum problema é extranho, precisa de outro espirito que o aprecie, que o siga, e que, comprehendendo-o, o não torture com exigencias frivolas, ou com mesquinhas e pequenas contrariedades de todas as horas.

Estará preparada para esta missão gloriosa e asperrima a mulher que nós hoje educamos? Não está, todos sabem que não o está.

Isto é considerando a mulher nas suas rela-

ções com o homem, considerando-a apenas a metade d'outro organismo.

Imaginemos-a agora, sósinha, movendo-se na sua esphera propria, obrigada a fazer o seu proprio destino, independente de qualquer auxilio ou de qualquer protecção. Que estendal de miseria se não descobre então ao nosso olhar! que tristeza profunda nos aperta e con-frange o coração!

A França, tentando libertar a mulher d'este estado de escravidão intellectual que a opprime, deu n'isto ao mundo um exemplo digno de seguir-se.

Haverá de certo um periodo transitorio entre o estado de ignorancia e o estado de illustração da mulher, que ha de parecer-nos eivado de ridiculos e contaminado de erros graves. Paciencia! Todas as grandes verdades, que hoje estão em plena acção, passaram por esta phase dolorosa, tributo que tudo paga á imperfeição humana.

O futuro, porém, compensar-nos-ha largamente de todo o esforço, de todo o trabalho que se empregue para este fim mil vezes abençoado.

CARTA III

A PROPOSITO DOS LYCEUS FEMININOS

Por mais que alguns espiritos orgulhosamente independentes o pretendam negar, a verdade é que hoje, nós os povos latinos, e muito especialmente o povo portuguez, recebemos da França, inteiramente fabricadas por ella, as opiniões, ás quaes sujeitamos o nosso modo de vêr social, politico e litterario.

E' a França que nos fornece a litteratura e a moda, a cozinha e a arte, as innovações democraticas e as mobílias, a devoção e o theatro, os *cretonnes* de que forramos as nossas salas, e as idéas de que forramos os nossos cerebros.

A pouco e pouco — impotencia invencivel, ou criminoso desleixo? — deixamos de ter o minimo vislumbre de iniciativa nacional em qualquer d'estas importantes questões.

Não serei eu quem me revolte contra esta tendencia geral.

Estou muito dentro da fascinação para me lembrar de combatel-a.

Nasci *jacobina*, como o Garrett confessa que o foi desde pequenino, nas suas *Viagens na minha terra*.

Ha, porém— diga-se de passagem — uma coisa, que eu combato n'este pendor irresistivel que sentimos em absorver a nossa individualidade pequenina na colossal individualidade da França.

É o exaggero que n'este ponto manifestamos, é principalmente o modo falso por que hoje entendemos essa submissão.

D'antes eram os livros que influíam em nós, hoje os jornaes é que, por assim dizer, se tornaram o alimento litterario da maioria do nosso publico.

O *Figaro*, o *Gaulois*, a *Vie Moderne*, a *Vie Parisienne*; andam por cima de todas as bancas elegantes; o *Gil Blas* e o *Voltaire* andam escondidos em todas algibeiras masculinas.

Este facto parece que não tem importancia; pois tem-n'a, e muito maior do que parece.

A leitura habitual que fazemos dos jornaes; a um tempo os mais frivolos e mais espirituosos da França, jornaes que decoramos, que copiamos, que traduzimos para os nossos, permittemos o penetrar, com intimidade profunda, e não raro perigosa, em dos lados da vida franceza, que não é de certo o mais sympathico, nem o mais verdadeiro; d'aqui a preponderancia cada

dia mais accentuada d'esse genero especial d'espirito sobre o nosso espirito.

Está claro que, se a França pensadora, a França livre, a França artista, industriosa, trabalhadora e sábia, nos civiliza, nos impelle no caminho das pacificas conquistas modernas, o Pariz *boulevardier*, o Pariz opulento, extravagante, prodigo, allucinado pela nevrose cerebral, não pôde senão corromper-nos.

Assim como depois de um excesso de trabalho é quasi licito ao operario extenuado uma hora de dissipação, mesmo um tanto ruidosa, a esse trabalhador gigantesco que se chama Pariz, a esse productor colossal, que alimenta o mundo das idéas, são bem perdoaveis os momentos de febre em que elle se diverte com a mesma desordenada furia com que trabalha.

Entre duas creações de genio, quem não perdôa ao artista uma orgia de algumas horas?

Mas se Pariz pôde permittir-se essa orgia, se o seu cerebro potente se não abala nem desorganiza com os excessos, não se dá o mesmo caso com aquelles que nada produzem, que nada criam, que se limitam a copiar servilmente o que outros lhe mandam, inventado e executado já com superior perfeição.

E' por isso que a nossa tendencia, cada dia mais pronunciada para conhecermos da França só os seus aspectos frivolos ou morbidamente agitados, tem um perigo que é facil de antever.

Todas as extravagancias doentias, que Pariz

elabora nas suas crises de hysterismo, entre a meia noite e as cinco horas da madrugada, são-nos fiel e rapidamente transmittidas pela chronica scintillante, endiabrada e febril dos seus jornalistas predilectos. O que alli não passa d'um estado de espirito muito particular, e do qual só uma insignificante minoria está contaminada, torna-se para a nossa inexperiencia de papalvos a manifestação mais completa do espirito da grande nação.

Os franceses sabem perfeitamente o desconto que hão de dar ás deliciosas e phantasticas invenções dos seus chronistas, em cujo sangue, chicoteado por aquella vida de excessos, ha sempre uma pontinha de febre, em cujo cerebro fervilha um pouquinho de *champagne*, em cuja vista a luz do gaz, crua e violenta, tem produzido clarões vermelhos e centelhas azuladas, que deslumbram e desnor-teiam.

Nós, porém, na pacatez do nosso viver, sem grandes sensações de especie alguma, tomamos tudo aquillo como as creanças tomam os contos de fadas, muito a serio. E eis que nos pomos ingenuamente a adorar um Pariz imaginario e chimerico, que nos attrai pelo mesmo que devia afugentar-nos.

O Pariz que pouco a pouco nos namora e subjuga, que povoa de sonhos e visões as nossas noites, e de gallicismos os nossos artigos e os nossos livros, não é o Pariz onde Pasteur trabalha encerrado no seu laboratorio como

um monge na sua cella, valente como um heroe, tenaz como um jogador, sublime de abnegação como um santo; não é o Pariz onde Renan escreve livros em que os periodos têm a sonoridade vibrante e a intensidade musical de uma symphonia de Beethoven; em que Daudet cria os seus typos adoraveis, de uma graça doentia, de uma sensibilidade feminina tão penetrante e tão doce; o Pariz em que dezenas de escriptores e de poetas, desde Hugo até Coppée, desde Barbey d'Auverilly, romantico, até Maupassant, o continuador de Flaubert, cinzelam, rendilham, facetam, coloram, aromatizam a lingua, dando-lhe a transparencia das rendas antigas, o iriado das perolas orientaes, o brilho prismatico do diamante, as scintillações sanguineas do rubi, o rythmo ondeante e vago das musicas aladas, a graça caprichosa das delicadas esculpturas, o perfume acre e violento das flores mais exoticas, e o aroma doce, fugitivo e saudoso da violeta silvestre, que alguém muito querida colheu pensando em nós, e que nos mandou já secca entre duas folhas de um livro de orações.

Não é o Pariz em que pintores, ebrios de colorido ou idolatras da fórma, logram arrancar á natureza o segredo das suas côres mais violentas, e dos seus mais indecisos e ineffaveis cambiantes, das suas linhas mais symetricas e mais severamente bellas, e das suas curvas mais molles, mais suaves, mais caricio-

sas; o Pariz que pensa, que estuda, que inventa e que destroe, triumphante da soberba e ruidosa alegria que Michelet proclama como o cunho caracteristico dos heroes.

Sempre que seja essa a cidade sagrada que nos dicte as leis do gosto, que intente subornar-nos ao seu criterio supremo, quem é que sentirá em si, já não digo o poder, mas o desejo de resistir-lhe?

Todos nós sabemos, que é tal a faculdade de propaganda que Pariz — o que quer dizer a França — possui em si, que até as grandes leis scientificas descobertas pela Allemanha necessitam de ser adoptadas, vulgarizadas por elle para que o mundo as conheça. E a litteratura ingleza, tão rica, tão profunda, tão *humana*, não seria hoje conhecida e admirada como é, se os criticos francezes a não revelassem e não explicassem lucidamente ás raças latinas.

Dada esta influencia incontestavel e ineluctavel, imaginem-se os resultados directos e indirectos que vão ter na Europa os ultimos dois factos sociaes, que téem por força de alterar e modificar profundamente em França o destino da mulher: a criação dos lyceus para meninas, e a promulgação da lei do divorcio.

E' tão delicada e complexa a ultima das questões, que não é possivel tocar-lhe, sequer, no estreito espaço de que n'este momento disponho.

Mas a lei, que faculta á mulher franceza uma

instrucção, que tornando-a igual do homem, a faça independente da especie de escravidão material que a subjuga, parece-me digna da grande nação que emancipou a humanidade.

Os lyceus para meninas têm sido, porém, apesar da sua manifesta utilidade e do seu enorme alcance moral, o alvo da ironia mais ferina, e diga-se a verdade, mais chistosa da parte dos jornalistas francezes.

Não ha calamidade que elles não antevejam, trazida por essa carta de alforria, que á mulher vai ser dado conquistar com a intelligencia e com o estudo.

A este respeito tem-se levantado no jornalismo polemicadas engraçadissimas.

Por ora, os que verberam a mulher sábia, a mulher erudita, a mulher enfronhada em philosophia e sciencia, têm—é mister confessal-o—vencido os adversarios, fazendo-os rir de si proprios.

O campo é-lhes propicio.

Lá está o arsenal inexgotavel de Molière onde elles vão polir e acerar as suas armas de combate.

Além de que, desgraçadamente para nós, a peor adversaria que a mulher tem n'esta lucta suprema, n'esta lucta de vida ou de morte intellectual é . . . — imaginem quem — a propria mulher!

Raras são aquellas que o talento levantou acima do seu proprio sexo, e que deixaram na

historia um nome immaculado de erros graves, ou de ridiculos, os quaes, para a resolução d'este problema importante, são quasi tão graves como os erros.

Em França, as que hoje pugnam pelos direitos do sexo são—Deus nos acuda!—tudo que ha de menos sympatico e de menos feminino.

E' portanto facil, como vê, aos que de cada questão apanham sómente o lado comico, citar o pedantismo de *mademoiselle Scudery*, que a si propria, com louvavel modestia, arrogara o nome de Sapho; lembrar as pretensões e a linguagem grotesca por excesso de refinamento, do *Hotel Rambouillet*; e os crimes de lesa-delicadeza e de leso-pudor das *ilustres* do seculo xviii, marquez de Chatelet, *mademoiselle* de Lespinasse, *madame* du Deffand; a emphase declamatoria da musa dos girondinos, a apaixonada Rolland; e o turbante, a voz grossa, os modos masculinos e imperiosos da Stael; os desvarios e allucinações da maior de todas ellas, d'essa fascinadora Lelia de olhos negros, *de la femme à l'œil sombre*, que fez de Musset o maior dos poetas da dôr, o maior dos inconsolados d'este seculo.

A questão encarada simplesmente por este lado fornece argumentos victoriosos, que é bastante difficil combater, e combater sobretudo com o chiste gaulez dos que a defendem.

Admitto que se tenha como certo que n'um estado social em que a mulher intelligente e

erudita constitue uma excepção, esta não possa furta-se aos inconvenientes, que ha nas excepções, e que o seu papel de prodigio, habituando-a a uma exhibição affectada e anti-natural das suas faculdades raras, lhe vá a pouco e pouco pervertendo o senso moral e o bom senso.

Mas d'isto não se conclue, que a elevação de nivel intellectual seja para as mulheres uma ventura e um perigo.

Sempre que a mulher intelligente e cultivada se considere a si propria e seja considerada pelas outras como uma ave rara, uma especie de passarø azul das lendas phantasticas, os sentimentos de ordens diversas que ella excita — a antipathia dos mediocres, a admiração dos grandes, o desdem dos ignorantes, o quasi terror dos timidos — não podem deixar de exercer no espirito d'ella, e no seu modo de ser moral, uma acção funesta.

A mulher, como todos sabem, é dotada de uma sensibilidade finissima, de uma susceptibilidade, que só os artistas que téem sempre esse lado da natureza feminil, podem comprehender e apreciar.

As influencias exteriores, hostis, ou demasiadamente lisonjeiras, não podem deixar de ser-lhe fataes.

Mas eduque-se a mulher por um modo identico áquelle por que o homem é educado, dê-se-lhe o conhecimento exacto das coisas, illus-

tre-se-lhe o espirito com as noções positivas, que a tornem apta para comprehender o seu fim social, e a mulher fortemente e scientificamente formada para a vida, acceitará a vida com mais energia, com mais firmeza, com mais comprehensão real do dever.

Nem só as mulheres, que têm figurado na historia, são dignas da gloria que desfructaram.

Muitas ha, grandes entendimentos desconhecidos, a quem porventura a humanidade deve mais que ás mais famosas entre as suas escriptoras, porque ellas na sombra educaram, fortaleceram, ampliaram, com a sua licção de todos os dias, o espirito de seus filhos, e fizeram d'elles os grandes homens que nós admiramos.

O que seriam essas mulheres se o methodo scientifico houvesse presidido á sua educação, se um encadeamento logico de conhecimentos lhes tivesse disciplinado e harmonizado o espirito?

Um dos argumentos mais em voga contra a mulher instruida, é este: «Logo que ella tenha todos os conhecimentos que lhe faltam, não quererá mais sujeitar-se á humildade de sua missão domestica e social.»

Os que tal dizem desconhecem a grandeza que para a mulher culta, para a mulher verdadeiramente instruida, ha de ter sempre essa missão suprema entre todas.

Póde ser que tendo adquirido as noções que hoje lhe recusam, a mulher renuncie ás friolei-

ras que presentemente a preocupam, mas renunciar a ser boa mãe, esposa dedicada e fiel, amiga valiosa e util na hora das provações, companheira intrepida na hora das luctas, isto porque se é ao mesmo tempo um espirito culto, disciplinado, esclarecido, isto porque de cada faculdade atrophada e perdida até agora se fez uma applicação proveitosa, e racional, parece-me apenas um sacrilegio inventado por alguns homens para não confessarem o medo que sentem de ser vencidos na esphera do pensamento e do estudo pelas mesmas que téem logrado manter, atravez de todas as civilizações, n'uma tutela miseravel.

Entende-me bem, minha querida.

Quando eu falo dos direitos do nosso sexo a todas as modernas conquistas intellectuaes, estou longe de falar ou de pensar na conquista absurda dos direitos politicos, á qual tudo n'elle se recusa.

Quero a mulher no interior da sua casa, e só a quero ahi; mas quero-a conscia do papel que tem a cumprir.

Acho tão absurda e tão grotesca a mulher-deputado, como acharia a mulher-soldado ou a mulher-sacerdote.

Mas d'esta aberração, que anda agora fervilhando n'alguns cerebros doentes, á mulher consciente e forte, que as sociedades modernas téem o direito de formar, vae um abysmo.

Por uma extranha ironia social, somos nós

as frageis, as ignorantes que temos de travar dia a dia com a consciencia os mais rudes e asperos combates. E' de nós, que a natureza formou todas as fraquezas, que a sociedade exige todas as energias. No conflicto inevitavel e fatal em que uma nos tenta com todas as sollicitações, em que outra nos impõe todas as peias restrictivas, quanta força não será necessaria ás que saem vencedoras?

Pois bem, é esta delicada creatura, que tem de desenvolver dia a dia a força dos heroes, que o homem deseja conservar no mais profundo obscurantismo intellectual, sob o pretexto — de uma immoralidade revoltante, a meu vêr — de que a mulher ignorante está muito menos exposta aos erros e ás tentações do que a mulher instruida e cultivada.

Pois então a virtude feminina é o resultado d'uma ignorancia? E os deveres a que nos submettem os codigos religiosos e sociaes não passam d'uma cilada armada á nossa ingenua simpleza? Será a mulher uma fera, a que os preconceitos e as falsas noções servem de jaula?

Bem vêem, meus senhores, que essa doutrina nos levaria a conclusões atterradoras.

CARTA IV

O SECULO XIX E AS SUAS CONTRADIÇÕES

Querida leitora, mais de uma vez has de ter notado, n'estas longas palestras, quasi que exclusivamente consagradas aos interesses moraes, sentimentaes, intellectuaes do sexo a que ambas pertencemos, uma contradição que certamente te ha de ter desagradado.

Vem a ser que eu adoro o meu tempo e digo constantemente mal d'elle: que eu, filha até á medulla dos ossos, d'este seculo, entre todos radioso e querido, passo a vida a fazer-lhe o processo, e as mais das vezes a lavrar-lhe a condemnação.

Porquê?

E' difficil dar uma explicação satisfatoria e completa d'esta incoherencia, que, no fim de contas, é apenas apparente.

E' verdade incontestavel, que esta época é, nas suas linhas geraes, das mais bellas, das

mais grandiosas, das mais extraordinariamente civilizadas, das mais penetradas de amor, de sympathia, de solidariedade humana, das mais perfeitas, emfim, que a historia conhece; mas, a par d'esta corrente fecunda, civilizadora, continua, que arrasta o nosso seculo, ou antes contrapondo-se a ella e quebrando-lhe muitas vezes a força, ha uma corrente de sceptica indifferença, de egoismo esterilizador, que, se não logra absolutamente destruir o effeito do spectaculo maravilhoso a que o pensador assiste do alto da sua torre eburnea, dá no emtanto á vida de todos os dias, á vida dos individuos e das pequenas collectividades um sei quê de cruelmente desconsolador.

Porque será que o homem, considerado como a mollecula subordinada e dependente do grande organismo social, se fez tão grande, e que ao mesmo tempo o homem, considerado isoladamente, na independencia dos seus actos e dos seus sentimentos individuaes, vai amesquinhando assim?

Que extranha contradição, enexplicavel para o meu limitado entendimento de mulher, e que ao mesmo tempo me apavora e me confunde!

Dizia não sei que scismador subtil: *E' curta a vida e são longas as horas!* Eu digo que são bellos os annos d'este seculo e que são dubios e tristes os seus dias.

Se contemplarmos o conjuncto d'essa obra complexa e colossal de que o seculo xviii tra-

çou os primeiros lineamentos, e que o nosso tem, senão completado, pelo menos adeantado com actividade titanica, enche-se o nosso espirito de pasmo, de admiração, de enternecimento, de enthusiasmo e de fé.

Quantos descobrimentos feitos no intuito de melhorar o destino do homem, desde as mais humildes applicações da industria até ás mais altas syntheses da philosophia!

A machina, por toda a parte, substituindo, alliviando o braço do operario, que era hontem apenas um pária extenuado e afflicto; o jornal, o folheto, o livro, a photographia, levando ainda á mais miseravel choupana um pouco d'aquelle pão espiritual, sem o qual, no dizer do Justo, o homem não pôde viver; a rapidez electrica das communições, pondo em contacto intimo os mais afastados paizes, as mais extranhas raças; os temperamentos menos homogeneos, fazendo de tantas nações divididas, inimigas, ignoradas umas das outras, umas para as outras hostis, uma familia unica, a velha familia humana, soffrendo as mesmas dôres, alcançada pelas mesmas duvidas, pulsando ao influxo das mesmas alegrias, chorando sob a fatalidade das mesmas tristezas, amando-se, soccorrendo-se, sentindo que nem a guerra, com o seu cortejo de sinistros horrores, pôde fazer resuscitar no seio d'ella os velhos odios ferinos e selvagens de outras eras escuras.

A comprehensão de todos os deveres e de

todos os direitos politicos e civis, sentando ao mesmo banquete de fraternidade e de justiça as castas que o odioso preconceito theologico ou aristocratico separava tão despoticamente; os pobres sabendo já que têm muito que reclamar; os ricos presentindo claramente que têm muito que transigir; a caridade pondo entre uns e outros a sua doce luz consoladora, attenuando a usurpação criminosa que haja porventura no privilegio d'estes, suavizando desde já a colera que transluz irrequieta e ardente na indistincta aspiração d'aquelles; a escravatura, essa mancha negra, lavada da face da terra pelo consenso unanime das nações; as crenças individuaes respeitadas como um patrimonio sagrado em que ninguem toca; a vida do homem considerada como alguma coisa mysteriosa e divina, que a sociedade, mesmo revestida com a sua toga de juiz, não tem o direito de annullar!

Oh! e quantas mais bellas e grandes e sublimes idéas, desenvolvidas, divulgadas, applicadas!... E quantos factos decisivos e transformadores, demonstrados cabalmente!... E quantas theorias luminosas, umas já feitas leis, outras esboçadas em um fundo azul, de uma idealidade ineffavel!...

E' enorme, é de incommensuravel alcance a obra do seculo XIX, e nós, os filhos d'elle, temos de saudal-o, cheios de orgulho e de gratidão, porque o mais obscuro d'entre os que nasceram

á sua luz redemptora, é mais rico de noções práticas, de sciencia, de idéas justas, de liberdade, de sentimentos fraternos, de bondade e de amor, que os mais extraordinarios genios do passado, envolto em sombras.

Todavia, mesmo porque sob a influencia moralizadora e sublimada do nosso tempo, o nosso ideal do bello, o nosso desejo do *melhor* se depurou e cresceu, quantas contradições hoje nos magoam! quantas deformidades moraes nos entristecem, quantas incoherencias nos desnorteiam, quantos contrastes entre o que se pensa e o que se pratica nos dilaceram o coração, nos entenebrecem a consciencia! . . .

Meu Deus! Pois, percorrendo a longa, a dolorosa, a epica historia humana, tão cheia de sangue e tão cheia de lagrimas, tão purpureada de clarões de heroismo e tão manchada das sombras do crime, onde é que encontraremos uma epocha mais profundamente conhecedora do que seja o dever em todas as suas fórmias complexas, tendo mais perfeito e mais formosamente expresso o ideal da familias?

E no emtanto não estamos nós vendo a cada passo a flagrante e dolorosa contradição entre esse ideal e a sua realização prática?

Dois seres, que um pelo outro se completam, reúnem-se para fundarem uma familia. *Elle* sabe tudo que precisa de ser, para cumprir dignamente a missão que acceitou; *ella*

nem sempre *sabe*, mas é raro que na primeira iluminação do seu amor feliz o não advinhe.

D'alli a pouco, porém, os dois espiritos divorciados não têm uma unica idéa que a ambos seja commum, não têm uma unica aspiração que a ambos sorria.

Julgam-se ambos lesados no contracto que fizeram, e se porventura os não separa a antipathia e o odio, gela-os a mais completa, absoluta e esteril indifference!

D'este estado de coisas, que tem muitissimas excepções, mas que é quasi geral, quem e o principal culpado?

E' o homem? é a mulher?

São ambos?

Na maior parte das vezes a verdade é que são ambos, cada um conforme o seu temperamento, cada um conforme a sua educação, cada um conforme a especie particular do seu egoismo.

Conheceram-se pouco antes de se unirem para sempre; *ella* leva para o casamento, para esse estado tão cheio de duros deveres, os sonhos de um exaltado romantismo, ou as aspirações de um luxo desconhecido, ou os desejos de uma independencia indomita, ou — o que é talvez de tudo o mais perigoso e o mais cruel para ella — o ideal de um amor sem quebras e sem mentiras.

Elle casou por mil considerações de interesse muito acanhado e rasteiro, ou casou por-

que *n'aquelle momento* considerava como a suprema felicidade o casamento, que mais tarde tantos arrependimentos lhe ha de custar.

Nenhum dos dois, um por indiferença, outro por falta de bem entendida educação, comprehende, que esse acto que vai praticar é como a entrada solemne de uma vida nova, em que duas almas devem dia a dia depurar-se, unir-se, identificar-se, formar a pouco e pouco *uma só*, movida pelo mesmos deveres, dominada pelas mesmas convicções, agitada pelas mesmas dôres, illuminada pelas mesmas alegrias, inspirada pelo mesmo ideal!

Nos primeiros dias, quando *ella*, a creança de hontem, acorda mulher, eterna Eva que o pomo de arvore vedada tranfigura, quando *elle*, feliz ao sentir-se quasi deus—porque é ser deus ser creador — se enleva no seu triumpho, se revê embevecido na sua obra, era facil a ambos penetrarem-se moralmente, *amarem-se* no bello e amplo sentido da palavra, e começarem juntos essa vida de mútua dedicação, de sacrificios compensados pela alegria de os haver feito, de pequeninas transigencias caridosas, que a pouco e pouco, lentamente, quasi que insensivelmente levariam á unificação profunda dos dois seres ha pouco separados e distinctos.

Mas n'esses dias, nem um nem outro pensa senão em colherem avidamente a flor ephemera da sua egoistica paixão!

Fingem, dissimulam um em frente do outro,

escondem todos os defeitos, procuram pôr em relevo todas as qualidades boas ou attrahentes, representam de boa fé uma comedia, de que ambos sahirão aborrecidos, porque sahirão saciados.

A pouco e pouco a exaltação apaixonada e cega extingue-se, a vida com as suas exigencias, com os seus attrictos, com o eterno conflicto dos seus interesses e das suas paixões reclama-os de novo, e desconhecidos um para o outro, ou desconsolados um do outro, o caso é que cada um dos dois vai atraz do que mais lhe captiva a fantasia ou mais lhe seduz os gostos e os instinctos.

Estabelece-se entre os dois espiritos uma separação perfeita.

O homem procura a politica, a industria, as altas combinações financeiras, se é ambicioso de honras ou de riqueza; a arte, se é artista; a sociedade e os prazeres, se é simplesmente um frivolo, isto sem se dignar sequer confidenciar á mulher os sonhos que o alimentam e que o chamam. A mulher entretém-se com as mil pequenas occupações da vida caseira ou da vida mundana, as mais das vezes com as de ambas estas vidas, e nem um nem outro se lembram de que entre os dois, gostos, occupações, desejos, alegrias ou penas, tudo deve ser commum para que tudo se não torne esteril e morto.

Imagine-se a perturbação profunda que o divorcio intellectual e moral d'estas duas par-

tes do mesmo todo deve determinar na familia, na sua economia, na sua ordem, no seu conchego intimo, na sua moral.

Porque, se elles só padecessem, era talvez justo castigo de delictos que aos dois são communs, mas . . . os filhos?

Oh! os filhos é que são as grandes victimas, é n'elles que repercutem todos os erros dos paes, são elles os que soffrem de todos os peccados que não fizeram, são elles que, continuando a série de contrasensos que viram commetter, tornam impossivel toda a futura regeneração da familia, essa regeneração que tantos sonham e tão poucos realizam!

Compete mais á mulher do que ao homem advogar esta causa santa.

Não é ella que mais tem a ganhar com a justa comprehensão dos deveres domesticos? Não é ella quem mais padece na grande e infecunda tristeza, que hoje parece cobrir a maior parte das casas de um crepe de melancholia sem nome?

Chamem-me embora monotona, ou chamem-me declamadora; eu pedirei ás mulheres, ás minhas irmãs na dôr, ás minhas irmãs no captivo dos preconceitos crueis, que luctem unidas pelo bem, que tentem realizar no interior das suas casas o ideal de harmonia intellectual, de paz perfeita, que tão divinamente nos soube descrever e ensinar o nosso grande amigo morto, que se chamou Michelet.

CARTA V

CONFLICTOS MODERNOS

Tudo que eu disse da grandeza incontestavel do nosso tempo, é verdadeiro e comprovado por factos que não deixam lugar á menor duvida. E o que accrescentei das tristezas profundas que o envolvem, não é menos verdadeiro, e, se não póde tão facilmente ser provado, póde ser *sentido*, o que é talvez o melhor modo de provar seja o que fôr.

A que se deve esta contradição, que nós as mulheres estamos no caso de avaliar ainda melhor do que o homem, pois somos aquellas que mais soffremos da sua cruel e desoladora influencia?

A simples observação d'este momento social que atravessamos nos deixa claramente ver, que é elle um momento de crise aguda, de transição entre dois estados contrarios.

Muitas das instituições que foram o pro-

ducto natural do estado religioso, social e politico das velhas sociedades subsistem de pé ; outras, que formavam com aquellas um todo organico, um conjuncto harmonico, cahiram pela base, e são substituidas, ou vão sel-o proxivamente por novas instituições de indole inteiramente diversa, contrária mesmo, as mais das vezes, ás que se destruíram já e ás que ficaram ainda.

D'aqui resulta o seguinte: no seio da mesma sociedade, influindo na mesma geração de individuos, idéas que se combatem entre si, instituições que são a negação umas das outras, noções que se contradizem flagrantemente, sistemas que se desmentem, philosophias que umas pelas outras se destroem, methodos de educação de uma incoherencia verdadeiramente monstruosa; em muitos casos, debaixo da fórmula que subsiste inalteravel e inteira, idéas que se modificaram, ou vazio absoluto que se fez; affirmações que encobrem scepticismo; ritos visiveis sob os quaes se abriga a incredulidade ou a indifferença.

Na civilização que vai morrendo, substituida a pouco e pouco pela civilização mais alta que desponta, não houve, como na transição entre a idade pagã e a idade moderna, a inundação feroz e sanguinaria dos barbaros, que atirou a terra, brutalmente, com tudo que existia, creando de novo uma fórmula social inteiramente outra.

D'aqui menos desastres patentes a todos os

olhos, mas o desastre moral, que é determinado nos espiritos pelo estado contradictorio e doloroso que mais se sente do que se define, e que é hoje a partilha fatal de todos os que não são inteiramente nullos, ou não téem esse dom de videntes, que penetra atravez das distancias e dos seculos, e assiste á lenta elaboração invisivel dos phenomenos sociaes.

A idéa religiosa, que devia transformar-se, acompanhando a transformação fatal das sociedades, ficou para os catholicos encerrada na antiga fórmula, a cada instante contrariada ou transbordada pelas modificações operadas em tudo o mais. D'aqui a eterna lucta da consciencia feminina, a quem ensinam a acreditar uma coisa e a praticar outra.

O catholicismo imprime á alma juvenil um molde que o mundo desformiza ou altera immediatamente.

— Onde está a verdade?! — pergunta o apavorado espirito da creança, que vai ser mulher.

E os que a cercam, em vez de a elucidarem, desnorteiam-n'a dando-lhe o exemplo do absoluto contraste, que existe entre tudo que se préga e tudo que se executa.

— O melhor é não pensarmos mais n'isto.

E a esta abstenção de todo o pensar elevado, e a esta demissão egoistica de todas as fecundas luctas da consciencia segue-se a gelida indiferença, o mal disfarçado scepticismo,

que descansa á sombra esteril de todas as práticas minuciosas e desallumiadas do minimo vislumbre de fé. E' tão delicado, tão melindroso, tão cheio de perigos este assumpto, que só muito a medo me atrevo a falar d'elle, mesmo ao de leve.

Reconheço, porém, que, para nós mulheres, elle é dos mais importantes, pois que tem fundas ramificações em todos os actos da nossa vida, em todas as determinações da nossa razão.

O conflicto entre a sciencia e a fé, esse medonho conflicto que existe desde muito, mas cuja explosão geral se manifestou n'este seculo, produziu como inevitavel consequencia todas as perturbações que agitam, convulsionam, dilaceram a consciencia moderna.

Dissidentes houve-os sempre; sonhadores incontentaveis que, além do que existia, aspiravam a alguma coisa mais nova e mais perfeita, isso aponta-os a historia desde a sua infancia.

É por ter havido d'esses gloriosos precusores de todas as verdades, que a humanidade tem podido caminhar. Cada uma das acquisições, que constituem o enorme, o colossal patrimonio de hoje foi feito á custa de luctas dolorosas, em que morreram martyres, em que succumbiram sociedades.

Mas a hora da lucta é sempre tragica para as gerações que assistem a ella; mas a gene-

ralidade do conflicto, determinada pela generalidade dos conhecimentos, torna este o mais terrivel, o mais dramatico, o mais doloroso de todos, por que é aquelle em que maior quantidade de individuos soffre as suas consequencias e as suas dôres.

N'este conflicto, a maioria dos homens, ou por convicção ou por egoismo, vai na moderna corrente; a maioria das mulheres deixa-se contaminar lentamente da indifferença ou do scepticismo dos maridos, mas conserva a contento, e quasi que por expressa determinação d'estes, todas as exterioridades do culto, cujo espirito, cuja alma interior nem trata de conhecer ou desvendar.

Triste, crudelissimo estado de coisas, que prescreve um ideal sem ter creado outro, e que não deixa á mulher a graça ineffavel d'aquella fé sincera, que antigamente a amparava em todas as luctas moraes que no seu espirito se feriam.

E se o homem ao menos tratasse de levantar ao lado da doutrina cuja luz vivificadora se vai apagando, uma doutrina que bastasse ás aspirações irrequietas da nossa alma, ás exigencias do nosso ser!... Mas não!

Contenta-se em querer que a mulher cumpra as práticas d'uma religião, que elle proprio não segue.

Satisfal-o a fórmula externa de um sentimento morto.

Não permite que a mulher seja verdadeiramente e genuinamente devota, no bom sentido da palavra; trata de combater n'ella a fé verdadeira, muito embora exagerada, e tão sómente admite que ella siga os usos e as praes estabelecidas, applaudindo-se d'esse compromisso habil, que harmoniza os preceitos da sociedade com o seu ponto de vista philosophico.

Este mal que eu aponto não tem cura. E' claro que esta crise deriva de milhares de causas, que este momento historico se filia na longa serie de phenomenos sociaes que a vontade humana não póde combater, nem a intelligencia humana subordinar.

E no entanto é claro também, que não havendo, por ora, uma moral positiva, independente da moral religiosa, o relaxamento do dever, o desenvolvimento do egoismo, a indiferença pelo bem, o desalento morbido do espirito, o desdem pelos grandes interesses espiritualistas ha de provir necessariamente d'elle.

A fé que está em nós, no mais intimo e no mais recondito do nosso coração e do nosso espirito não depende, porém, de nós.

Pobres vermes de um dia, qual é a liberdade que, no fim de contas, gosamos, apesar da nossa eterna e sempre mentida visão de liberdade?

A atmospherá que encontramos ao entrar

na vida determina o nosso modo de sentir e de pensar.

Somos o que é o nosso tempo, e só muito de vagar, muito imperceptivelmente é que o esforço de alguns, que vão adiante vai modificando o nosso tempo através de nós. Esta relação reciproca é inevitavel e fatal.

Ninguem escapa a ella, nem os maiores.

Socrates não seria hoje o que foi no seu tempo, nem Spinoza seria o que foi, no tempo de Socrates.

Portanto eu não me revolto contra este seculo, porque a fé com todos os seus extases com todas as suas affirmações luminosas, morreu ás mãos implacavelmente analyticas da sciencia; lamento apenas as tristes condições de que é origem este momento critico a que assistimos.

A fluctuação de opiniões e de idéas, a impossibilidade para o pensador positivo de formular um código moral, cuja base não seja o código religioso, a confusão que resulta, para os espiritos medianos, d'este desabar de instituições velhas e germinar de novas instituições, esta incerteza do dia seguinte, ao ver uma theoria de hontem radicalmente destruida por uma theoria de hoje, esta audacia do homem, que tenta libertar-se de todas as cadeias que o prendiam, e affirmar uma independencia absoluta no meio das ruinas e dos escombros de todos os systemas... tudo isto produz no

espírito de cada individuo um não sei que de morbido e desalentado, que lhe rouba o animo, a energia e a vontade, e que o deixa como que vagar á mercê das circumstancias sem um plano determinado e firme a que subordine as suas suas acções.

A mulher, educada sob a influencia deleteria d'esta situação, é o que nós vemos.

Não tem a minima idéa das responsabilidades que lhe incumbem, nem dos altos deveres que necessita de cumprir.

Se o marido hesita entre o interesse e o sacrificio, nunca é d'ella que parte a idéa de optar pelo sacrificio.

Se o marido lhe dá a escolher entre a vida ruidosa da sociedade com as suas pompas e com as suas humilhações, com os seus triumphos e os seus despeitos, com as suas transigencias e os seus combates frivolos, ou a vida domestica, serena, calma, concentrada, consagrada ao dever de todos os minutos, e tendo no sacrificio continuo a sua propria compensação, é rarò que ella escolha a vida domestica.

Se nasce boa, e as circumstancias se não reúnem como um assalto tentador a essa bondade, conserva-se boa; se a paixão se levanta com o seu cortejo de allucinamentos febris e de impetos violentos, ella não encontra nem em si, nem no homem que escolheu como conselheiro e como guia, nem no meio que a envolve, nem na educação falsa que lhe deram os

elementos indispensaveis para resistir a essa paixão dominadora, e subjugal-a e vencel-a em nome do eterno dever!

A religião, segundo o que ella tem ouvido mil e mil vezes a seu marido, não passa aos olhos d'elle d'um culto exterior que é de bom gosto cumprir. Em moça era crente, tinha devoções innocentes, gostava de dizer á Virgem Maria, nas suas preces virginaes, tudo que sentia e tudo que sonhava. Isso tudo lhe roubou o marido a pouco e pouco sem lhe dar nada em troca. Foi elle quem lhe disse, logo nos primeiros dias de casada, que detestava devotas, «e que a respeito de religião só o necessario e mais nada.»

A mãe, já ensinada assim pela sua propria mãe, ensinara-lhe todas as virtudes por um pequeno livro chamado *Cathecismo* e sempre em vista da salvação da sua alma, nunca fazendo-a conceber, independentemente de qualquer fórmula religiosa, um ideal de bem, superior e indestructivel. Visto que o marido lhe affirmara depois que o *Cathecismo* era aos seus olhos a pragmatica de um rito, que auctoridade tinha elle agora, porque isso lhe convinha, para lhe prescrever os mesmos deveres, sem lhe dar para estes a mesma base, ou antes não lhe dando base alguma?

Se queriam que ella fosse heroica no bem, porque é que lhe não tinham ensinado todas as delicias austeras da abnegação, porque é que a

não tinham esclarecido, engrandecendo-lhe e ampliando-lhe os horizontes do seu espirito?

A sua educação incompleta dava como resultado a sua idéa incompleta do dever.

Ninguém, nem os que a haviam educado mal primeiro, nem os que a haviam pervertido depois, tinha o direito de queixar-se d'ella!

E que pôde a isto responder o homem, o homem que julga ter preparado a mulher para o duro, para o complicado, para o asperrimo sacerdocio da vida, dando-lhe umas noções elementares e umas regras empyricas como noviciado, e revelando-lhe depois ao espirito, que a ignorancia conservou infantil, a inanidade das suas proprias crenças, a superficialidade das suas convicções, o desalento que o corroe, a cruel incerteza que n'este momento o desnorteia?!

Não percamos, porém, a coragem deante d'este spectaculo que se nos desdobra deante do olhar. E' fóra de duvida que a sciencia, mesmo revelando-nos a sua ultima palavra, nunca satisfará o nosso sonho insaciavel de infinito, a nossa vaga aspiração ao incognoscivel.

Esta religião do ideal, que toda a mulher superiormente esclarecida pôde harmonizar com o puro espirito do Evangelho, consola-nos muito e muito nos ensina.

Que ella sobredoire com a sua doce luz, serena e pura, o nosso viver, e conseguiremos, sem ter resolvido nenhum problema, conciliar todas as hostilidades latentes que nos cercam,

e determinam na sociedade este vago mal estar.

A mulher deve lembrar-se que a familia é a arca santa onde ella póde refugiar-se de todos os desastres. Purifiquemos, elevemos e engrandecemos a familia, e para isso eduquemos a mulher!

Não se lhe occulte nenhuma das graves e decisivas questões que se agitam, e que tendem a crear, á luz de uma nova philosophia, um novo ideal da vida.

Demos uma direcção inteiramente diversa ao seu espirito, façamol-a encarar de frente os problemas de que vai sahir uma civilização mais perfeita.

Luz em jorros sobre a intelligencia d'essa eterna pária de quem tudo se exige e a quem nada se concede! Independencia para o espirito d'essa pupilla de seculos que não sabe sequer administrar o seu patrimonio intimo!

Pouco a pouco estes elementos que hoje se combatem hão de ir harmonizando-se, coordenando-se, completando-se, e uma geração mais feliz succederá á nossa geração atormentada, mas gloriosa. Caber-nos-ha a honra suprema de não termos tido medo ás tremendas interrogações que de toda a parte se levantam, e das nossas agonias, das nossas luctas moraes, das nossas dôres dilacerantes, das nossas vacillações tragicas, far-se-ha a tranquillidade e a paz que ha de aureolar suavemente a frente dos nossos filhos e dos nossos netos.

CARTA VI

CONFLICTOS MODERNOS

II

N'outro dia, á sombra das arvores, estava eu lendo um livro do nosso velho e grande amigo Michelet, quando se me depararam estas linhas, que me foram direitas ao coração :

« O homem deve alimentar a mulher. Cumpre-lhe a elle alimentar espiritual e materialmente aquella que o alimenta com o seu amor, com o seu leite, com o seu sangue. A's mulheres das classes abastadas, áquellas que parecem viver no doce conchego da familia, ás brilhantes, ás felizes, qual é o alimento espiritual que nós damos ?

« E as pobres, as isoladas, as laboriosas, as desgraçadas, as que tentam ganhar o pão de cada dia, que auxilio encontram em nós para alcançarem o alimento material que procuram?

« Essas mulheres, que são ou que serão

mães, deixamol-as jejuar (de alma ou de corpo), e somos nós os castigados na geração que provém das entranhas d'ellas, do nosso desleixo em lhes proporcionarmos aquillo que mantem e fortalece a existencia.

« Não é que falte ao homem a boa vontade, concedo. Falta-lhe, porém, o tempo e a attenção. Vive-se á pressa; quasi que se não vive. Persegue-se com aspera ambição um fim pequeno, e deixa-se de lado os que são os verdadeiros fins da nossa vida! »

Estas palavras do velho apostolo da religião da mulher, impressionaram-me profundamente, porque corresponderam a alguma coisa, ainda não formulada, que havia dentro do meu coração. Sim, á mulher falta principalmente esse alimento espiritual, que lhe restauraria o depauperado cerebro, e a que o grande evangelizador se refere n'aquellas phrases.

Depois continua:

« Trata-se da familia. Do asylo onde todos nós quizeriamos, após tanto esforço inutil e tanta illusão perdida, repoisar o nosso cansado coração!

« Voltamos tão exhaustos de forças ao lar domestico!... Encontraremos lá porventura o descanso que nos falta?

« Não devemos dissimular, mas sim confessar francamente as coisas taes quaes ellas são:

ha na familia um grave dissentimento, o mais grave de todos que podia haver! É-nos licito falar ás nossas esposas, ás nossas filhas, dos assumptos em que falamos aos indifferentes, dos negocios, dos acontecimentos correntes; mas do que não lhes podemos falar de modo algum é das coisas que interessam o coração e a vida moral, das coisas eternas, da religião, da alma, de Deus emfim! Escolhei o instante em que é natural, que a gente goste de recolher-se com os seus em um pensamento commum, a ceia por exemplo, o repasto nocturno à mesa da familia. E n'esse momento, em vossa casa, no vosso proprio lar, ousai dizer qualquer palavra que se refira a esses assumptos graves! A mãe abana tristemente a cabeça; a esposa contradiz as nossas opiniões; a filha, silenciosa, desaprova com o olhar... D'um lado da mesa estão ellas todas em grupo... do outro lado estareis vós sósinho, isolado...»

A linguagem imaginosa de Michelet põe aqui, com a clareza e a sensibilidade que o distinguem sempre, o terrivel problema moderno, em toda a sua dolorosa crueza, em toda a sua difficuldade insolavel.

O nosso tempo tem dentro de si esta lucta medonha: o homem, que, forte da nova sciencia, oppõe a sua invencivel incredulidade aos velhos dogmas; a mulher, que por educação, por tradição, por sentimento é consciente ou

inconscientemente catholica, e que, portanto, se sente a mil leguas do seu companheiro da vida n'este assumpto sagrado, de todos, de certo, o que tem mais decisiva influencia no nosso destino moral.

Como remediar este desastre, que tantas coisas determinam, que tantas circumstancias aggravam?

Póde levar-se a mal a toda a mulher, que, desarmada na lucta da vida, sem ancora n'este mar procelloso em que as paixões, indomaveis como feras, se debatem entre si rugindo furiosamente, sem outra consolação que não seja a d'uma bemaventurança que sorri de longe, de muito alto, atravez dos supplicios da existencia terrestre, se refugie aos pés da cruz, pedindo ao grande martyr a força passiva, que elle teve para se deixar morrer por uma idéa?

Póde accusar-se a fragil creatura por pedir a força, que lhe falta, a essa crença, entre todas consoladora, entre todas inspiradora de sacrificios grandes e abnegações sublimes?

Não, de certo.

E se alguma coisa entristece hoje a alma feminina, é o sentir que essa fé vai esmorecendo, que essa esperança tão vivaz se vai nublando, que a palavra da lei vai substituindo o seus espirito, que a devoção se vai tornando apenas a fórmula ôca d'um sentimento quasi extincto.

Póde lançar-se em rosto ao homem o lento

desvanecer da sua esperança immortal? Também não, Vão-se alargando os horizontes, vão-se desvendando os mysterios; a sciencia na sua implacavel demonstração de todas as horas, vai desmoronando pedra a pedra o monumento do passado.

O mundo que habitamos, grão de areia gravitando no espaço, ponto imperceptivel no immenso livro do universo, perdeu a sua importancia, a sua significação, os seus direitos por tantos seculos sagrados. Nós não somos o centro d'onde tudo parte, e do qual tudo depende. Somos o elo d'uma cadeia infinita, somos a parte minima d'um systema cuja immensidade nos deslumbra e nos humilha.

A nossa grandeza verdadeira começou no momento em que podemos comprehender quanto eramos pequenos!

Quando nos julgavamos reis, não passavamos de escravos, escravos da propria ignorancia, cegos perdidos em uma treva sem fim!

Julgavamos-nos os filhos primogenitos do Creador, tinhamos orgulho da quéda que nos precipitara do Eden, e que nos condemnara ao trabalho, á dôr e á morte.

De quasi anjos, tinha a curiosidade da nossa primeira mãe feito de nós os filhos do erro e da desgraça, mas nem por isso a amaldiçoavamos, tal era o orgulho da nossa grandeza decahida.

Mas pouco a pouco, lentamente, por vias indirectas, por processos suavemente disfarçados,

a natureza foi-nos revelando os seus multiplos segredos, a vida foi-nos desnudando os seus mysterios occultos, e, não contentes com o conhecimento cada vez mais intimo e mais minucioso da terra que habitamos, a nossa imaginação não teve medo de perder-se no espaço incommensuravel, e foi lá pedir a chave do enigma, que era a um tempo o nosso tormento e o nosso orgulho.

Quantas coisas sabemos hoje que não sabiamos! quantas falsas vaidades de que nos alimentavamos cahiram por terra!

Não, não somos os filhos decadentes d'uma raça divina, somos os sublimes resgatados da escravidão animal. Não cahimos do céu por culpas que não commettemos! subimos até elle, pelo esforço intemerato e perseverante da nossa intelligencia e do nosso amor. Vimos de baixo, não nos despenhamos lá de cima. Não descendemos dos deuses, como os lendarios fundadores da Roma dos Cesares, mas temonos tornado maiores do que elles, pelo poder do trabalho, pelo poder do pensamento, pelo poder da virtude!

Sabemos já o segredo de muito do que nos cerca; só não temos ainda o segredo da centelha immortal, que nos anima, e que faz com que o peculio, humilde embora, de cada um, constitua com o andar dos seculos o thesoiro sublime e inexgotavel de todos!

Temos, porém, um defeito: o orgulho!

Da nossa sciencia, incompleta ainda, fizemos um systema fatalmente imperfeito. Negamos que existia tudo aquillo que ainda não foi demonstrado aos olhos da nossa limitada e restricta intelligencia.

D'aqui a tremenda negação, que atiramos imperturbaveis a tudo que ainda não vimos nem palpamos.

Isto que a sciencia moderna diz, pela palavra do homem, assusta as mulheres como um sacrilegio sem perdão.

D'aqui o divorcio estabelecido entre o espirito ignorante, que se submete ao passado, e não quer ver nada além da doutrina com que o alimentaram, e o espirito orgulhoso, indisciplinado, ebrio de sciencia, do homem, que julga ter vencido tudo, porque soube arrancar á natureza o segredo de todas as leis, que d'antes o aterravam e enchiam de angustiosas cogitações.

Não sei se o tempo destruirá este divorcio, hoje latente, e mais visivel nos seus resultados moraes do que nas suas manifestações práticas.

Talvez fosse bastante para o attenuar, que o homem tivesse menos orgulho do presente, e a mulher menos submissão ao passado. A verdade, porém, é que emquanto esta divergencia intima existir, o mal estar da sociedade, a permanente e desnorteadora contradição de todos os phenomenos da vida moral, são incuraveis.

D'uma parte está a sciencia, com as suas formidaveis negações e com as suas affirmações absolutas; da outra está a Egreja com a sua inquebrantavel resistencia ás doutrinas, que hoje determinam e regem a existencia da sociedade civilizada.

A corrente do seculo desbordou esse leito phantastico, que a Egreja tinha marcado á humanidade. As leis, os costumes, a arte, a litteratura, a economia, a moral, a vida emfim, nos seus aspectos multiplos, e nas suas ramificações variadissimas, téem-se transformado, modificado, ampliado, obedecendo á influencia directa ou indirecta, immediata ou remota, que as successivas e imprevistas descobertas do homem téem operado n'ella.

A Egreja, porém, com uma obstinação, que seria sublime se não fosse funesta, ficou no ponto em que estava, submettendo ao seu imperio invariavel e immobilizado o espirito fragil da mulher, abalado ainda assim pelas contradicções, que fatalmente surgem entre os preceitos da fé que lhe impõem, e os preceitos do mundo em que vive.

E se ao menos ella achasse a tranquillidade ao pé do altar! . . . Mas não acha. Ella não se furta alli completamente ás irresistiveis influencias que a penetram de todos os lados; é debalde que se apega á lettra; o espirito esvai-se ao contacto das realidades mundanas.

Realiza inteiramente o contrario d'aquillo

em que parece acreditar, e o padre, que a dirige e que a absolve, não leva a sua coherencia ao ponto de exigir, que ella estabeleça uma harmonia perfeita entre aquillo que acceita como lei superior da sua vida, e aquillo que pratica, obedecendo ás exigencias sociaes determinadas por uma corrente de idéas inteiramente oppostas ás d'elle.

Então o pobre espirito feminino, dilacerado por estas contradições, ou sossobra, naufraga, e se despedaça na lucta, ou pede á indifferença, ao esquecimento, ao lethargo intellectual, o remedio para estes combates moraes, que pelo menos elevam e fortalecem todo o animo em que se travam!

E se o homem fosse um pouco menos absoluto, um pouco menos orgulhoso, um pouco mais compadecido da delicada creatura, que ao lado d'elle agonisa silenciosa ou inconsciente?!...

Se elle, deixando á mulher a doce poesia da sua fé, essa claridade consoladora e vaga de lenda com que a religião tanto nos captiva e prende, a fosse iniciando ao mesmo tempo a pouco e pouco na religião tão ampla, tão reconfortante da sã natureza? Se elle, sem nos roubar inteiramente ás esperanças, ás alegrias, ás promessas mysteriosas d'uma eternidade compensadora, nos levasse pela mão, bondoso, indulgente e forte até á montanha ideal, onde a vida nos apparece illuminada por uma luz superior

á luz que irradia de si os diversos despotismos doutrinarios?! . . .

Se elle, em vez de assustar a mulher, com uma negação arida e cruel, que fere os seus delicados instinctos, que a deixa sem recurso algum no medonho combate da existencia, tão esmagador para ella sempre, a fortalecesse moralmente, lhe explicasse com a lucidez da intelligencia, e com a ternura da bondade, que o Deus que ella adora, e cuja perfeição a atrai e alimenta, póde não estar apenas encerrado nos limites restrictos d'um dogma, d'esse dogma que condemna ás chammas eternas todo aquelle que discrepar d'um só dos seus pontos de doutrina, quer dizer, quasi todos os que o mundo lhe tem ensinado a venerar como martyres, a respeitar como benemeritos da civilização?! . . .

Se cada chefe de familia fosse o dispensador do alimento espiritual de que fala Michelet?! . . .

Pobre de mim! Ouvi n'este momento a estri-dente gargalhada ironica com que os leitores acolheriam esta parte da minha carta, se as minhas cartas, inteiramente femininas, tivessem porventura um só leitor! . . .

A vida moderna é rapida, é exigente, é complexa, é positiva em excesso, para admittir sequer a realização d'estas chimeras.

E' debalde que eu intento consolar-te, ó mulher, ó minha pobre irmã! Como hei-de conseguil-o, se eu propria me agito e me contorço

nas mesmas dúvidas, nas mesmas angustias moraes, que tu não sabes acalmar ?!

A questão religiosa, que d'antes, nas epochas mais tenebrosas, porém mais logicas e mais coherentes, fez correr rios de sangue, faz hoje ainda sangrar invisivelmente o coração de todas as mulheres.

Ellas ás vezes nem sabem por que soffrem, pobres ignorantes ! mas a dôr que as punge, mas a isolação moral em que se encontram ao pé dos maridos e dos irmãos, mas as luctas a que ellas succumbem por falta de ponto de apoio definido, mas as contradições dolorosas que as atormentam, têm por causa indirecta, imperceptivel ás vezes, esta incerteza, esta oscillação moral, esta falta de solidariedade na familia, esta hesitação insanavel em que as almas modernas perdem a noção de tudo que é justo, e a força de tudo que é difficil.

CARTA VII

O DIVORCIO E A CARICATURA

Pariz é a cidade que ri, que ri de tudo, por tudo, atravez de tudo; que ri nos momentos mais solemnes como nos momentos mais comicos; em frente dos problemas mais importantes e mais complexos, como em face dos assumptos mais frivolos.

Na hora tragica, na hora funebre, na hora angustiosa, na hora em que a revolução agita e sacode a sua bandeira sanguinea, em que a guilhotina recorta implacavelmente no espaço o seu vulto sinistro; na hora em que a fome, penetrando na cidade assediada, se assenta ao pé de cada lar sem lume e de cada mesa sem pão; no momento em que a tyrannia, sobrepondo-se a todas as revoltas da consciencia pública, de cada cabeça que se levanta faz uma

cabeça inerte e decepada, Pariz, a cidade da ironia, nunca deixou de rir.

E' a faculdade mais caracteristica, mais original com que ella se impõe ao nosso espanto!

Quando todas as nações choram e se lamentam, a soberba cidade, que reina victoriosa no mundo dos espiritos, vinga-se pelo riso de todas as injustiças, de todos os supplicios, de todas as dôres, de todas as tyrannias!

Imaginem, pois, quanto ella não rirá em frente d'esta questão enorme, complicada e curiosa que se chama divorcio.

Por eu dizer que Pariz ri, não digo que ella deixa de pensar.

Tem pensado muito, o que não obstou a que estabelecesse na sua legislação essa solução violenta ao problema do casamento, solução tão antipathica ás raças latinas, e que nunca em um paiz catholico ds costumes, catholico de tradições, muito embora já não seja catholico de crenças, conseguira resolver nada, attenuar nada, remediar nada.

Os dramaturgos, os contistas, os criticos, os observadores, os jornalistas, os caricaturistas sobretudo, pegaram no divorcio e fizeram d'elle o seu assumpto predilecto, o seu thema obrigado, o alvo favorito dos seus mordentes epigrammas, o estudo preferido do seu lapis ou do seu pincel.

Os albuns de caricaturas, cujo assumpto

exclusivo é o divorcio, inundam, Pariz, e inundam por consequencia o resto da Europa.

No outro dia, por exemplo, vieram-me á mão dois cartões—photografias—que se faziam mutuamente *pendant* e cujo thema era o seguinte:

N'um dos cartões tres retratos do mesmo homem.

Primeiro retrato: Uma cara de sujeito perfeitamente radiante. É noivo. Inunda-o a mais viva e a mais completa felicidade. Antevê gosos celestes na posse da bem-amada. Sonha delicias ideaes e não ideaes antes de transpor a porta do templo, onde vai receber o dom definitivo e legitimo d'aquelle amor virginal que o solicita, embriaga e enlouquece de ventura.

Segundo retrato: É marido. O sonho desfez-se. A visão transformou-se em uma realidade profundamente melancolica. Tudo que elle imaginara era no fim de contas um exaggero da phantasia. A coisa é muito peor do que lh'a tinham pintado. Não tem um momento de descanso. Tem de correr de baile em baile, de sarau em sarau, de passeio em passeio. Os *outros* é que téem todos os sorrisos e todas as graças; *elle* tem simplesmente todas as massadas! Os *outros* dão o braço; *elle* leva as capas, os abafos, as mantas e o leque. Os *outros* trazem provisão de dictos espirituosos, que excitam o riso mais gracioso e o applauso mais delicado; *elle* anda com muito somno atrazado e aproveita todos os minutos para

dormitar atraz de uma porta ou no fundo sombrio de um camarote. Para os *outros* é que ella se enfeita; a *elle* apparece-lhe de papelotes e com o rosto untado de *cold-cream* e de glicyrrina. Os *outros* gosam a flor artificiosa e perfumada da complicada *toilette* que ella inventou; *elle* serve unicamente para a pagar.

Os *outros* valsam com ella; *elle* joga o *whist*, furioso por não saber com quem ella anda valsendo. A casa serve para descançar das fadigas passadas, fantasiando fadigas futuras; é fóra de casa que ella brilha, conversa, ri e ostenta os primores do seu espirito, as riquezas do seu thesoiro intellectual.

Na cara do infeliz reflectem-se todas as meditações a que este estado de coisas dá origem. Decididamente, a emboscada em que o metteram é da peor especie! . . .

Terceiro retrato: Oh! delicia! O irreparavel emendou-se, o nó gordio foi desatado, a prisão perpetua teve commutação, o divorcio enfim cortou todas as difficuldades, desfez todas as tyrannias da situação amaldiçoada. O rosto do preso, a quem deram a almejada liberdade, exprime com eloquencia comica este pensamento: «N'uma todas caem, mas em duas?! Apanhem-me outra vez, se são capazes! . . .»

Nada mais frisantemente ironico do que este terceiro retrato.

A bocca escancarada, a testa franzida, os olhos muito abertos, exprimem alegria, espanto,

sensação de libertamento consolador, uma satisfação plena e inteiramente comica!

Uf! Viu-se livre d'aquella e ainda não o pôde acreditar. O que predomina no espirito do divorciado, no momento psychologico em que o retrataram, é o espanto grotesco de se achar livre quando menos o esperava, quando tudo e todos lhe tinham dicto que a coisa era de vez, era para sempre, era irrevogavel, era eterna, era impossivel de desmanchar nunca mais. O terrivel *nunca mais*, que tanto aterra o inconstante, voluvel e fragil animal humano! . . .

O segundo cartão de que falei, traduz uma impressão, ou antes tres impressões, inteiramente identicas ás do homem; mas afinadas e espiritualizadas pela feminilidade da que as exprime.

A *noiva* é encantadora de curiosidade ingenua, de graciosa e como que assustada interrogação. Os seus grandes olhos pasmados parecem avistar a esphinge mysteriosa, indecifrável, cujo segredo elles procuram anciosamente sondar.

O que ha por detraz do véo sagrado que vae rasgar-se?! Que alegrias, que dôres, que extasis, que amarguras lhe guarda esse futuro que vae desdobrar-se deante d'ella, rico de sensações ignotas e de extranhas e ambicionadas revelações?!

E, pensativa, docemente inquieta, ella scisma, entre o receio e a curiosidade, entre a duvida e

o sonho, entre a aspiração vaga e a indefinível saudade!

A *esposa*, Eva que já conhece os travores do pômo vedado, tem na physionomia um como que entranhado desalento, uma como que frustrada esperança, uma decepção de que ella propria não sabe descrever nem definir as melancolias intraduzíveis!

Pois que! A vida então era só aquillo... Tinha sonhado tanta coisa, tinha acariciado com tanto enlêvo as azas fulvas da sua chimera!... Imaginara uma união tão intima de dois espiritos, um accordo tão completo de duas vontades, uma harmonia tão unisona de dois pensamentos!...

E divergiam em tudo!... Em tudo, Santo Deus!

Elle era espirito forte, ria-se dos que têm crenças, achava a religião boa para o povo e para as mulheres; *ella* tinha o doce paganismo christão, que adora as pompas do culto e se enleva mysticamente na contemplação das bellas imagens vestidas de azul e de oiro.

Elle tinha os largos somnos pesados e ruidosos; *ella* exaltada, debil, nervosa, conhecia apenas o leve dormir das avesinhas que o menor rumor acorda em sobresalto.

Elle gostava da mesa farta, dos alimentos fortemente azotados, dos vinhos generosos, das succulentas iguarias; um fructo, um pastel, um

dedo de Champagne bastavam para a alimentarem a *ella*.

Elle vivia para os negocios, para os interesses positivos da vida prática, correndo atraz das lentejoulas do poder ou das satisfações ardentes da riqueza; *ella* tinha um ideal recolhido e casto de felicidade no amor, de goso intimo na posse exclusiva de um coração!

E, sempre, sempre haviam de viver assim, tão juntos e tão separados, enclausurados na mesma gaiola e anciando perder-se no largo, no immenso espaço em direcções tão absolutamente oppostas!...

A *divorciada* exprime o triumpho mais completo que pôde imaginar-se, mas que diversa expressão tem esse triumpho, da que já fiz notar no rosto do homem que se divorcia tambem.

Elle como que affirma irrevogavelmente que para experiencia bastou aquella, e que nunca mais tornarão a fazel-o cahir n'outra.

Ella, pelo contrario, tem na radiosa physionomia como que o reflexo de uma esperanza que vai definir-se em breve. O coração da mulher nunca se cança de padecer, nunca se cança de sentir, nunca se cança de esperar.

A faculdade milagrosa de renascer mais viva da cinza de todas as alegrias mortas é o grande condão da mulher, é a sua compensação mais real e mais preciosa.

.....
No emtanto, em que pese ao caricaturista,

deverás espirituoso, que traduziu d'aquelle modo as tres phases do casamento moderno, o divorcio nunca será para a mulher, e direi mesmo, nem para o homem, uma solução ou um remedio.

Ha casoõs excepçionaes, de uma hediondez tragica em que até os catholicos pôdem acceitar o divorcio como um mal necessario, como uma desgraça que obsta a desgraças maiores, mas, considerando o divorcio na sua generalidade, não é elle o ultimo golpe vibrado ao pudor da mulher, á delicadeza do seu sentir, á fidelidade e á pureza com que ella, entregando-se uma vez, não deve tentar sequer rehaver-se jámais?

Na sociedade catholica a religião dominará a lei, a tradição dominará a legitimidade d'esse acto violentissimo, os costumes poderão mais do que os codigos.

Comtudo, o divorcio, não remediando coisa alguma, fica sendo mais uma chaga aberta no corpo já gasto, anemiado e exangue da velha e decadente raça latina.

CARTA VIII

AS CRISES DO CASAMENTO

No outro dia uma senhora, que eu não conheço, escreveu-me pelo correio uma carta, cuja substancia era pouco mais ou menos a seguinte:

Achava ella que os meus alvitres nada resolvem ácerca do incompleto e doloroso destino da mulher moderna; que a educação que eu aconselho, longe de attenuar as suas dores e contradições intimas, não fará mais do que dar-lhe a terrivel lucidez de as comprehender, definir e julgar; que, ainda assim, a ignorancia e a imbecilidade são a panacéa mais efficaz para combater o desespero que sem ellas a mulher não pôde deixar de sentir.

E acrescentava:

— Minha senhora, casei-me aos vinte annos, sem ter nunca olhado para outro homem que não fosse aquelle a quem dei a minha alma e a minha mão virginal. Fui mãe dedicada e ex-

treмосa dos seus filhos, fui dona economica da sua casa, fui companheira fiel de todas as vicissitudes da sua vida; dez annos depois do nosso casamento descobri que elle me atraioçava, que me preferia outras, que me mentia dia e noite sem remorso, sem pudor, sem medo de que eu viesse a desprezal-o. Não tenho precisão de contar-lhe o medonho e inolvidavel desmoronamento que esta descoberta produziu em todo o meu ser. E' mulher; ha de comprehender, sem que eu lh'o diga, o que deve ser esta dôr de nos vermos obrigadas a desprezar, como o mais vil dos seres, aquelle a quem amavamos e veneravamos como a mais digna e leal das creaturas!

Quando percebi que não podia ver mais no meu marido a realização humana de todos os sonhos bons da minha alma; quando tive a consciencia de que já me era de todo impossivel acreditar e respeitar aquelle que as leis religiosas e as leis civis me tinham dado por supremo guia, e exemplo fortificante e inspirador, quiz separar-me d'elle, quiz partir para muito longe, levando o coração atravessado pelas sete espadas da minha dôr cruciadora!

Mas como?!

Em torno de mim ninguem, entre os que mais me queriam, comprehendeu a minha indignação, a minha agonia, a unica desforra possivel n'aquella debandada sinistra de todas as alegrias do meu destino!

A lei disse-me, apontando-me friamente para os artigos dos seus codigos implacaveis :

Não ha motivo algum que justifique ou faculte a separação, visto que não houve sevicias, visto que não houve traição comprovada sob o tecto conjugal, visto que não houve injurias graves, affrontas necessarias para que a mulher tenha o direito de expulsar para bem longe de si a infame promiscuidade com que inconscientemente a mancharam !

A familia disse-me :

— E' necessaria a resignação, a paciencia, a dissimulada acceitação d'esses contratempos da vida conjugal, pois que nenhuma mulher ainda pode gabar-se de se lhes ter furtado. Os filhos são aquelles a quem antes de tudo nos devemos sacrificar; os filhos exigem a tua inteira submissão ás leis dolorosas, ás duras leis do teu casamento profanado !

A sociedade, pela bocca dos seus orgãos auctorizados, disse-me:— Se te separares de teu marido incorres para sempre na desconfiança, no desdem, na suspeitosa observação d'aquelles com quem viveres. Evitar-te-hão o mais que poderem, e mesmo acceitando a veracidade e a sinceridade dos teus motivos determinantes, acharão que não tens razão nenhuma em te revoltares contra um facto que a generalidade das mulheres acceita submissa ou indifferente.

Então, expulsa, repellida, condemnada irre-

missivelmente por todos, olhei para dentro de mim, passei em revista minuciosa o meu passado, consagrado ao cumprimento dos austeros deveres, á pratica das virtudes desinteressadas, ao amor dos meus, á inteira e generosa abnegação de mim em favor dos que amava, e senti, com a injustiça que me fazia o destino, a impossibilidade absoluta de continuar a ser o que fôra até alli !

Porque?! Em virtude de que absoluto e eterno principio? Quem me dera de Deus a idéa inabalavel que é preciso ter da sua existencia, da sua omnisciencia, da sua força, da sua justiça, para que eu fosse heroica até ao fim, na certeza de que a minha heroicidade era vista por esse que veria tudo, e tudo saberia recompensar? Que bases tinha a minha instrução religiosa para me inculcar a força necessaria a semelhante prodigio obscuro e ignorado de todos?

E porventura podem as noções da moral positiva, que recommendam o cumprimento do dever como o meio mais effizaz de dar e receber a maior somma de felicidade compativel com os destinos humanos, podem essas noções, sem elevação de especie alguma, communicar ao espirito, desnorteado por uma catastrophe d'esta ordem, a energia necessaria, indispensavel para resistir a todas as triumphantes suggestões do egoismo?

N'uma crise d'estas, diga-me: não é a mu-

Iher mais feliz aquella que menos percebe as fatalidades invenciveis do seu proprio destino? Que genero de illustração intellectual póde salvar um coração de mulher n'este naufragio supremo da sua vida inteira? . . .

A minha correspondente accrescentava umas confidencias intimas, que não vem ao caso historiar aqui. É, porém, aqui que eu vou tentar responder ás interrogações da sua carta.

Ha coisas verdadeiras e ha coisas falsas no que diz a minha incognita amiga.

Quem é que negou jámais que o destino humano, e principalmente o destino da mulher, seja cheio de tremendas luctas e de medonhas contradicções supplicadoras?

É porque o homem não resolveu ainda o eterno problema da felicidade sonhada, da felicidade que todo o seu ser solicita insaciavel, soffrego, apaixonado e crente, que elle tem andado, desde o primeiro dia que appareceu na terra inhospita e dura sempre, de sonho em sonho, de systema em systema, de utopia em utopia, de chimera em chimera, de aspiração trahida em ancia perscrutadora!

Chegar ao ponto em que a dôr moral desapareça é tão impossivel como chegar ao ponto em que se elimine a dôr physica.

Se nós somos eternamente condemnadas a soffrer na nossa carne, quem é que póde salvar-nos de soffrer no nosso espirito, no nosso

coração, no nosso ser moral, que a sciencia de hoje não separa do outro é verdade, mas que nós, as que não sabemos de sciencia, continuaremos a considerar a parte mais elevada e mais pura d'aquillo que constitue o nosso organismo completo!?

Mas parece-me ainda assim que a indulgencia da mulher não póde ser feita de ignorancias ou de transigencias quasi inconscientes, e que é mais digno de nós saborearmos, por assim dizer, a nossa amargura, do que não darmos por ella,

Levar para o casamento todas as illusões que illuminaram de luz azul a nossa adolescencia é um terrivel perigo.

Pensar que o amor, simplesmente o amor seja o fim supremo da existencia feminina, é outro erro da velha sentimentalidade que é preciso destruir a todo o custo.

Será o casamento uma instituição perfeita?
Não é!

Mas na sua longa, conscienciosa e profunda investigação religiosa ou social, o homem não achou ainda outra fórmula melhor, em que coubessem as suas legitimas aspirações á felicidade pela familia.

Acceitemos, pois, o casamento com todas as suas contradicções, com todas as desigualdades injustas que elle estabelece entre os dois sexos, e de uma situação que não é absolutamente boa, mas que é ainda assim a melhor que foi

até hoje descoberta, aproveitemos os benefícios e attenuemos quanto em nós caiba as máculas e os defeitos.

Sim, é terrível, como o funebre repicar do sino que annuncia o enterro de um morto querido, essa hora, quasi inevitavel na vida da mulher, em que ella percebe que a traição se assentou ao lume do seu lar, comeu o pão da sua mesa, dormiu o somno do seu leito, quebrou para sempre na sua alma a corda em que vibrava a confiança plena e doce de um amor recompensado e satisfeito.

Mas aquella, que uma comprehensão forte da vida haja cedo iniciado em todos os segredos do complexo organismo humano e social, essa comprehenderá que, se a vida do coração morreu n'uma estertor, n'uma agonia rasgadora, a vida do dever, a vida que todos temos de acceitar sob pena de abdicarmos o destino, que é nosso, essa exige de nós a coragem, a abnegação completa, o sacrificio, a resignada submissão.

Pois que! Quem é que não tem na vida a sua hora triumphal de confiança, de amor pleno, de inteira felicidade?

As horas negras que véem depois, são a expiação d'essa hora de luz roubada ao céu!

Para que os nossos filhos mais tarde tenham alegrias eguaes ás que tingiram das côres da aurora a nossa mocidade confiante, é preciso que nós guardemos no mais intimo do nosso

peito a frecha fatal que se nos cravou para sempre, constituindo uma suprema e lacerante agonia incuravel.

Não, não é a mulher estúpida que perdôa! Essa, coitada, ou se deixa ir atraz de uma vingança humilhante e vil, que não vinga coisa nenhuma, e que justifica tudo, ou então conserva-se na lethargia indifferente que a não deixou apreciar a sua ventura, que a não deixa agora soffrer cruelmente a sua atroz decepção.

Não é a mulher ignorante que acha mais facil a transigencia com o destino, ou a sua docilidade a elle.

Essa póde sentir, tão arrebatada, tão ardente, tão insoffridamente, como a que é esclarecida e culta, mas não póde com ella ter a indulgencia fundamentada no conhecimento das leis fataes, que regem e determinam o jogo das paixões humanas.

Só póde, não direi resignar-se, mas comprehender e sujeitar-se á fatalidade das coisas, a que fôr educada, a que tiver retemperado o seu espirito, a que tiver fortalecido o seu entendimento, a que tiver a plena comprehensão dos destinos da familia.

Eu não prégo a nenhuma, que se ache n'esta encruzilhada tragica em que tantas se encontram, nem a indifferença nem o esquecimento.

Ai da que se consolar, que essa é digna da injustiça de que parece victima!

Não, que ella se não console, que ella cubra

de um lucto eterno o coração d'onde para sempre fugiu a confiança e a fé, mas que se sacrifique!

Sacrifique-se aos seus filhos, se tiver a ventura de os ter, como anjos guardadores do seu desnordeado espirito.

Sacrifique-se ao dever, ao duro dever, se não achar nenhum affecto digno d'esta immolação suprema, e verá que ha delicias austeras n'este renunciamento que parece tão incompensado e tão cruel!

Mas quaes seriam as más horas da nossa existencia, se não fôsem estas?

E para quem desceria a velhice, calma, tranquillia e pura, noite povoada de estrellas luminosas, se não fosse para as doces e queridas creaturas que, humilhadas, souberem perdoar; que trahidas, recusaram o fel vergonhosamente impuro da retaliação e da vingança, e que em nome de uma coisa, que os egoistas e os maus chamam chimera, soffreram caladas o maior supplicio que a vida inflige ao pobre coração da mulher leal e digna! . . .

CARTA IX

A NOSSA IMAGINAÇÃO

Dizia não sei que espirituosa marquezia do tempo em que as mulheres se salvavam, não pelas obras mas pelo espirito, que a imaginação era a peor inimiga do nosso sexo, pois que não havia uma só tolice perpetrada por nós que a não tivesse por inspiradora.

Ha n'este dito um grande fundo de verdade.

Não que eu maldiga a imaginação. Deus me defenda d'essa heresia!

Mas é que, no fim de contas ella, a *folle du logis*, como lhe chamou mais tarde um pensador subtil, arrasta-nos por desvios e atalhos, que nunca teriamos a tentação de conhecer se não fossem as suas instigações feiticeiras!

A imaginação, é, como todas as faculdades humanas, uma grande força. Mas precisa, como as suas irmãs, de ser aproveitada, dirigida, bem guiada. Devasta ou fecunda, cria ou destroe,

immortaliza ou anniquila, consoante o motor que a dirige.

N'isto, como em tudo, nós, as mulheres, fomos muito mais infelizes que o homem.

Porque para elle abrem o seu campo enorme, proprio para todas as culturas e para todas as construcções, a philosophia e a arte, a politica e a litteratura, a poesia e a propria sciencia, que tambem, para se ampliar em generalizações grandiosas, precisa de ter como auxiliar a imaginação. Foi-lhe, portanto, facil exercer essa faculdade poderosa, e, auxiliado por ella, crear maravilhas, produzir assombros, executar milagres, immortalizar-se em obras primas.

Sem a imaginação, nós não teriamos nem a centesima parte das coisas bellas e das coisas grandes que possuímos! Sem a imaginação, este mundo seria um deserto arido, infecundo, onde nunca houvessem germinado as flores maravilhosas que o impregnam do seu delicioso e immorredoiro aroma.

A imaginação do homem creou os mythos emmaranhados e extravagantes das velhas religiões do Egypto, da India e da Persia; levantou os collossaes templos de granito a cujas portas velam indecifreveis e eternas as esphinges que ha seculos nós interrogamos de balde; produziu os grandes poemas homericos em que os deuses, animados pelas paixões dos homens, e os homens grandes e formosos como deuses, se entrelaçam em um amplexo adora-

vel como que marcando a unica hora verdadeiramente feliz que a humanidade conheceu desde que jornadaeia n'este valle de miserias, que se chama vida.

A imaginação do homem ergueu aos ares a estupenda cathedral em cujos nichos rendilhados se ajoelha em extasis um povo de estatuas; produziu tudo o que ha de mais bello e tudo o que ha de mais horrendo: Ophelia e Caliban, as madonas de Raphael e as dansas macabras da idade média, o radioso Olympo e o inferno de Dante, os lamentos sublimes de Job e a infavel ternura do Cantico dos Canticos!

Quando o homem padece, desloca a sua agonia; do coração transporta-a para o cerebro, e faz d'ella um poema, um quadro, um romance, uma obra qualquer de arte, quer dizer, de imaginação.

Goethe teve tentações de suicidar-se; pediu á imaginação que lhe valesse contra aquella instigação demoniaca, e escreveu o *Werter!*

Rousseau amou sem esperança de possuir aquella que amava, e deu ao mundo a *Nova Heloise*.

A' imaginação devemos nós todas as illuminações, todas as graças, todo o colorido, todo o encanto do mundo que habitamos!

Sem ella Miguel Angelo não atiraria aos muros da Capella Sixtina com os seus frescos de gigante e de allucinado: Dante não percorreria os circulos dos seus mundos phantasticos;

Ariosto não cantaria as estrophes deliciosas do seu *Orlando*, nem Cervantes immortalizaria as aventuras extranhas do seu tão sympatico sonhador, do seu chimerico heroe.

Mas porque é que sendo a imaginação para o homem uma fonte de riquezas incomparaveis, ella é quasi sempre para a mulher uma fonte de lagrimas, a origem de longas agoniás e de longas dores?

Meu Deus! E' bem simples. A imaginação do homem reside-lhe na cabeça, a da mulher tem a sua séde no coração. O homem escreve, pinta, esculpe, ou canta as creações da sua phantasia; a mulher não sabe fazer romances, sabe viver-os; não sabe escrever versos, sabe sentil-os!

Elle põe a imaginação ao serviço das restantes faculdades intellectuaes de que é dotado; ella subordina todas as faculdades ao sentir que a domina.

Toda a vida da mulher se resume em affectos, que sente ou que imagina sentir.

Ama, e os que ama são sempre os heroes mais perfeitos que ha no mundo. Imagina tudo o que ha lindo, puro, encantador e grandioso, e accende essas lampadas phantasticas aos pés de cada um dos seus idolo's.

A imaginação fal-a ver o que não existe, crer no que é inverosimil, amar o que não merece cultos; a imaginação faz-lhe apparecer o mal sob as côres do bem, o crime sob o aspecto prestigioso e magico da virtude.

É pela imaginação que o homem se levanta e que a mulher se despenha; que o homem faz do seu nome uma culminação brilhante, e a mulher, do seu, uma lenda de culpas ou de lágrimas.

E, no entanto, se a mulher de imaginação, em vez de ser uma allucinada genial como Joanna d'Arc, ou como Santa Thereza, uma louca da paixão como Heloise, uma entusiasta e uma martyr como Mme. Rolland, uma sonhadora indomita como a Georges Sand, uma grande mulher desgraçada como qualquer d'estas, fosse uma pessoa que se limitasse a vestir a vida de todos os dias com as côres brilhantes da phantasia, que fizesse do cumprimento do dever uma obra de arte, que puzesse todo o seu amor pela chimera ao serviço de uma causa util, a busca paciente e resignada da felicidade na virtude!... Não ha nenhuma de nós que, pondo na monotona tela da sua existencia um pouco da seda multicôr com que se bordam os sonhos, não conseguisse fazer da vida alguma coisa melhor de que ella é.

Meu Deus! Eu sei já o que a leitora me responde.

O dever é monotono. É para fugir a esta claridade indecisa e fôsca que alumia dubiamente o nosso triste destino, que nós nos pomos em busca de algum ideal defeso, ainda que mais não seja do que para o ver de longe.

Pois n'isso positivamente é que está o seu erro, ó minhas amigas!

Leram as bellas lendas e as amorosas historias, contaram-lhes o poema immortal das que se perdem pelo amor, deante dos seus olhos pairam as formosas figuras de Francesca e de Margarida, de Julieta e de Desdemona, e não podem acreditar que a vida possa ser este seguimento de dias, que vão passando com lentidão desesperadora, sem trazerem comsigo nem uma realização a tantas promessas que os poetas da sua mocidade lhes murmuraram ao ouvido com modulações feiticeiras.

E visto que a vida é apenas *isso*, essa coisa chata e vulgar em que não ha grandes abnegações, nem rasgos heroicos, nem amores que matam, ou que redimem, nem crimes que rugem como rugem as feras nos vastos desertos onde vagou René e onde Atala deixou fluctuar á ventania da tarde os seus cabellos, longos como as lianas, e perfumados como a flor da magnolia; e visto que viver é ir arrastando a pesada cruz de todos os deveres, não querem, sequer, fazer um esforço para engrinaldar de flores ideaes essa cruz que lhes apparece tão tosca, pois que é feita de todas as realidades!

Não, não é assim que devemos fazer.

Não ha existencia, por mais modesta, por mais humilde, que não possa perfumar-se com as flores do sentimento e da poesia verdadeira e sã que as coisas justas exalam de si.

Ponhamos a nossa imaginação ao serviço da nossa felicidade.

Procuremos arrancar á vida o que a vida tem de bem, em vez de quereremos fazer da vida uma coisa que ella não póde ser.

— Tu és pobre, não é verdade?

No teu pequenino *menage* não ha luxo, nem estofos caros, nem tapeçarias artisticas, nem flores raras, nem quadros de mestres; pois bem, trata á força de arte, á força de arranjo, á força de sentimento do bello, de fazer d'essa pequenina casa humilde um ninho aseado e puro onde a gente goste de repousar um instante, e d'onde leve uma doce e grata impressão.

— Tu não encontraste, no marido que te escolheram ou que escolheste na ignorancia dos vinte annos, na ebriedade da primeira sensação, o amante, o amigo, o companheiro que a tua imaginação sonhara, que o teu coração anseava encontrar? . . .

Pois não te ponhas a pensar perigosamente, que esse engano irremissivel póde ser remediado ainda pelo destino. Não imagines que alguém te possa dar o que elle te não deu.

Não!

Os que vês passar, os que a tua louca phantasia ainda teima em aureolar com todos os prestigios da formusura ou do talento, da dedicação ou do heroismo, da bravura ou da elegancia, valem muito menos do que elle para ti, porque elle é a legitimidade, o socego, a tranquillidade da consciencia, e estes são a lucta, o peccado, a agonia, a humilhação de todos os

instantes. O meio de remediares o teu cruel engano é outro. Já que não podes amar o teu marido, ama ardentemente e apaixonadamente o teu dever. Cinge-te a elle, saboreia-lhe os amargores e os deleites, põe na inviolavel altivez da tua dignidade os requintes de gôso, que os outros põem na satisfação ephemera de uma paixão que passa e que só deixa o amargo sabor de um desengano atroz!

—Tu querias um theatro vasto onde pudesses ostentar á vontade os dotes do teu espirito, da tua belleza, da tua intelligencia formosa e culta; pois cria em torno de ti, á custa de um esforço incessante, um meio que te convenha por distincto, educa os que te cercam, inspira-lhes o amor do bello, penetra-os da comprehensão do bem, abre-lhes os olhos do espirito para as coisas delicadas e luminosas. Sê a creadora do teu mundo, e reina depois sobre elle conscia do triumpho raro que alcançaste.

Todas as que sonham, todas as que padecem, todas as que pedem ao mundo os mil gosos ideaes, que o mundo não tem, procurem reconciliar-se com a vida e não malquistar-se com ella. Que a imaginação, que serve ao homem para construir mundos soberbos, sirva tambem á mulher para alguma coisa que nos console e que nos melhore.

Que ella não seja a tragica conselheira de todas as loucuras, que se não confessam; que ella seja a intermediaria dôce, pacificadora e cari-

ciosa entre a vida que se vive cortada de angustias e eternamente embebida em lagrimas, e a vida que se sonha envolvida na poeira de luz, de que a nossa phantasia a polvilha . . . Se não pudemos fazer obras bellas, façamos da nossa vida uma obra boa!

Não dispensemos a imaginação, a fada gentil cuja vara de encanto colora, illumina, transfigura tudo aquillo em que toca; mas aproveitemol-a não para nos consumirmos na eterna nostalgia do que não existe, pelo contrario, para envolver o que existe na luz de poesia, no rhythmo harmonioso, na seducção viva e sempre nova que o tornaria mais querido ao nosso coração.

Não proscrevamos a phantasia de nosso mundo, subordinemol-a ás leis com que ella se nos impõe.

Platão exilava da sua republica ideal os poetas, os eternos chimericos, os sonhadores insaciaveis; nós não faremos á immortal poetisa, chamada imaginação, igual injuria. Mas, admitindo-a, estremecendo-a mesmo, impor-lhe-hemos a obrigação de cantar os seus hymnos de luz ante o altar do dever, esse idolo que nós, as mulheres, para sermos felizes, precisamos de incensar sem treguas e sem desfallecimentos.

CARTA X

A CARIDADE

Eu não conheço nada mais digno de sympathy e de admiração do que o spectaculo de solidariedade e de amor patriotico com que o Brazil responde a qualquer appello que lhe façam os seus irmãos de áquem Atlantico.

Nunca a voz da patria deixou de ser ouvida e deixou de ser acatada pelos que lá moirejam na faina quotidiana; nunca a um lamento de Portugal deixaram de responder com generosidade enthusiastica os filhos da nossa patria, que foram buscar longe d'ella o pão que lhes faltava aqui, e aquelles que, nascidos lá, só téem a captivar-lhes a sympathy, a tradição de um nome, a imagem vaga de um paiz não visto.

Ou se trate de aliviar uma miseria ou de commemorar uma gloria, ou se trate de prestar homenagem a um vulto historico ou de crear uma instituição util, nós todos sabemos que

podemos contar com o Brazil, que o Brazil nos estenderá a sua mão valedora, a sua mão fraternal, e que a coadjuvação dos nossos irmãos, que estão longe, será das mais proficuas e das mais preciosas.

E' que, no fim de contas, o amor da patria não é como muitos querem dizer, uma convenção ou um raciocinio.

Não; o amor da patria é um instincto irreductivel, é um sentimento poderoso que nós temos desde o berço, mas que só em certas condições especiaes se manifesta completamente.

A imagem dôce, querida, envolta em um véo de mysteriosa saudade, da mãe, que foi cedo roubada ao amor dos seus filhos, fica sendo para elles a companheira purissima e inseparavel da existencia inteira.

Os filhos não sabem sequer que ella tenha um defeito.

Julgam-n'a perfeita como a divindade; afigura-se-lhes que nenhuma das impurezas da terra, inherentes á nossa mesquinha natureza, a maculou. Ella não conheceu o que eram paixões, nem o que eram culpas! . . . Foi sempre e ficará para sempre na memoria respeitosamente enternecida dos que a perderam, a suave, a impecavel, a immaculada figura angelica.

Isto que succede aos filhos que prematuramente ficaram orfãos de mãe, succede tambem aos exilados, que nos dias alegres e optimistas da mocidade ficaram sem patria.

A terra onde nasceram avulta sob o mais delicioso e encantador dos aspectos ante os olhos da sua saudade. Não ha clima mais dôce, não ha céo mais puro, não ha arvores mais copadas, nem cuja sombra seja convidativa de mais consolados ocios, não ha noites mais povoadas de estrellas, não ha luz de luar mais pallida e cariciosa!

Os homens que se conheceram e deixaram, eram todos bons. Pudera! Quem não é bom, julgado por um coração de vinte annos! . . .

As mulheres eram todas lindas! Que mulher não é linda sob o magico poder creador do olhar adolescente!

A patria, vista assim de longe, á luz azul de uma saudade recolhida e casta, torna-se a paixão mais intima do exilado.

Tem defeitos para os que lá ficaram vendolhe dia a dia a inercia, a decadencia, a indifferença que esteriliza, o egoismo que aniquila todas as forças? Embora!

Para quem partiu não tem senão encantos.

E' d'este modo que pôde explicar-se o amor que os filhos de Portugal, que vivem no Brazil, conservam e manifestam pelo seu torrão patrio.

As duas fórmas mais sensiveis e mais formosas d'esse amor são a admiração por tudo que é gloria nossa, e a caridade por todas as miserias que d'aqui imploram o soccorro dos nossos irmãos de alem-mar.

A caridade está sendo realmente, entre as

paixões boas, aquella que predomina no nosso tempo. Temos muitos amores culpados, mas o amor dos pobres, entre os sentimentos que florescem na alma moderna, é o sentimento mais acrisolado e mais puro.

Gosta-se muito do oiro pelos gosos violentos que elle dá, mas tambem pelo puro goso de o partilhar com os desgraçados. Seja-nos absolvição de erros terriveis esta suave virtude chamada caridade, que estabelece uma transição radiosa entre a indifferença antiga pelos males individuaes, e a futura justiça que dará a cada qual um pedaço de pão á mesa commum dos que trabalham.

A respeito de beneficencia publica téem-se escrito centenas e centenas de volumes.

Ha quem diga que ella, em vez de attenuar a miseria, a agrava e perpetúa ; ha quem diga que ella é um estimulante para a preguiça do proletario ; ha quem diga que ella afrouxa o amor de familia pela creação de asylos, e o amor do trabalho pela imprevidencia com que se substitue, áquelles a quem competia crear novos elementos de producção, para satisfazer as necessidades que todos os dias mais crescem e avultam em torno de nós.

É verdade que a cada asylo que se cria e se preenche, corresponde logo o apparecimento de uma multidão de candidatos á protecção d'esse abrigo da miseria ; que a cada hospital que se abre, acodem milhares de enfermos, que lá não

podem ter soccorro pela desproporção que existe entre as condições do estabelecimento e o numero dos que imploram admissão.

E no emtanto quem ousará affirmar que a miseria, a doença, a prostituição, todas as lepras, que contaminam e ensanguentam ainda o corpo das modernas sociedades não seriam muito mais funestas, não se haveriam desenvolvido em muito mais alto grau, se esses asylos, esses hospicios, essas instituições de caridade pública ou de caridade particular não tivessem existido?

A beneficencia publica, organizada como está, tem gravissimos defeitos organicos, tem peccados originaes cujo resultado é porventura funesto áquelles a quem soccorre . . .

De accordo.

Mas qual é a instituição perfeita? mas qual é o problema social, que ainda foi resolvido de um modo absoluto?

Em torno de nós ha muitos palliativos, mas ha poucos remedios.

A constituição da familia, contaminada desde sempre pelo crime de desigualdade injusta entre o homem e a mulher, fazendo d'esta, na lei, a eterna pupilla e a eterna pária, embora nos costumes lhe dê a falsa apparencia de uma victoria frivola, é porventura uma instituição perfeita?

O codigo fundamental, pelo qual se rege cada uma das sociedades de que temos conhe-



cimento, é um código impecável, puro de toda a injustiça? Bem sabem que não.

Por ora a caridade, considerada como que a perscrutadora da justiça é o mais doce ideal que os nossos olhos procuram!

Dos amplos céos, despovoados e silenciosos, tudo que o nosso coração amou, tudo que o nosso espirito, avido de mysterio e de luz creou de ineffavelmente doce e de infinitamente grande, cahiu em sinistra, medonha e tragica derrocada ao sopro gelido da moderna, da implacavel sciencia humana.

O sonho da liberdade, esse sonho que fez martyres e que fez apóstolos, que fez heroes e que fez allucinados, teve já a realização mais completa a que porventura lhe será dado atingir.

E, no entanto, ficou de pé a eterna questão que ninguém resolve. A miseria ergue ainda no espaço illimitado o seu vulto andrajoso e sombrio.

A religião dissera aos pobres, aos famintos, aos esfarrapados, aos que tinham fome e sede de justiça e de amor: «Depois d'esta vida virá a outra, e lá, vós que sois os ultimos, sereis os primeiros, vós que sois os miseraveis e os desprezados, sereis os opulentos e os queridos».

E deante d'esta promessa, que em si continha um mundo de consolações bemditas, os pobres caminharam seculos e seculos avergados ao peso da sua cruz tremenda.

Nas allucinações da fome sonhavam as delicias do nectar paradisiaco; nas humilhantes agônias do abandono e do desprezo sonhavam com a purpura dos triumphos immortaes; no desamor, na isolação, na mesquinha obscuridade de um viver feito de angustias, sonhavam com o seio doce de Maria, que havia de abrigal-os, com o sorriso meigo do Salvador, que morrera só para os redimir da eterna morte.

E um dia um sopro gelido de duvida passou pela face da terra entristecida.

E os miseraveis ululantes e desesperados bradaram a um tempo: «E se porventura nós não somos mais que os illudidos de uma falsa lenda, que as victimas passivas de uma mentira monstruosa?! Quem nos affirma que é a verdade tudo que ha seculos nos repetem e que ainda ninguem nos demonstrou?!

E á luz sinistra d'essa hora de desesperada amargura, elles evocaram a longa, a interminavel, a sombria legião de martyres que haviam morrido sem soltarem uma queixa, fiados em uma promessa, que talvez não tivesse realisação.

O que seria essa revolta suprema, que o seculo xvi soprou no mundo como o inverno sopra as tempestades, se ao sonho de beatitude immortal não succedesse logo a chimera radiante, chamada liberdade!

Tres seculos levou a conquistar a esquiva

deusa, que hoje se deixa possuir pelo mais humilde.

A liberdade deixou de ser uma aspiração theorica para se tornar uma realização tangivel, e o homem, sofrego sempre do *melhor*, depois de ter vencido e aniquilado a escravidão, pretende vencer e aniquilar a miseria!

E' decisivo e critico este momento da vida humana, tanto mais critico e tanto mais decisivo quanto é innegavel que, na sua longa lucta, a humanidade adquiriu forças mentaes que não tinha, processos praticos que não possuia, idéas que a pouco e pouco foi enthesoírando e que hoje lhe communicam um poder colossal. Ella já não é a visionaria a quem contentava o mysterioso e o vago, nem a entusiasta que se deixou ir atraz de falsos e apparentes triumphos.

A miseria! . . . Eis o inimigo.

Por que tantas angustias? Por que tantas privações? Que lei medonha é esta que dá a uns todos os prazeres e que dá a outros todos os supplicios? Para que ao luxo desenfreado d'aquelles corresponde a immunda, a asquerosa pobreza d'estes?

Pois não haverá meio algum de descobrir uma nova fórmula que equilibre estes dois estados anti-naturaes?

Á interrogação denunciadora de procellas subterraneas, que refundirão completamente o presente estado social, responde a caridade, ti-

rando ás sobras de um o obulo que attenua a privação incomportavel de outro!

Sendo a fórma mais visivel do altruismo humano, ella é no fundo um sentimento egoistico em que entra muita compaixão instinctiva, mas de envolta com o vago terror das catastrophes previstas e adivinhadas ao longe...

Justo é, pois, que nós, os que vivemos n'este momento transitorio, concorramos quanto em nós caiba, mesmo á custa do permanente sacrificio das nossas ambições e das nossas cobiças, para que a transigencia d'uns demore a inevitavel explosão de revolta do maior numero.

A caridade é uma valvula de segurança, é um dique oposto á insurreição, á invasão selvatica e tremenda d'essas hostes de barbaros famintos, que do fundo das defumadas fabricas, que do antro das oficinas escuras, que das entranhas palpitantes e sinistras da mina asphyxiadora, que dos campos aridos e desolados cuja negra terra esteril já não paga o suor humano, espreitam o rico com um olhar que tem o seu quê de satanicamente ameaçador!

CARTA XI

A IDA PARA O COLLEGIO

Não houve outro remedio.

Bébé teve de ir para o collegio.

Tu não conheces, e pôde ser que não venhas a conhecer nunca a significação melancholica que para todas as mães encerram estas palavras.

Bébé era a alegria da casa e tambem a sua desordenada turbulencia.

— Não pára nada com elle! — diziam as velhas criadas em um impeto de exasperação, que ás vezes parecia um grito de orgulho satisfeito.

Bébé tem decididamente o amor das ruinas enraizado n'alma. Aquelle loiro cherubim, que tu conheces, não passa de um vandalo . . . em miniatura.

Quebrar, esmigalhar, rasgar, torcer, amachucar, exercer enfim todas as fórmulas da destruição, eis o sonho, a ambição mais querida e mais absorvente de Bébé!

Porque? Que mal lhe fazem a elle as cadeiras, os bancos, as bonecas da irmã, as loiças que estão nos armarios, os moveis que se conservam muito aprumados em torno das paredes?

Não sei, ninguem sabe.

Bébé tem impetos de colera contra todas estas testemunhas mudas e passivas da sua turbulenta existencia, e, quando estes impetos lhe acodem, o pobre pequenito não conhece ainda a coragem de resistir-lhes.

Depois, os velhos amigos da familia, consultados, tinham dado todos o mesmo conselho.

Um rapaz não póde ser assim creado em casa sob o calor do bafo maternal, na morna e debilitadora atmospheria, que o carinho e os cuidados pueris de umas poucas de mulheres fanaticas do seu encanto formavam em torno d'elle.

Essa convivencia mimosa effemina aquelles que perderam com o pae o guia supremo e a suprema protecção.

Não é ao pé da mãe, demasiadamente assustada de todos os perigos, ou indulgente em excesso para todas as maldades infantis, que se formam as rudes, as valentes organizações varonis, retemperadas para a lucta da vida.

É necessario á creança o contacto das outras creanças para que mais tarde o contacto dos homens não seja para o homem uma provação incomportavel.

Dizia-me no outro dia uma senhora:

—Não mando o meu pequeno para o collegio. No fim de contas as creanças são pessimas. Em quanto eu puder furtar o meu filho a essa convivencia, porque é que o não hei-de fazer? O egoismo e a maldade d'este mundo sempre é tempo para elle os conhecer.

Errado calculo da pobre e extremosa mãe!

E' certo que na creança é ingenita a maldade, em que pese aos philosophos, boas pessoas que tentam communicar ás turbas a falsa theoria da bondade innata do homem.

Para mim tenho eu de ha muito assente, que na creança, n'essa flor delicada e luminosa que as lagrimas maternas orvalham deliciosamente, existe já em germen tudo que no homem será egoismo, vicio ou paixão funesta.

E' possivel que o homem nascesse bom, mas lá n'uma distancia que aos nossos olhos parece já muito confusa, nos dias em que elle pela primeira vez viu a luz clara e limpida dos serenos céos.

Depois, coitado! começou a ter que defender-se da hostilidade das coisas e da crueza das feras.

Adoptou então a attitude defensiva que elle só abandona quando quer tomar a iniciativa do ataque.

O egoismo, a desconfiança, a dureza de animo, tornaram-se leis hereditarias a que o seu organismo teve de obedecer.

Desejar o que não tem, invejar o que tem o seu visinho mais proximo, defender com energia e avareza os bens que possui, cobiçar com ardente e indomavel paixão os bens que phantasia, eis, no fim de contas, sophismado pelos vastos recursos da mais ampla e da mais invencivel rhetorica, o destino terrestre que elle accitou.

E nem os melhores se furtam a esta dura lei.

Vamos encontrar o egoismo no amago das virtudes que mais excitam a nossa adoração e o nosso enlêvo. E o mal não está talvez no egoismo, que é de todas as fórmulas do nosso espirito a mais em harmonia com a natureza; o mal está no desdém com que nós condemnamos este defeito, a que nenhum de nós consegue furtar-se por mais que affecte desprezal-o ou por mais que realmente o despreze.

De todas as paixões humanas é talvez a paixão maternal a mais desinteressada. Não é que ella seja inteiramente liberta da mácula original de todas as nossas paixões, mas tendo, como tudo que é humano, o seu quinhão de egoismo, tem-n'o em grau menos visivel que as outras coisas.

A abnegação completa da mãe mais extrema é, todavia, mais de uma vez inspiradora e geradora de implacaveis egoismos no animo do filho.

Deixai, pois, que elle se forme no conflicto em que mais tarde tem de permanecer armado

e prompto para a lucta, como os atletas antigos.

Dêem á creança até aos seis, e mesmo até aos sete annos, carinho, amor, liberdade ampla, cuidados vigilantes de mãe, que treme de tudo, julgando todas as coisas em proficua e permanente conspiração contra o fructo mimoso, terno e querido das suas entranhas; mas, quando o baby — loiro e rasado — se torna o rapazito atrevido e petulante, sedento de actividade, tendo o instinctivo desejo de empregar a sua nascente independencia, de pôr em acção a sua embryonaria individualidade, é de alta conveniencia que essas leis, que se impõem a toda a educadora intelligente, sejam comprehendidas e obedecidas por ella.

Mas custa muito, não custa? ver chegar o primeiro dia em que o nosso anjinho nos deixe, em que nós mesmas, as grandes ciumentas silenciosas, tenhamos de ir entregal-os a outra mãos.

Na maternidade, n'essa via dolorosa em que, por assim dizer, nós expiamos e depuramos todas as alegrias colhidas na estrada triumphal da mocidade, é essa — e entendem-n'ó de certo todas as mães que me lerem — é essa uma das estações mais cruciantes.

• Nem os extranhos, nem mesmo os paes, por muito extremosos que sejam, comprehendem este requinte de dôr!

Mas quantas crises d'estas na dolorosa mis-

são de ser mãe, desde o dia em que nós, as filhas anemicas de uma civilização exgottada, temos de entregar o nosso pequeno anjo nascido aos braços da robusta camponia que vai ter d'elle o primeiro olhar e o primeiro sorriso, até ao instante da beatifica e compensadora doçura em que elle — educado, creado, homem feito por nós — nos atira para os braços, no primeiro netinho, a mais pura esmola de luz da nossa velhice, emfim tranquillã e calma como uma bella noite silenciosa!

Quantas crises, repito, de que esta não é de certo a menos cruel?

Bébé foi, pois, para o collegio.

Já não atroa a casa com os seus gritos; já não fustiga as jarras de flores com o seu pequeno chicote; já não faz chorar a irmã, degollando-lhe a boneca; já não espanta o canario, dando pulos de cabrito montez ao pé da gaiola do pobre passarito; já não desespera as criadas; já não derruba as cadeiras nem lhes arranca as travessas.

Ha muito socego agora, mas que socego tão triste!

É verdade, esquecia-me dizer-te, que Bébé volta á noite.

Não tem ainda idade de dormir n'outra parte que não seja a sua caminha de cortinados brancos, para onde foi logo que deixou o berço de verga acolchoado de seda côr de rosa; mas durante o dia eu penso ás vezes vagamente,

estremecendo com a vertigem que dá a contemplação d'um abysmo, que se elle tivesse morrido, se m'o tivessem levado tambem para o chão escuro e frio d'uma cova, a gaiola d'essa ave, que é esta casa, seria assim do mesmo modo silenciosa e lugubre!

Ao menos a irmã nunca me ha de deixar, penso eu então.

E de feito, parece-me que tão util é para o rapazinho a eschola, como é nocivo para a menina o collegio.

Este meu modo de encarar a ausencia de Bébé é defeituoso, porque é egoista!

Vejo-me a mim sómente n'este instante em que me lamento de ter perdido o colibri multicolor, que ha pouco ainda voejava tão alegremente n'este quarto onde te estou escrevendo.

E, comtudo, as mães são as unicas creaturas que nunca têm direito de pensar em si!

É para começar a iniciação do rude officio de viver, que eu mandei para o collegio o pequenino.

Á hora em que d'antes elle corria pela casa montado no seu cavallo-velocipede, atropelando toda a gente, e quebrando, Deus me perdoe, tudo que lhe ficava no caminho, Bébé agora, muito direito, muito serio, muito cheio de importancia, com uma gravidade de conego ou de conselheiro, estuda vagarosamente a sua *Cartitha maternal*.

Bébe acha extrordinario que alguém saiba

ler, mas enfim, começa a comprehender que se chegue a conseguir esse extranho dom, com um boccadinho de boa vontade.

É já um progresso.

Em casa Bébé perguntava-me constantemente:

— Não me dirá, mamã, para que serve saber ler?

E o peor de tudo é que em certas crises de pessimismo e de mau humor, eu sentia-me de vez em quando tentada a responder-lhe:

— Para nada, para nada absolutamente, meu querido amor!

Bébé começa a admittir que saber ler sirva para alguma coisa.

Antes de mais nada eu devo protestar aqui contra a convicção tristissima em que estão algumas mães, de que a sua tarefa de educadoras findou completamente desde que ellas entregaram a intelligencia dos filhos ao cultivo de outras mãos.

A tarefa da mãe não finda nunca!

Feliz a mãe que é consultada pelo seu filho de cabellos brancos e cuja palavra auctorizada e grave é ouvida por elle com reverente adoração!

Só essa póde ser considerada digna de ter exercido o santo sacerdocio que a natureza lhe confiou.

No momento em que a mãe confia a mãos auctorizadas, mas extranhas, o trabalho de semear esse campo virgem, que é intelligencia

de seu filho pequenino, nem por isso renuncia ao privilegio de guiar essa intelligencia, de dirigir e de vigiar esse cultivo, e sobretudo de auxiliar com todas as suas forças o espirito infantil, que se vae abrir para o conhecimento da verdade.

Depois, embora a instrucção fique a cargo de outrem, a educação do filho é sempre á mãe que compete dirigil-a.

E educação e instrucção são duas coisas distintas, muito embora identicas e subordinadas ao mesmo alto principio de verdade e de justiça.

Que as mães não abdiquem nunca o seu direito sagrado de formarem a alma dos filhos.

Não ha mais difficil empresa, mas tambem a não ha mais gloriosa.

N'esta batalha asperrima que travamos, fortalecidas pelo amor e pela consciencia, se a derrota é uma humilhação dolorosa e suprema, a victoria tem a serena claridade de uma apothese!

CARTA XII

O ROMANTISMO D'HONTEM E O DE AMANHÃ

Dizia-te eu ha poucos dias, que o romantismo pôde ter o seu lado eminentemente util, direi mesmo salutar.

Depois de avançar esta proposição um pouco ousada, senti que me ficava a consciencia obumbrada de remorsos.

Porque, emfim, a gente tem obrigação de ser logica, e eu ha dez annos que prégo — no deserto, entenda-se bem — uma cruzada de exterminio contra o romantismo, o eterno e funesto inimigo da tranquillidade serena e mesmo um tanto chato da vida de todos os dias.

No entanto, esta contradição apparente não existe no fundo, como talvez se afigure á benevola leitora, que n'este momento deixa divagar os seus languidos olhos negros pelo meio das phrases arrevezadas da minha pobre carta.

Toda a questão, desde a mais grave até á mais insignificante, apresenta duas faces.

D'aqui provém que os contendores e os teimosos raras vezes chegam a entender-se, porque ambos têm a consciencia de ter razão. D'aqui provém tambem que os espiritos imparciaes são chamados n'este mundo, sempre injusto, os espiritos scepticos.

E' que elles, vendo os dois lados de acontecimento, acabaram não se apaixonando nem por um nem por outro.

O romantismo, encarado sob outro aspecto, torna-se um refugio onde as almas desalentadas e as almas tristes vão procurar consolações, que as compensem das abjectas e dolorosas realidades que todos são forçados a presenciar.

Uns, portanto, são os românticos do mal, os insaciaveis e sofregos sonhadores do impossivel, os que o procuram nas estrellas e nos charcos, nos abysmos, nas alturas inacessiveis e nos pantanosos lodaçães; os que têm no peito abrigo e alimento para todas as paixões; os que recompensariam como o cesar romano quem lhes descobrisse uma voluptuosidade nova.

Esses detestam aquella paz contemplativa, especie de lago azul e transparente onde fluctua, dormindo um vago somno, o alvo cysne que se chama a consciencia!

Na vida querem tudo menos o que a vida póde dar.

Atravessam o mundo á procura dos mundos que não existem.

Não podem consagrar-se a um unico amor, não porque não saibam amar com um louco excesso, mas porque imaginam que nunca o amor que possuem é o verdadeiro amor, e porque juraram que tanto haviam de caminhar, de procurar, de mergulhar no oceano de todas as paixões, que haviam de encontral-o por fim.

Não se imagina bem a ingenua confiança com que elles saltam despenhadeiros e barrancos, com que transpõem os terrenos movediços e perigosos, os algares terriveis, as voragens magneticas, sempre em busca da chimerica visão que os chama e . . . que lhes foge.

São criminosos? Decerto.

Mas são sobretudo desgraçados, quer dizer, doentes.

Se os olharmos d'este modo, teremos para elles indulgencia e compaixão.

Fugiremos de ouvir-lhes as divagações loucas, mas trataremos antes de tudo de os consolar e de os curar.

Que vida tão profundamente accidentada e tragica a que elles vivem, n'esta terra que é para tantos uma transição e que é para elles um desterro!

Não téem lar onde amem, onde repoisem, onde sorriam expansivamente na plena paz do corpo e da alma!

Nunca estão bem. . . onde estão!

Não sabem estacionar. Ashaverus da sua paixão despótica e insaciavel, não param, desçan-

çam apenas instantes, mas sem desfrutarem os olhos do alvo que lhes fica longe, para onde caminham incessantemente, porém que se afasta á proporção que elles avançam.

E a vida, e a doce e compassiva natureza, diz-lhes na sua eterna voz, que é feita de tantas harmonias :

— Parai aqui, ó cançados peregrinos ! Vêde como é bom, quente, avelludado e caricioso o ninho onde os filhos riem e chilream doidamente, onde uma alma que vos ama, vos está esperando toda enlevada e absorta na ventura que vai ser vossa ; vêde como são hospitaleiras as grandes arvores, como ellas vos acolhem com ternura, sacudindo sobre a vossa cabeça empallescida e cançada as folhagens entrelaçadas, onde tanta vida pullula e cresce ! E' tão pacifico e tão suave este cantinho da natureza ! . . . Como é bom viver e morrer aqui, no doce adormecimento de todas as paixões que devoram, no gôso ineffavel de todos os deveres que levantam a alma e a robustecem !

E' assim que essas vozes abençoadas tentam chamal-os e attrahil-os, mas de balde !

Que importam as castas e serenas paizagens a quem adora a excitação das longas viagens, as aventuras dramaticas, as ascensões perigosas, a eterna variedade de vistas e de panoramas, a eterna mudança de sentimentos e de affectos ? !

— Oh ! é longa e bella a mocidade ! Deus

deu-nos o vigor do corpo e a energia da alma para que os gastassemos na delicia de commoções sempre vivas e sempre novas!

E seguindo o pendor d'esta logica fatal, eil-os vivendo seculos em cada hora, correndo os mundos da phantasia e os mundos da realidade com as suas terriveis *botas de sete leguas*, atirando aos quatro ventos com todas as riquezas de que a natureza os fizera previdentes depositarios e não esbanjadores insensatos!

Se tu queres o typo immortal d'esta raça seductora e perigosa, que tantos males tem feito, lembra-te de D. João, o heroe lendario com quem tanta mulher sonhou e por quem tanta mulher se perdeu!

D. João não é um homem isolado, é um symbolo, que faz scismar e tremer!

Para que se conheça quanto é poderosa essa enorme encarnação do romantismo, basta dizer que não houve poeta grande que lhe não tocasse!

Nenhum d'elles, a não ser talvez Alfred de Musset, o comprehendeu completamente, e no emtanto nenhum d'elles deixou de receber das mãos frias e pallidas do terrivel perdulario a sua sagração de genio!

Só de encaral-o, só de approximar-se um pouco da infernal luz que elle irradia, todo o homem de phantasia e de talento se sentiu maior!

Oh! que nos não seduza nem por um instante a sua fatal formosura!

Esse sim, esse é que é o grande inimigo que, este seculo começou a combater, e que — tenhamos fé -- este seculo ha-de derrotar e destruir!

Tu já pensaste bem no que significa esta figura symbolica e assombrosa, a quem Molina, Molière, Byron, Musset, Malefille, Guerra Junqueiro, chamaram D. João?

Significa o lado pernicioso e attrahente do romantismo.

Significa o desejo doentio de tudo que não existe, esse desejo que passa em scintillações rubras pela alma dos adolescentes, e que os deixa para sempre abrazados n'uma chamma que não purifica mas que morde e dilacera!

Significa o morbido aneio das voluptuosidades sobrehumanas, a inquietação da phantasia sempre errante, o sonho dos amores impossiveis, a paixão selvagem do gôso, a cobardia invencivel para tudo que seja soffrimento.

Significa uma eterna aspiração que se traduz em crimes! uma actividade devoradora que acaba no anniquillamento! o odio ao dever, porque o dever é o contraste da paixão, e esta é no fim de contas a despotica soberana d'essas almas fracas!

D. João é a deificação do egoismo, mas como o egoismo é de todos os vicios do homem o mais repugnante, elle revestiu-se de todos

os prestígios da mentira para enganar as incautas, para attrahir as curiosas que horas mortas ouvirem o som magnetico da sua guitarra de perdição !

Quando entre as potencias e faculdades do homem e os seus desejos se estabelece um desequilibrio absoluto, o homem tem de succumbir, porque se não illudem nem se vencem as fatalidades da natureza.

Como homem, D. João tem de acabar pelo suicidio ou pela loucura, pela doença que em plena virilidade o prostre e o anniquille, ou pelo idiotismo que em plena intelligencia o inutilize e o converta em deploravel objecto de estudo ou de compaixão.

Como typo, D. João tem forçosamente de desaparecer das litteraturas, que hoje se estão edificando em novas bases, que hoje observam a realidade e a photographam, em vez de crearem figuras phantasticas que desnorteiam e que produzem a allucinação perigosa do falso ideal !

Assim como em um peito de homem moderno não cabem tantas paixões devoradoras e implacaveis, tantos desejos a que jámais se encontra o fim, assim tambem na nossa sociedade, que dia a dia se renova e transforma, não cabem esses typos sobrehumanos que foram a criação do passado !

D. João nos nossos tempos de prosa, mas que sabe, senão praticar, pelo menos entender

a verdadeira moralidade, tinha direito a um lugar . . . nas galés.

Do mesmo modo os elementos dispersos, que juntos e afeiçãoados pela mão do artista formaram essa figura typica, não têm hoje meio de se expandirem e de se desenvolverem completa e livremente, nem encontram terreno proprio por onde possam estender as suas funestas raizes.

Mas, combatendo com todas as forças e com toda a convicção, robustecida pela observação de todos os dias, esse lado terrivel da idéa romantica, não esqueçamos nunca, que não ha virtude por mais pura que não esteja separada por uma linha tenuissima do excesso d'essa mesma virtude, que então muda de nome e se chama vicio!

Estão para todos os olhos bem marcados e delimitados os campos.

Dois inimigos frente a frente disputam com sanha feroz a victoria.

A paixão dominou por largo tempo na imaginação do homem; procuremos, pois, que domine d'aqui ávante o dever.

Mas não façamos do dever uma especie de idolo implacavel, de deus indiano, exigindo a mutilação das suas victimas.

Creemos um novo romantismo, e dizemos *romantismo* por não saber de palavra que vingue traduzir completamente o nosso pensamento.

Creemos o romantismo do bem!

Meu Deus! sonhar é bom, com a condição, porém, de que se não tenham sonhos maus!

A phantasia é uma borboleta; deixal-a voar á vontade, comtanto que não vá poisar na arvore do peccado!

Fazer da vida uma coisa tão methodicamente regrada como um caderno de musica, tão infalivel como um compendio de taboada, marcar limites inalteraveis ás faculdades da alma e ás da imaginação, transformar a humanidade n'um titere que se move antomaticamente com certos e determinados cordeis, cortar as azas a essa ave indisciplinada que vive em nós e que nos impelle com os seus vôos, matar não o somno, como Macbeth, mas o sonho, o grande consolador, o *abre-te Sezamo* de todos os desgraçados, eis o que não posso de modo nenhum admittir nem conceber.

Que o homem tenha para o bem os prodigios de invenção, que sabe desenvolver quando se trata de satisfazer as suas terriveis paixões!

Que cumpra um dever como commetteria um peccado: com gôsto, com graça, com apaixonado impulso.

Murchem muito embora as flores do mal, de folhagem fulva e metallica, de côr rubra e violenta, de aroma corrosivo e acre, mas por Deus! não deixemos de baldio os terrenos onde ellas ha pouco erguiam os purpureos penna-

chos, as pyramides côr de oiro, os enormes calices alaranjados e opulentos.

Pois já não téem perfumes os lilazes, não téem suavidade e encanto os lyrios ? já não desabrocha a laranjeira para a grinalda das noivas nem a doce madresilva para os loiros cabellos virginaes ?

Conta-se de uma espirituosa e juvenil marquezia do seculo xviii, que ao tomar um sorvete murmurara com delicia: «Que pena que isto não seja um peccado mortal!»

Este dicto inconsciente de mulher bonita e louca, encerra uma philosophia, a philosophia d'aquelle tempo, quem sabe mesmo se a de todos os tempos!

O homem, este animal que por mais que faça, nunca ha de triumphar completamente dos seus instinctos, adora o mal, mais pelo prazer de opposição e de revolta que elle dá, do que pelos proprios gosos que encerra!

No meio da sociedade constituida o que é o homem ? um atomo que mal se distingue.

E' por isso que o lisonjeia extraordinariamente o poder elle, tão pequeno, contrariar e como que desmentir o infallivel colloçso que o esmaga com todo o poder das suas leis, com toda a força dos seus costumes, com todo o despôtismo da sua complexa engrenagem.

E no entanto, mais poderosa sobre nós do que a pressão continua das leis sociaes, é a voz interior dos nossos instinctos.

Vencer estes é mais glorioso do que escarnecer aquellas.

E' muito mais difficil praticar o bem do que o mal; portanto, a pratica do bem é um exercicio hygienico da alma, robustece-a, acostuma-a á lucta, dá-lhe as voluptuosidades supremas do triumpho!

Eu já tenho ouvido dizer a mais de uma mulher, que estão em erro gravissimo os que tantos esforços empregam para as preservar dos perigosos devaneios da imaginação.

— O perigo d'esta epocha não é o excesso de ideal, é a falta absoluta de ideal!

De accordo, minhas senhoras; mas está provado que esta epocha é toda de passagem e de transição.

O seculo XIX não é mais nem menos do que uma vasta officina. Tudo o que o passado creou ahi está nas chammias rubras da forja cyclopica.

O ouro e a prata vêem aqui largar as suas inuteis escorias; tomarão novos feitios, e com os antigos materiaes formar-se-hão monumentos novos, mas em coisa alguma ficará subsistindo a mesma fôrma.

Aqui derruba-se e destroe-se; trabalha o alvião e o camartello; lança-se por terra um mundo que viveu o seu tempo, que compriu a sua missão, que desenvolveu e exercitou todas as suas forças e todas as suas faculdades, contra o qual não devemos ter a minima animad-

versão, mas sobre as ruínas do qual trataremos de erguer um mundo novo!

Combateu-se a todo o transe o excesso do ideal que estava em desaccordo com a vida moderna; destruiu-se esse inimigo poderoso, que na litteratura se traduzia pelo romantismo, que nos costumes se traduzia pelos desvarios da paixão e do instincto, e hoje, desnorteadas e confusas, as sociedades deixam-se penetrar por uma gangrena nova, que se chama mercantilismo, calculo, egoismo tambem, mas egoismo grosseiro, material, sem ter sequer a apparencia que seduz.

Cumpré, pois, que a esta ausencia de ideal, que tira hoje todas as flores á vida, todas as chimeras á phantasia, todas as mais doces esperanças ao coração, succeda uma comprehensão clara, mas elevada e nobre, do que somos, do fim para que viemos, dos deveres que temos para cumprir e das compensações a que temos direito.

Idelealizar o bem é a grande questão!

Até aqui o homem, e principalmente a mulher, via rasgados deante dos seus olhos dois caminhos diversos.

Um, todo elle semeado de flores, accidentado, cheio de pequenos recessos encantadores; havia n'elle abyssmos, mas que prazer de os transpor! havia aromas venenosos, mas que magnetismo irritante ao respiral-os!

Outro, direito, monotono, rasgando os pés

dos que iam caminhando sem descanso com os agudos espinhos das suas sarças.

Era peor do que triste, era enfadonho!

A gente ia andando . . . andando, e avistava ao longe, muito ao longe, uma esperança de repouso hypothetico!

Chamavam-se a estes dois caminhos o do crime e o da virtude.

Desejo eu saber, porque o do crime havia de se pintar e descrever com tão bonitas côres.

Pois ha porventura voluptuosidades mais ardentes que as do sacrificio? Ha gosos mais profundos que os que nos dá um eterno amor? Ha delicias comparaveis á de luctarmos com-nosco, e á de nos convencer-mos?

Deixemos aos romancistas de má morte a triste idéa de que a alma só vive e se expande entregando-se sem dique á corrente de todas as paixões.

Repito: creemos o romantismo do bem; que o nosso eterno ideal seja o bom, mas que o nosso bom seja sempre o bello!

Le bien n'est que le beau mis en action, diz algures J. Jacques Rousseau, um homem muito fraco, que foi um pensador robusto!

CARTA XIII

AS MULHERES QUE MATAM

N'este momento os jornaes francezes, que inundam, como eu já disse aqui mesmo, as bancas das nossas salas e as estantes dos nossos gabinetes, não tratam senão de um assumpto: o processo de *madame* Hugues Clovis, a absolvição de *madame* Hugues Clovis. Quando tu leres esta carta já o assumpto terá perdido toda actualidade e todo o interesse.

No emtanto, se o caso em particular já não puder attrahir a attenção nem a curiosidade, ficará sempre de pé o symptoma de decadencia e de profunda desorganização mental que elle representa.

Uma mulher, perseguida e calumniada por um bandido de ignobil especie, não se contenta com o castigo applicado pelos tribunaes ao seu calumniador, e pegando n'um *revólver* mata-o com uns poucos de tiros, tendo préviamente combinado e premeditado a sua vingança

Comquanto medonhamente lugubre, este facto significa tão sómente o estado particular d'um cerebro feminino, póde mesmo não significar mais nada, nem dar logar a generalizações sempre um pouco arbitrarias.

Não pára porém aqui o phenomeno que estudo.

Pariz enthusiasma-se, Pariz electriza-se, Pariz sobe mais dois ou tres graus na febre que o consome; Pariz agrava a *nevrose* que o desequilibra e allucina, e *madame Clovis* torna-se em poucos dias a musa da vingança, a Joanna d'Arc do assassinato.

O *jury* absolve-a, certo e conscio de que a opinião publica a tinha absolvido já, e que seria elle o condemnado perante esse tribunal implacavel e caprichoso, se outra fosse a sua decisão.

Quando as mulheres assassinaem, não podem as mulheres que escrevem deixar a penna inerte, e o que é impossivel negar é que as mulheres estão assassinando demasiadamente.

E não são as pobres mulheres sem educação é sem consciencia, não são as pobres flores do pantano, tão desdenhadas e tão pisadas, que estão principalmente dramatizando os annaes judiciarios. Não, senhores!

Trata-se de umas poucas de mulheres instruidas, sabendo o que fazem, sem a desculpa da ignorancia que tão pouco attendida é, e que no emtanto é tão absolutamente decisiva.

E' pois necessario, que, deante de uma tal

aberração do nosso sexo, as que podem protestar protestem energicamente, protestem em todos os paizes, protestem em todas as linguas.

E' fóra de dúvida, que nunca me veio á idéa que a minha voz tivesse echo lá fóra onde a nossa lingua se não fala, mas tenho — para que occultal-o? — o sonho justo e bom de que não será inteiramente inutil conversar um pouco com as mulheres da minha raça, com as mulheres portuguezas e brasileiras ácêrca d'esta allucinação doentia, d'esta cruel demencia que vai invadindo lentamente os cerebros feminis.

E' incontestavel — e embora seja monotona a repetição, nunca me cançarei de o notar dia a dia — é incontestavel, que este momento historico da civilização latina é verdadeiramente assombroso de extravagancia e de contraste.

O que se diz é o desmentido flagrante do que se pensa; o que se pratica está em manifesta contradicção com o que se dogmatiza; nega-se em acção o que se respeita em principio; acata-se em palavras o que se desdenha na applicação.

Apresentam d'estas contradicções monstruosas as sociedades que se dissolvem, desconjunctam ou se transformam.

D'antes pelo menos era-se mais logico, era-se mesmo inteiramente logico. Matava-se com a maior facilidade e com a maior inconsciencia. A vida humana não vale tanto como

uma folha sêcca ? Atire-se pois com ella á carnificina de todas as batalhas ; atrophie-se na aspereza de todos os claustros ; immole-se ao estylete ou ao punhal de todas as vinganças ; sacrifique-se ao dogma anti-natural que faz d'ella a synthese de todas as miserias !

O desprêzo do homem era um sentimento que ninguem, no fim de contas, se atreveu por muito tempo a combater.

Cabem ao seculo findo e ao nosso seculo o louvor e a gloria de terem dado á vida humana o valor que ella merece.

Ainda o mais vil dos criminosos, ainda o mais abjecto dos réos, tem ao seu lado grandes pensadores, que luctam por salvar-lhe a vida, que tentam rehabital-o pela dignidade do arrependimento, que dizem á sociedade o que antigamente nem mesmo ao individuo se dizia: *tu não tens direito de matar !*

Pois é n'este ponto em que parece que ninguem ignora qual seja o dever, e qual seja a doutrina irrevogavel e sagrada que uma cidade, que se orgulha, e com razão, de ser o cerebro da Europa, se enthusiasma loucamente por uma mulher, porque essa mulher matou o homem que a calumniava.

Eu ponho inteiramente de parte a personagem de *madame* Clovis. Essa é uma epileptica ou é uma louca. Tem ás vezes momentos de loucura, ou tem de vez em quando momentos de lucidez. O estado morbido do seu cerebro

não lhe deixa ver as coisas senão tortas; imaginou no seu doloroso e involuntario desarranjo de cerebro enfermo que o meio de resgatar-se das infamias, que lhe atiraram para cima, era matar o auctor verdadeiro ou supposto d'essas infamias.

Um desvario ou um delicto individual, já se vê, que podem não concorrer absolutamente nada para indicar o estado mental ou sentimental d'uma raça ou d'uma epocha.

A mim, o que me espanta, o que me indigna, o que me fere, o que me entristece, é que o assassinato tenha tantos proselytos, é que o desprêzo que nos inspirava o punhal seja substituido pelo culto que o *revólver* nos inspira.

Vem já de longe a *sympathia*, que as *mulheres que matam* conquistaram d'este tempo saciado de todas as commoções, e que precisa, para se excitar momentaneamente, do condimento do que é extraordinario ou do que é monstruoso.

Tem havido ultimamente as mulheres que matam porque são trahidas. Começam agora as mulheres que matam porque são calumniadas, e já ha mulheres que matam porque ha quem as ame exaggerada ou importunamente.

Santo Deus! Quantas mulheres trahidas que se resignam! quantas mulheres calumniadas que perdoam! quantas mulheres perseguidas pela brutalidade d'uma paixão sem respeito, que se levantam serenas, oppondo á estulta

vaidade do perseguidor a altivez fria de uma dignidade invulneravel !

Pois qual é a mulher que pôde ter o orgulho de que nunca uma calumnia tentasse manchar-lhe os arminhos do seu vestido ? O desrespeito do homem pela mulher é tão grande, sobretudo nas altas classes, nas classes *elegantes* e polidas, que se manifesta principalmente pela calumnia, ingenuamente propalada sem um vislumbre de hesitação ou de remorso, com uma leviandade, com uma crueldade, com um cynismo de palavra que excedem tudo que possa dizer-se !

E todavia em casos d'esta ordem, tão frequentes e tão vulgares, parecerá a todas que tenham a delicadeza ingenita do seu sexo, que ha mais castidade e mais viva comprehensão da honra feminina nas que se calam, do que nas que fazem em torno de si o barulho e agitação d'um melodrama.

E, depois, não consiste a graça suprema da mulher na absorpção da individualidade propria na individualidade de seu marido ?

Nunca a mulher casada teve o direito de vingar as affrontas que lhe são dirigidas. *Ella* deixou de ser o que era para ser o que *elle* é. Eis a sua victoria, eis o seu triumpho.

E pôde o assassinato n'esta epocha ser a prova suprema de qualquer coisa ?

Je pence donc je suis, dizia o metaphysico ; eu assassino, logo estou impolluta, diz a arrebatada esposa do poeta Hugues.

E o público francez applaude, applaude inconsciente da loucura que pratica sem perceber que os applausos temerarios, que elle concede á allucinação d'uma histerica, vão echoar em milhares e milhares de cerebros, egualmente anemiados, produzindo n'elles effeitos medonhamente tragicos, sinistras e ameaçadoras derrocadas!

Que tristeza me vai n'alma quando vejo o momento de transição dolorosa, de dúvida vacilante em que tenho de viver, de lutar, de educar os meus filhos!

O mundo, que findou sob as ruinas e os escombros da revolução franceza, tinha a fé; o mundo que ao longe se antevê nas brumas indecisas do futuro terá a sciencia; o que tem, o nosso mundo? O que é que elle crê? O que respeita e adora?

Os que pensam um pouco na evolução inevitavel e fatal das idéas e dos factos, comprehendem bem que isto é assim, porque assim é necessario que seja; que se não passa sem abalos, sem transições, sem luctas dolorosas de um estado de crença exaltada, no que é sobrenatural, para um estado de confiança tranquilla no que é positivo; que a gloria suprema do nosso seculo será esta: a de ter padecido todos os dilaceramentos, a de ter affrontado todas as luctas, a de ter travado todos os asperos combates, a de ter vencido e esmagado todas as

solicitações da preguiça para chegar á conquista de uma verdade, que outros gosarão!

Mas enquanto os sabios jubilam e triumpham na victoria, que presentem certa senão proxima, deixem ao menos que nós, os poetas, os artistas, as mulheres, cuja sensibilidade mais vibrante sente intensamente os abalos d'esta derrocada subterranea, e o ruidoso martellar d'estas reconstruções apenas encetadas, deixem que nós, vendo a desordem, a confusão, o chaos tremendo que nos cerca, nos lamentemos e registremos senão o nosso protesto talvez injusto, pelo menos a expressão da nossa angustia espavorida.

A cada um a tarefa que lhe compete segundo as forças de que póde dispor e a influencia que póde exercer.

É claro que os que dominam a situação, que os que assistem serenos e confiados á transformação mental do homem, estão seguros de si, e continuam desassombradamente no seu caminho difficil, mas glorioso, illuminados, engrandecidos pela consciencia.

Mas os que não sabem? Mas os que não percebem? Os que se sentem perdidos n'esta refrega titanica? Os que já não crêem e continuam a ignorar? Os que não concluem d'este spectaculo complexo e vasto senão a idéa confusa de que o dever não passa d'uma chimera, o sacrificio de uma allucinação doentia, e de que a vontade e o egoismo humano são os

unicos deuses que devem levantar-se, implacaveis e soberbos, sobre os pedestaes d'onde se derrubaram feitos pedaços os deuses que durante seculos guiaram a humanidade no caminho da terra promettida?!... A terra promettida que nos faltou!

CARTA XIV

A INFLUENCIA DA NATUREZA

Muito infelizes são os *felizes* ! pensava eu no outro dia, depois de ler umas poucas de descrições mais ou menos pomposas das festas phantásticas em que a *alta vida* passa hoje, em toda a parte, a estação do campo e a estação de banhos !

E lembrei-me do que Balzac dizia dos nervos de aço dos parizienses, mais fortes, mais resistentes, mais aptos a todos os excessos do que os musculos rijos de um jornaleiro ou de um operario.

O que o mestre do romance moderno dizia das parizienses do seu tempo, tem hoje applicação em muito maior escala, desde que a vida mundana adquiriu o cosmopolitismo que sabes, a todas as mulheres que frequentam, ou antes, que constituem o que em linguagem de sala se chama a *sociedade*.

Se ellas applicassem a alguma coisa util e proveitosa a energia, a resistencia, a intrepidez, a constancia que applicam a *divertir-se*, de que milagres não seriam capazes! Porque, emfim, todo o exercicio de um orgão ou de uma faculdade os aguça, desenvolve, robustece e lhes augmenta o poder e estimula a actividade.

A mulher mundana gasta o fluido nervoso, que bastaria ao consumo de um heroe como Condé ou como Henrique IV, por exemplo, dois heroes nervosos que me lembram n'este momento.

Nós, as pobres creaturas pacatas, absortas nas tranquillias occupações da casa, não percebemos lá muito bem o que estas coisas sejam.

Uma cavalgata de leguas esfalfava-nos, uma caçada deixava-nos extenuadas, tres ou quatro bailes successivos estropiavam-nos para o resto da nossa vida.

Chega a parecer-nos phantastico que uma mulher tenha força para a vida que nos descrevem os chronistas da elegancia.

É limitada a dose de enthusiasmo ou a dóse de prazer que temos para gastar; infinita em nós só a faculdade de padecer quando padecemos os que nos são queridos.

Qual é, no fim de contas, o destino mais invejavel, o d'ellas ou o nosso?

Decide tu.

Eu, nas minhas horas más — quem é que as não tem? — penso que é o das outras!

Depois o dever deixa ouvir a sua voz austera e masculina, voz que acaricia fortalecendo; a abnegação canta aos meus ouvidos o seu hymno de melodias ineffaveis e penso então que é melhor o nosso.

No fim de contas tudo tem os seus prós e os seus contras.

Absoluto só Deus, e ainda assim como cada um tem de Deus uma concepção muito limitada e muito particular, succede ás vezes que elle só é absoluto no nome e em mais nada. . .

Como o destino da mulher não é positivamente a coisa mais agradável e mais justamente determinada que ha n'este mundo, a verdade é que a distracção excessiva, arrancando-a á contemplação de si propria, furta-a igualmente ás revoltas do orgulho, e ás lancinantes agonias da humilhação; mas nos momentos raros em que ella tem ensejo de se concentrar e como que reconhecer, que vasio desolado e medonho não deve ser o da sua alma!

Divertir-se! . . . Eis uma tarefa tão laboriosa, tão difficil, tão aspera, tão extenuante como ser irmã de caridade n'um hospital, ou n'um acampamento guerreiro; mestra n'um asylo de rapazes pequenos insubordinados; mãe d'uma numerosa familia sem dinheiro; costureira, ou creada de servir.

Para que uma pessoa se *divirta* com todas as regras que o bom tom determina despoticamente, é preciso sujeitar-se á mesma lida

incansavel de todas as horas, é preciso ter o mesmo desprêzo da commodidade, do somno, do descanso, da doce e tentadora preguiça que ás vezes adormenta e enlanguedece o corpo em uma especie de adoravel somnambulismo consciente; é preciso escravizar da mesma maneira a alma e o corpo, ter a mesma saude de ferro, não padecer de enxaquecas nem de dôres de dentes, ou mesmo padecendo, desdenhar com insensibilidade completa os seus ataques e insidias! é preciso não ter um só instante de enfraquecimento, de concentração, de cogitar solitario, de melancholia scismadora, de devaneio inutil.

Os que fazem parte do heroico batalhão de *prazer mundano* têm uma disciplina ferrea, a que, sob pena de serem considerados transfugas e como taes desprezados, hão de sujeitar-se irrevogavelmente. Já vês, que havia uma certa logica na exclamação que talvez tivesses por paradoxal: *Muito infelizes são os felizes!*...

Eu, que não pertenço a nenhuma roda, nem faço parte de nenhuma tribu distincta, tenho tido ha uns poucos de mezes a liberdade de gosar a natureza a meu modo, independente de qualquer prescripção ou de qualquer codigo; de viver com a terra, com a boa e amiga terra n'um contacto intimo e salutar, que me revigora o corpo e me tonifica o espirito.

Este amor da terra é muito mais raro do que parece, póde chamar-se-lhe, permite-me a

locução, um amor do outomno da vida. Só o sentem aquelles a quem os annos ou as tristezas envelheceram prematuramente

Toda a gente diz que gosta do campo. Phrase banal que nada explica. A verdade é que pouquissimas pessoas téem realmente este affecto e comprehendem as intimas e delicadas delicias que elle dá.

A nossa tendencia herdada, de seres civilizados e sociaveis, é amar o homem, a sua convivencia, a sua presença, o seu espirito.

Jovens, fugimos instinctivamente da solidão. Porque?

Porque para nós ella é muda e insensivel. Não tem nada que dizer-nos, não se associa á vivacidade, á turbulencia das nossas sensações, nem tem sympathia para o chimerico phantasiar das nossas esperanças.

O espectáculo sempre variavel, sempre animado da sociedade humana, attrai-nos então as vistas, distrai-nos e occupa-nos o espirito, contenta-nos as aspirações.

Se alguma vez nos agrada a natureza é porque a vemos n'um estado particular da nossa alma, atravez dos affectos e das alegrias que a preenchem, povoam e illuminam.

Tal dia de primavera, doce, cheio de luz, perfumado de giestas e madresilvas, gorgeado de passaros invisiveis, em que as arvores cheias de flores e de tenros rebentões verdes nos parec eram tão frescas, tão ridentes como o idyllio

intimo que nos entoava cá dentro as suas estrophes de luz, lembra-nos vivamente porque n'esse dia nos acompanhava *alguem* estreme-cido . . .

O scenario grandioso ou suave, que nos cercava e envolvia, era apenas moldura da nossa felicidade interior, accessorio no drama ou no poema do nosso coração !

Mais tarde, porém, que modificações profundas se operam em nós !

Vivemos, quer dizer padecemos !

Mentiram-nos os que mais amamos ! Os castellos ideaes que construimos nas nuvens, varreu-nos implacavel e lugubre a ventania do outomno !

Levamos noites e noites lentas, angustiosas, cortadas de sobresaltos tremendos, de esperanças subitamente frustradas ao pé do leito dos mais estreme-cidos amigos da nossa alma !

A morte invisivel e sinistra sentou-se ao pé de nós, cabeceira dos nossos queridos, e levou-os um dia, um dia de horror inolvidavel, surda aos gritos da nossa agonia espavorida, ás imprecações do nosso desespero atroz, aos soluços dilacerantes que nos sahiam convulsos do peito varado pelas sete espadas da dôr !

Em vão, abraçadas ao frio cadaver inanimado, invocamos as lembranças ineffaveis de um passado commum ; em vão tentamos dar vida aos labios que nos tinham beijado tanta vez, dar brilho aos olhos que nos contempla-

vam tão doces, voz á bocca que nos sorria tão cariciosa!

Oh! fatalidade tremenda das coisas! Que a gente tenha de perder os que amou, e de consolar-se de os haver perdido!

A morte, essa coisa mysteriosa e formidavel que a mocidade não comprehende, mesmo quando passa perto d'ella, a morte obumbrou para sempre o nosso espirito, revelou-nos o segredo de todas as vagas tristezas que fluctuam em nós, iniciou-nos no mysterio de todas as melancholias sem consolo, que entenebreceram a alma da pobre, da condemnada humanidade desde o primeiro dia em que ella viu *morrer* alguém.

Já nada nos falta para termos completado a dura sciencia da vida! Conhecemos a traição e a morte, duas fórmas da mesma sentença condemnatoria, porque se a morte é o desaparecimento subito dos que amamos . . . a traição é a morte moral que anniquila aos nossos olhos, e só peor do que chorar a saudade do que nos morreu é chorar a fé que tínhamos no que nos trahiu!

E' n'esse instante, acalmada a primeira crise violenta de desespero e de revolta, que a terra nos chama, dando-nos ao seu contacto, enternecido e brando, o antegosto do repouso que no seio d'ella gosaremos mais tarde.

No outro dia um grande e illustre amigo meu, cujo nome significa uma das raras glo-

rias do meu paiz, revoltava-se contra a exaltação da minha religião naturalista. E dizia-me:

— Não commungo n'ella, não. Esta grande machina de destruição e de producção é a causa de todas as nossas dôres, não tem alma nem coração, assiste illacrimavel a todas as tempestades que nos convulsionam, a todas as tragedias que nos dilaceram.

Talvez que assim seja, talvez.

Mas só aquelles para quem os homens têm sido maus, conhecem a influencia benefica e doce que exercem as arvores!

Muitas vezes ao pôr do sol, quando o horizonte se acende em grandes listrões escarlates, ou se doira de todos os aureos cambiantes da luz que vai morrer, eu sinto descer das linhas ondeantes e sinuosas das montanhas, levantar-se do concavo dos valles, evolar-se saudosa da profundeza das florestas uma voz branda e triste que me fala de tudo que passou, dando-me coragem para aceitar resignada tudo que tem de vir.

E' a doce voz das coisas mudas, é a caricia mysteriosa e fortificante da solidão, é a licção porventura inconsciente da boa natureza!

Concordemos que é sem querer que ella nos faz tanto bem; melhor é, ainda assim, fazer bem sem querer, do que fazer mal querendo, como os homens fazem uns aos outros.

O amor da natureza é, como eu disse ainda agora um, amor de velhice; conhecem-n'o e

sentem-n'os os individuos e os povos que têm vivido muito; é por um impulso talvez involuntariamente da alma cançada que elles voltam para o seio d'onde vieram, para a mãe indulgente que os concebeu e que os creou.

Nos centros, onde a vida afflue e d'onde ella irradia em manifestações fecundas, a lucta é uma das condições indeclinaveis e fataes; na grande, na serena paz das coisas a resignação impõe-se suavemente a todo o espirito vencida pelas asperezas inhospitas da vida.

A obediencia da natureza ás leis harmonicas que a dominam, a inalteravel repetição dos seus phenomenos, a tranquillidade inconsciente das suas variações, inspiram-nos a sujeição á lei mysteriosa que ninguem penetrou ainda e contra a qual o nosso orgulho se revolta debalde, creando, umas sobre outras, theorias audaciosas que têm de acabar no mesmo ponto de apavorada interrogação.

D'aqui se depreheende naturalmente que a sua influencia, tão boa para os vencidos, é má para os combatentes; que ella convida ás preguiças mentaes, que ella nos penetra da inutilidade do nosso esforço sempre renascente, sempre frustrado, sempre interrompido pela morte, sempre delimitado pela ignorancia em que estamos do nosso proprio ser!

Os milagres da sciencia, as maravilhas da industria, os arrosos da arte, os vôos audazes e indomaveis da philosophia dão-nos a orgu-

lhosa consciencia do nosso poder titanico, da immensa amplidão que a nossa mente alcança, do thesoiro colossal que temos sabido juntar, e que cada geração vai legando á geração seguinte, augmentado de novas e inápreciaveis riquezas, de novos e delicados instrumentos para os poder desenvolver e crear.

Quando os moralistas christãos, pasmados ante a audacia do homem, lhe tentam abater o orgulho chamando-lhe grão de areia no espaço infinito, passageiro ephemero no deserto sem limites, elle, imbuido da propria grandeza, responde altivamente: «Grão de areia, muito embora, mas grão de areia que pensa! Grão de areia que descobre e abrange com o entendimento o universo infinito! Grão de areia, que depois de conceber Deus, acceta voluntariamente a lacerante agonia de duvidar d'elle! Grão de areia que inventou o meio de seguir com o olhar a evolução dos planetas e a vida das cellulas, que descobriu as metamorphoses da materia, que sabe a ligação estreita e a linha ascendente que vai prendendo a pedra á planta, a planta ao zoophito, o zoophito ao animal superior, e que rejeitando a lenda gloriosa que fazia d'elle o filho bello e perfeito de Jehovah, o rei da criação inteira, creado elle proprio pelo sopro do Eterno, prefere dever todas as suas grandezas ao proprio esforço, prefere ter vindo das camadas mais inferiores da vida animal, ter-se resgatado á custa de uma agonia de milhares de

seculos, de todas as brutezas da materia inconsciente, ter chegado enfim ao ponto culminante d'onde abrange a vida e os seus phenomenos, mais mysteriosos e mais subteis, em successivas transformações ascendentes como os bellos deuses cantados pelos poemas indianos.»

Mas em face do grande e religioso espectaculo das montanhas serenas, do oceano eternamente agitado, das florestas cheias de murmuros e de cantos, das ervas altas onde um mundo de amor se esconde e se reproduz, tudo que é grandeza do homem nos esquece para nos absorvermos preguiçosamente na grandeza pacifica das coisas !

Ha gente que gosta da natureza pela belleza e harmonia das suas linhas, pelo accidentado dos seus aspectos, pelos seus effeitos de luz tão difficeis de traduzir. E modernamente uma pleiade enorme de pintores paisagistas tem apparecido que a vêem sómente debaixo d'este ponto de vista restricto.

Eu gosto d'ella por tudo, mas principalmente pelo bem que ella me faz.

Se tu me pedires a descripção minuciosa, exacta e technica de um canto da floresta, de uma paisagem vista ao pôr do sol do alto de um monte ou de uma serra, de um traço enorme do oceano, que estive horas e horas a contemplar calada sobre um rochedo da costa, bem sabes que nada te respondo, ou que te digo estupidamente : Não sei !

Sei só que na primavera quando a luz estremece e doira de centelhas alçadas a folhagem tenra das arvores, quando a seiva regorgita dos troncos musgosos, quando os ramos se abraçam n'um entrelaçamento voluptuoso, quando as flores desabrocham n'uma orgia de perfumes e de côres, quando nos parece mais transparente e mais azul a curva do céu, o espectro pallido da minha mocidade levanta-se melancólico, visível só para mim, e pergunta-me como que envolto n'um luar de tristeza. De que te serve este exuberante renascimento da terra, se eu já não posso renascer contigo?

Sei que uma tarde de outomno, doce, tranquillã, em que a luz nos vem coada pela trémula renda caprichosa dos salgueiros e dos choupos, em que os passaros fazem ouvir aquella chilreada inquieta e carinhosa, a que Weber chamaria *convite ao somno*, em que uma vaga e indefinível saudade parece destillar-se d'envolta com os vapores crepusculares da terra enlanguescida, me faz chorar a mim como uma velha creança que sou.

Que tem as alegrias e as festas da primavera com a minha mocidade esvaída? Que tem o outomno e a tarde com os entes que partiram para o paiz de onde se não volta mais?

Não sei. Não trato de indagar! Aceito passivamente a influencia que me vem do mar, do céu, da terra, das plantas verdes, e se as amo assim é pela impressão moral que me produzem.

Já vês que o meu modo de amar a natureza é também muito especial. Talvez que ninguém o partilhe, talvez que ninguém o entenda. Mas quem o sentir como eu o sinto, achará uma consolação ineffável á sombra das arvores, das grandes arvores amigas, que pacificam, abrigam e consolam, que dão sombra e esquecimento aos que veem de longe, cansado o corpo, lacerados os pés pelas urzes e pelos silvedos da estrada.

CARTA XV

GENTE MOÇA E GENTE VELHA

Sabes a eterna mania dos velhos e das velhas ? É falarem do seu tempo, como do unico tempo em que se vivia, em que se gosava, em que se brincava, em que o céu era azul, em que as laranjeiras tinham bom cheiro, em que nas sebes engrinaldadas de *alegre campo*, madre-silva e congossa, assobiavam os melros e suspiravam languidamente os rouxinoes. Não terias d'elles, não admira que pensem assim.

Aquelle tempo era o tempo da mocidade, era o tempo da esperança, era o tempo do amor !

N'esse tempo eram virtuosos os homens, eram leaes as mãos que apertavam as nossas ; ninguem nos trahira, ninguem nos esquecerá ; a morte não viera, conviva inesperada e lugubre, sentar-se famelicamente a nenhum dos nossos banquetes ; havia tambem doidos que diziam que nada é eterno, e o amor ainda

menos eterno que tudo o mais; mas nós sabíamos perfeitamente que elles eram doidos, e essa nota discordante não alterava nem modificava a harmonia intensa da nossa intima orchestra.

Encontravamos gente velha que nos falava do *seu tempo*, achando que tudo era mau e detestavel n'estes dias de luz que nós achavamos tão radiosos.

Mas não nos zangavamos por isso! Pelo contrario! Tinhamos immenso dó!

Que tolíce haver cabellos brancos, e haver rugas, e haver cabeças trémulas, e haver corpos dobrados pela fraqueza senil . . . É tão facil ser novo, é tão agradavel ter vinte annos . . . é tão doce sentir todos os olhos que nos seguem com um embevecimento em que ha um mixto de inveja e de piedade ideal!

— Para que haverá gente velha? Realmente já é ter mau gosto: — E encolhiamos os hombros e passavamos adeante cantando!

Alguem mais cruel dizia-nos com a voz enfraquecida e trémula:

— Tambem tu has de envelhecer!

Oh! então era delicioso e comico o nosso pasimo!

— Quem! Eu? . . . Essa é melhor! Talvez se persuada que eu hei de chegar aos oitenta annos? . . . Que idéa! . . . Não, senhor! Hei de morrer moça, levando commigo para a cova, a fazerem-me companhia, os sonhos que en-

chem de luz a minha alma de creança! Nunca saberei que ha mentiras, nunca saberei que ha traições, nunca a vida me ha de revelar os seus abysmos tristes e os seus abysmos hediondos. Quero subir para a região do mysterio levando a minha tunica branca immaculada, levando a minha corôa de flores sem que lhe falte uma petala só . . .

Hoje é provavel que outros sintam o que a gente do meu tempo então sentia . . . A differença não está nas coisas; a differença está em nós que vemos a vida com outros olhos, os olhos tristes do desalento, e principalmente com a amarga sciencia que a vida tem para os que viveram.

Ha uma coisa porém de que eu gosto sempre. É de dizer aos moços que se compenetrem bem da sua mocidade, que se agarrem a ella, que a deixem fugir o mais tarde que lhes seja possivel, que a amem como a unica alegria grande que este mundo ainda soube dar aos seus miseros habitantes! Sim, porque, desengana-te, nada ha melhor, nada ha tão bom! Do tragico e terrivel conflicto travado entre os desejos do homem e as fatalidades da natureza, entre as aspirações da alma e as restrictas leis sociaes, quem é que sai vencedor! A revolta é a condemnação; a resignada e submissa obediencia é a mutilação do nosso proprio ser! É entre a resignação e a revolta a vida não estabelece meio termo!

Pois esse problema esmagador, a mocidade não o resolve, nem o vê! Ainda não chegou a hora da lucta; eis porque ella é tão boa, eis porque as suas manhãs são tão limpidas, o seu céo tão azul e as suas sebes tão povoadas de rouxinoes!

Esta minha eterna prégação á gente moça, parece dispensavel, parece caturra e *prud'homme*; pois não é.

Em primeiro logar, ha muita gente que só percebe o que seja a mocidade quando ella, ave azul das lendas orientaes, tem batido as suas azas de saphyra e de turquezas, e se tem sumido para sempre nas brumas indecisas da distancia...

Uma alma caridosa que explique a esses ignorantes o thesoiro que inconscientemente possuem e desperdiçam, faz, já tu vês, um optimo serviço.

Depois—e esta segunda razão tende a generalizar-se cada vez mais — uma creatura moça, inteiramente moça, virginalmente moça, vai-se fazendo rara.

Ha por ahi *Cherubins* que aos dezoito annos já téem a malicia, o sceptismo, a manha velhaca de *Figaro*; ha por ahi *Ophelias* pallidas como o luar, coroadas de *vergiss mein nicht* como as ondinas da poesia scandinava, cujo sorriso ideal occulta e disfarça o cálculo interesseiro, o egoismo feroz, as astucias laboriosas e intrincadas d'uma *Valeria*... *Marneffe*... *avant la lettre*.

Para ser moço não basta apenas parecer o! É necessario possuir poucos annos e muita ignorancia; uns olhos limpídos e uma alma crystalina; um sorriso sem fel e uma confiança imbecil no primeiro que passa!... É necessario acreditar em tudo mas principalmente no que... não existe. Confiar em todas as affirmações, ainda as mais hyperbolicas e extraordinarias; no que os poetas dizem do seu soffrimento, os politicos da sua consciencia, os negociantes da sua mercadoria, as mulheres do mundo da sua alma *incomprehendida*. É preciso ter a plena convicção fortificante e consoladora de que n'este mundo nada ha falsificado, nada imitado, nada *contrafeito*: nem os protestos de amor, nem os frascos de perfumarias. Ser moço é nada vêr do que é feio, do que é mau, do que é doloroso, e idealizar ainda mais tudo que é bello, tudo que é bom, tudo que é puro. Ser moço é estar na terra e não viver d'ella; é pairar no azul perto das estrellas, sabendo ao mesmo tempo ouvir o que os rouxinoes, em noites de lua, dizem baixinho, de ardente e apaixonado aos olhos avelludados e escuros das violetas, que espreitam surrateiramente por entre a relva... Aqui está o que é ser moço, aqui está o que pouco a pouco se vai deixando de ser, por este mundo estristecido e sceptico...

Para mim, na obra collossal de Goethe que a todos assombra, ha uma idéa que mais que

tudo me encanta. É a supremacia que o grande poeta dá, acima de todas as coisas a esta divina coisa tão rápida que se chama *mocidade*.

E que não ha sciencia, nem gloria, nem poder, nem riqueza, que valham essa radiante apparição de cabellos d'ouro que surge uma vez na nossa estrada banhada em sol, e que ao fugir nos deixa para sempre ás escuras.

Outra phase, talvez menos sympathica, que tem a mocidade, pouca gente repara n'ella. E que n'esse tempo, em que a gente tem pensado muito pouco, é justamente o tempo em que julga ter mais idéas feitas. Em vez de gosar ardentemente, despreoccupadamente, o nosso quinhão de paráizo, aqui nos pômos a ter, a respeito de cada facto, de cada acontecimento, de cada circumstancia, de cada modo de sentir, de cada paixão, a nossa opinião accentuada, absoluta, previamente estabelecida e assente!

Ó ignorancia! Ó desconhecimento feliz de todas as leis humanas!

O. que ha n'este mundo, que não varie segundo as circumstancias de que se rodeia e acompanha? Quem póde affirmar que isso que hontem lhe parecia injusto lhe não pareça justo hoje? Quem ousará dizer, tendo a desoladora experiencia da vida, que não mudará nunca de idéas nem modificará, sob o imperio de circumstancias imprevistas, o seu modo de ver as coisas e de julgar os acontecimentos?

Parece que devia succeder aos homens exa-

ctamente o contrario do que lhes succede, que a idade teria o poder de radicar as suas crenças, de immobilizar as suas idéas, de tornar mais firme a sua critica, de dar uma base mais solida aos seus conceitos. Não. A idade faz-nos irresolutos, faz-nos indecisos, faz-nos indulgentes; reveste-nos d'essa bonhomia um tanto indifferente, d'essa benevolencia um tanto sceptica, de que Montaigne é o typo mais genuino a expressão mais completa e característica.

Oh! onde estão ellas, as bellas indignações da mocidade, os bellos impetos heroicos com que nós partimos todos os dias á conquista do *vello d'ouro* ideal! Já nos não apaixonamos assim pelo bem ou contra o mal! Fazem-nos rir affirmações absolutas, as intransigencias altivas da mocidade que passou. O que é dura invariavelmente, o que é que se não modifica sob a acção do tempo? Qual é a idéa que nos acompanha do berço á sepultura, recta, fixa, permanente, immutavel Qual é o bem que não pôde, ao imperio de extranhas influencias, tornar-se *mal*; qual é o *mal* de que um raio de luz acariciadora e fecundante não pôde extrahir uma parcella de virtude!

E temos pena das sentenças implacaveis com que na inexperiencia adoravel da nossa curta vida condemnamos o que a nossa razão amadurecida absolve agora.

Oh! como então nós entendiamos pouco, e como entendemos bem, mais tarde, aquella

melancholica poesia que H. Heine intitulou *Interrogações!*

« Á beira do mar, á beira do mar deserto e nocturno, vejo um mancebo de pé. Está cheia de duvidas a sua alma, e com olhar amortecido elle diz ás ondas: Oh! explicai-me o enigma da vida, o doloroso e velho enigma que tem atormentado tantas cabeças, cabeças que trouxeram mitras e turbantes, barretes e cabelleiras, e que foram nobres e ardentes cabeças de homens. Dizei-me o que é o homem. D'onde vem? para onve vai? Dizei-me quem habita lá em cima por detraz das doiradas estrellas.

«As vagas murmuram o seu murmurio eterno, o vento silva, as nuvens fogem, as estrellas scintillam frias, indifferentes, e ha um louco á beira mar, que espera eternamente uma resposta... que não vem!... »

CARTA XVI

O ESTYLO É A MULHER

Tout le secret de ma verve c'est que je me porte bien (está na saúde que tenho o segredo da minha fecunda alegria), escreveu um dia aquelle adoravel Alexandre Dumas, um dos homens rarissimos que soube reunir em si a força e a graça, compondo d'estes dois elementos preciosos uma potente e inimitavel individualidade.

Pois, minha querida filha, a mim succede-me exactamente o contrario, e parodiando o celebre dicto tão verdadeiro na sua ingenuidade, posso dizer-te que o segredo da minha suprema semsaboria *c'est que je me porte mal*.

E' de balde que o céu de maio, um céu azul sem nuvens, largo, limpido e profundo me fala das festas da primavera; é de balde que as rosas descerram por toda a parte o seu calice purpuro a transbordar de orvalho; é de balde que

os ninhos se povoam; a *minha alma é triste*, apesar de tudo, como a d'aquelle poeta brasileiro que tem na voz umas notas tão suavemente *lamartinianas*.

Dir-me-has talvez que ninguem tem nada com as minhas tristezas, e de facto, o processo das novas escholas tende de tal modo a fazer desaparecer o escriptor por detraz da sua obra, que em breve o celebrado axioma de Buffon — *o estylo é o homem* — terá d'ir juntar-se irremissivelmente a varias outras falsidades que elle proclamou em tom dogmatico.

Sim, concedo que em breve teremos de concordar unanimemente que o *estylo* é tudo menos *o homem*; o que porém não podereis alcançar nunca, ó sacerdotes da impersonalidade na arte é que o *estylo* não seja a mulher!

N'isto somos nós muito mais sinceras do que o sexo que tanto declama, ácerca da nossa apregoada falsidade, pela bocca de todos os mediocres ou pela penna de todos os genios.

Seremos falsas, seremos; saberemos sorrir nas horas de agonia, occultar sob uma lagrima fingida o triumpho da nossa vaidade, a satisfação do nosso orgulho; mas com a penna na mão, logo que a mulher se consubstancie na escriptora, não temos artes para deixar de revelar, ainda ao mais superficial dos observadores, os nossos gostos, as nossas predilecções, os nossos desalentos; as decepções que nos desbotaram n'alma a flor ideal da crença juvenil, tudo que

somos interiormente, tudo aquillo de que o mundo antes de nos ler conhece apenas a apparencia e a exterioridade.

E como prova d'isto que aqui te digo, interroga a alma da mulher atravez de todos os livros assignados por mão feminina, e verás como chegas a comprehendel-a melhor do que depois de haver lido e decorado tudo que d'ella têm escripto os seus entusiastas e os seus detractores, os que lhe celebram a apothese e os que a rojam pelos charcos immundos da calumnia

É que no estylo da mulher, estylo que tem a origem no coração e não no cerebro, reflectem-se, com verdade extranha, todos os cambiantes ainda os mais varios, ainda os mais fugitivos, ainda os mais subtis do seu sentir delicado e mobil.

A mulher, ser nervoso, vibratil, todo de impressões rapidas e violentas, não saberia nem á custa do mais energico esforço, da mais dolorosa mutilação, alcançar aquella serena impersonalidade de Goethe, que nos assombra como a maior das maravilhas a que o talento e a força do homem podem attingir.

Disseram a Santa Thereza, a apaixonada hespanhola, que não puzesse nos seus versos o reflexo da chamma que lhe abrazava a vida inteira, que não soltasse aquelles gritos convulsos e hystericos que traduzem o extase no ponto em que o extase se transforma em agonia, e vel-a iam emmudecer, ella a inspirada py-

thoniza christã, como se um jorro glacial houvesse subitamente apagado o incendio de iriadas côres, em que a sua alma se consumia com volupia extranha.

Descendo a exemplos mais mundanos, lancemos um rapido relance de olhos á galeria — não muito povoada, ainda assim — de mulheres que têm tomado o publico por confidente das suas visões interiores, e vejamos como n'ellas todas se revela yisivelmente a alma da mulher atravez da linguagem da escriptora.

Quem não conhece a puritana austera, conscienciosa, um pouco pedante, cheia de energia e de boa vontade, nos livros-sermões de mrs. Beecher Stowe?

Quem não vê destacar-se viva e palpavel a graciosa e impeccavel *mundana*, um tanto vaidosa dã sua esculptural formosura, doidamente captivada pelos esplendores sociaes, pelas *pompas de Satanaz* no que ellas têm de menos *satanico*, aristocrata de instinctos e de gostos, vivendo de melhor vontade entre as graciosas e ricas futilidades d'um salão principesco do que na pulverulenta atmospherã das bibliothecas, gostando mais de rir do que de meditar, mais de conversar do que de ler, atravessando alegre, affavel, ebria de innocentes ambições de gloria, uma epocha em que a soberania do espirito exerceu alta e salutar influencia, ao folhear os livros perfumados, espirituosos, ligeiros, frivolos, um tanto convencionaes, da encantadora

madame de Girardin, aquella que aspirou ao titulo glorioso de *musa da patria*, mas que em boa justiça o não mereceu?

Nas suas tagarelices adoraveis, nas suas indiscreções escriptas com penna de oiro e nacar, revela-nos ella toda a sua vida sem nos occultar coisa alguma; mas para ser *musa da patria*, quando essa patria se chama a França, é necessario mais que o espirito rendilhado e fino dos salões, é necessario a grande alma austera, capaz de inspirar todas as abnegações e todos os sacrificios, é precisa a inspiração quente e audaciosa capaz de animar para todas as luctas os combatentes do bem e do bello.

Madame de Girardin foi a mais graciosa e delicada das escritoras, e por isso mesmo que longe ella está da verdadeira *musa da França*, d'aquella liberdade athletica e robusta de que Augusto Barbier nos fala nos seus *Jambos* immortaes!

D'essa figura fascinadora e terrivel, especie de Theroigne de Mericourt, que nas horas do perigo, da colera suprema e das batalhas férvidas tem sempre conduzido a França ás suas conquistas do direito, fugiria de certo aterrada, um pouco ironica, a espirituosa amiga de Lamartine, aquella que só gostava de escrever vestida de branco, adoptando essa côr como symbolo da sua immaculada e serena graça de artista e de mulher.

Outra houve ainda, que nos contou nos

seus livros a historia accidentada e tragica, cheia de luctas, de lagrimas, de combates intimos, de remorsos phreneticos, de indomaveis paixões e de melancholico arrependimento da sua vida, que foi como que a epopéa do romantismo.

Adivinhaste já, de certo, que estou falando de George Sand. Desde a *Indiana*, o seu primeiro livro de guerra, até ás ultimas obras tão pacificas, tão aureoladas de amoravel e serena claridade, a gente segue aquella existencia de luctadora dos pinaros illuminados pelo incendio das ruins paixões, que dilaceram e suppliciam, até os umbrosos valles da sua aldeia natal, emsomburada pela rama avelludada das grandes arvores hospitaes onde as aves cantavam um hymno de graças em honra da peregrina, cançada e exangue, que voltava emfim depois de ter andado tantos annos perdida! . . .

Não prova isto que a mulher, seja qual fôr a tendencia da sua epocha, seja qual fôr a indole do seu engenho, não póde escrever para publico sem lhe dar um quinhão da sua alma?

Se fui procurar tão illustres exemplos, não creias que me levou a vaidade, mas sim o desejo de ver desculpada a audacia das minhas involuntarias confidencias.

Como te ia dizendo, estou doente, escrevo-te debaixo d'esta dolorosa e escura impressão.

Não sei quem disse já, que uma das obrigações indeclinaveis da mulher era ter saude.

Extravagante opinião que a natureza, na fatalidade irresistível das suas leis, condemna sem appello.

Em contraposição áquelle juizo d'uma tyrannia cruel, houve um homem, cuja alma eu acho luminosa e querida entre todas as almas, que, um dia, na sua linguagem que era um encanto uma magia, uma illuminação extranha, pediu piedade para a mulher, porque a mulher deante da natureza não passa d'uma enferma!

Como elle acertou, e quanto nós lhe devemos!... Divida eterna, que todas nós deviamos concorrer para saldar com a nossa gratidão de todos os instantes, e que tantas negam, desconhecendo ou menosprezando o nome d'esse apostolo da religião da mulher, que se chamou Michelet.

Porque a verdade é esta, minha querida, não só eu sou doente. Toda a mulher é uma doente; não é nem póde ser mais nada.

No amor que ella inspira deve entrar muito dó; a veneração com que a exaltam, para ser verdadeira, deve ungir-se d'ineffavel piedade.

Exijam d'ella todos os sacrificios do coração, e terão verdadeiros milagres que a historia aponta e que as gerações admiram pasmadas. Sujeitem-n'a a um trabalho mental, austero, regrado, methodico, e vel-a-hão immediatamente succumbir ao pêso d'esse encargo com que os seus hombros não podem.

Vibratil, impressionavel, alegre ou triste,

consoante o céu está azul ou nublado, a temperatura está amena ou aspera; obedecendo fatalmente ás influencias exteriores, incapaz de resistencia; incapaz de perseverança; de uma desigualdade de humor inteiramente devida a causas physiologicas que não pode vencer, imaginem bem o que ella seria se os seus maiores inimigos — que são os que a querem emancipada e livre, no pleno poder e no pleno exercicio de faculdades que não tem — conseguissem atirar com ella ás agitações da praça publica, ás luctas das assembleias legislativas, aos debates violentos e tantas vezes injustos dos tribunaes humanos!

O homem não tem intermittentes intellectuaes. É sempre intelligente ou é sempre tólo, é sempre activo ou sempre preguiçoso; o homem é hoje o que foi hontem. A mulher é principalmente o que não foi na vespera, nem ha de ser no dia seguinte.

Hoje entusiasta, amanhã sceptica; hoje ironica, amanhã apaixonada; hoje credula e confiante, amanhã desconfiada e esquiva; hoje adorando a poesia, amanhã renegando-a implacavelmente.

É sempre agitada, convulsa e dolorida, doente n'uma palavra.

Quando ella tem a força que repelle todas as tentações, ninguem a applaude na sua heroidade obscura; uns nem a notam sequer, outros chamam-lhe fria, insensivel ou estupidal

Quando ella succumbe á influencia poderosa de mil causas secretas, de mil causas fataes, de mil causas que ella ignora, e cujo poder se lhe impõe irresistivelmente, todos se reúnem para a lapidar sem piedade, todos a condemnam com inexoravel rigor.

Todos . . . não, visto que houve um, o Justo dos justos, que lhe perdoou pelo muito que ella amara, isto é, pelo muito que ella padecera!

Balsac disse um dia, que os nervosos só pelos nervosos deviam ser julgados ; as mulheres tambem só deviam ser julgadas pelas mulheres, mas — extranha coisa! — são ellas as que menos dó téem umas das outras.

Entre os homens, ainda lá temos de vez em quando quem nos defenda, quem no libello formulado contra as criminosas d'entre nós, não perca de vista as circumstancias que attenuam as mais das vezes os nossos delictos.

Mas entre as mulheres?! . . . Oh! essas téem sempre a sentença condemnatoria que atira sem appello a victima das circumstancias exteriores, e da sua propria organização, para a escura selva onde ululam desesperadas e sem consolo as que na terra já nunca mais podem ter perdão.

Que toda a mulher, genuinamente mulher, que tenha mais nervos do que musculos, mais lagrimas do que raciocinios, mais impetos do que resoluções razoaveis, mais paixão do que justiça, mais amor do que tranquilla indifferença, olhe para dentro de si propria e unja

o seu perdão, ou, pelo menos, com as suas lagrimas de piedade, as suas irmãs na dôr, as suas irmãs no captiveiro, as suas irmãs no caminho doloroso da vida, quando as vir na ephemera irritação que as faz considerar as pessoas e as coisas sob um aspecto falso e injusto; na cruel *neurose* que as exalta, exacerba, allucina, e lhes faz perder, por fim, a justa harmonia e a justa comprehensão dos factos e das idéas; na intermittencia do poder cerebral, que torna ás vezes estupidas e como que anesthesiadas ainda as mais intelligentes e as mais fortes, e até mesmo no desvario que arrasta as possessas inconscientes, as victimas desgrenhadas e soluçantes, as tragicas demoniacas da paixão! . . .

Mais piedade para a mulher! Eis uma phrase que todas as mulheres devem meditar, porque n'ella se encerra o segredo de muita coisa pura, ideal, delicada e bella, que nós infelizmente ignoramos e que antes de tudo mais nos cum pria saber!

CARTA XVII

A MULHER MODERNA NA ORRA DE BALSAC

Cada homem de genio tem a sua galeria de figuras typicas, que ficam vivas e perduraveis no coração e na memoria das gerações que se vão succedendo.

E entre os artistas que têm conseguido imprimir vida e realidade nas suas creações imaginosas, é Balsac de certo aquelle que mais avulta.

Balsac fez no romance o que Miguel Angelo fez nas artes plasticas.

Marcou com o seu poderoso e indelevel sêllo cada uma das figuras d'essa extraordinaria multidão que introduziu no mundo da arte a sua mão de gigante.

As figuras de Balsac conhecem-se e distanciam-se de todas as outras.

Nem os proprios profanos se illudem.

A garra do leão é visivel a todos os olhos.

Balsac é o mais extraordinario e original escriptor dos tempos modernos. O *realismo*, essa eschola da qual no seu tempo ainda se não conhecia o nome, foi elle quem a inventou; os processos que ella hoje reclama como seus, foi elle o primeiro que os poz em pratica; as suas bellezas e os seus defeitos, o que ella tem de grande e o que ella tem de imperfeito, avultam na obra colossal do creador do *Père Goriot* e de *Eugénie Grandet*.

Balsac foi o primeiro escriptor verdadeiramente realista, e como só procurava a verdade sem que nenhuma preocupação de eschola, nenhuma opinião anticipada o influenciasse, os seus quadros têm todos os toques sublimes ou pungentes da realidade.

Creou monstros, mas nunca teve a preocupação do *horriovel*; revolveu todos os lodos, mas não mostrou de modo nenhum a predilecção abjecta das coisas insalubres.

Nasceu em uma epocha singularmente agitada, em uma epocha de febre, de grande actividade intellectual, em que a vida se consumia depressa, em que a ambição queimava o sangue inoculando-lhe os seus funestos ardores.

Pariz, o prestigioso Pariz d'aquelle tempo, attrahiu-o como um enorme abysmo de fauces entreabertas, no fundo da qual elle sentia marulhar e rugir sinistramente a corrente lodosa de todas as más paixões.

Que estudo enorme, que atrahente estudo,

inexgottavel, para o artista que havia dentro d'esse homem plethorico, ardente, sensual, de proporções athleticas e de cobiças insaciaveis!...

Cada seculo precisa de encontrar um homem que traduza e represente em si as paixões, os sentimentos, as idéas, as aspirações, até as manias que n'elle predominam.

Dante é o poeta da idade media; como ella devoto, apaixonado, mystico, convulsionado pelos terrores e pelas visões do inferno, e agitado pelos odios ferinos, pelas coleras surdas e concentradas.

Shakespeare é o poeta do seculo xvi, requintado e violento, sanguinario e subtil, cynico e sublime; capaz de perder-se com Hamlet nas allucinações de um sonhar confuso e metaphysico, e de rolar grosseiramente com Falstaff até ao fundo da mais abjecta orgia truanesca.

Poeta de contrastes violentos e accentuados, sem transições e sem gradações de tom como o seculo a que pertenceu.

Apresentando alternadamente as faculdades mais oppostas, levando a pintura do crime até á mais refinada monstruosidade, do amor até ás mais altas abstrações do ideal, ás mais ineffaveis delicadezas do sentimento; sabendo desenhar com uma potencia unica os estados mais extremos e mais violentos da alma humana.

Conhecer a fundo a obra de Shakespeare é conhecer a humanidade de todos os tempos nos seus lineamentos geraes, nas suas fundamentaes

faculdades de sentir e pensar, mas é conhecer também— e atravez de que observação completa!—a quadra em que o grande artista produziu e viveu!

Pois como estes dois inspirados artistas, Baccac foi não o poeta mas o pintor naturalista da primeira metade do seculo XIX.

Os nossos netos, quando ouvirem falar d'este seculo sem predecessores na historia e que apresenta em si as mais absurdas e inexplicaveis contradições; quando consultarem as montanhas de documentos, de factos, de informações, de relatorios, mais ou menos precisos, que hão de constituir os seus extraordinarios annaes, sentir-se-hão devéras perplexos deante d'essa extranha confusão de sciencia e de ignorancia, de scepticismo e de credulidade, de theorias sublimes e de praticas indignas, de boas doutrinas e de pessimas acções, de monstruoso egoismo e de abnegação heroica, de sacrificios admiraveis feitos em prol dos mais mesquinhos interesses, de ambições desregradas postas ao serviço das causas mais vis, de talento poderoso applicado á satisfação de desejos degradantes; chaos assombroso, mundo apocalypticó, onde ora se debatem nas trevas todas as paixões ruins da humanidade, ora relampejam a espaços clarões de momentaneo e fugaz incendio.

Este seculo arrancou á natureza os seus segredos mais reconditos; sagrou o homem verdadeiro rei da criação; tornou-o poderoso,

investiu-o das mais preciosas faculdades, entregou-lhe a chave de todas as civilizações extintas, illuminou aos seus olhos o passado com a luz clara e fecundante da critica historica, destruiu as superstições que lhe occultavam o seu proprio destino; ligou, concatenou harmoniosamente todos os conhecimentos que representavam o thesoiro dos seculos, fazendo de cada um o élo indispensavel d'uma cadeia logica; facilitou ao espirito humano a comprehensão de todas as verdades; rasgou os limitados horizontes que o cingiam, tornando-o ao mesmo tempo equilibrado e livre.

Pois bem! este seculo, que fez taes maravilhas, roubou ao homem tudo que era para elle: a felicidade, a esperanza, o contentamento, a fé!

Explique-nos quem puder esta contradição tremenda; esclareça-nos este ponto escuro, ameaçador da civilização moderna.

O homem nunca teve mais sciencia, mais liberdade, mais gosos materiaes e espirituaes; nunca pode desenvolver mais livremente as suas faculdades complexas, as suas faculdades riquissimas; nunca pode encaminhar o seu destino mais conscio do ponto d'onde partia, e do fito a que se vai dirigindo; nunca teve systemas mais defenidos sobre a familia, sobre a moral, sobre o dever... Porque é pois que o homem vacilla, porque soffre, porque é hoje mais desgraçado e mais triste do que no tempo em que o seu corpo succumbia ao pêso das

ferreas armaduras e a sua alma sob a pressão das sombrias superstições, em que elle se curvava, escravo de gleba, escravo do fanatismo, escravo da prepotencia dos outros homens, e das fatalidades invenciveis d'uma natureza hostil?

A esta pergunta, que parece irrespondivel, talvez encontrem resposta os que a quizerem procurar na obra collossal de Balsac. É que ninguem como elle soube explicar o homem d'este tempo, tendo todas as possibilidades de ser feliz, e esmagando-as todas sob a terrivel e implacavel ambição, que o lança desnordeado á conquista dos gosos phreneticos que a sua depravada imaginação lhe representa.

O seculo xix, apesar de todas as suas visiveis e raras grandesas, não é mais do que uma quadra de transição.

Das ruinas titanicas que juncam o sólo, ha de levantar-se, não duvido, o edificio esplendido do futuro.

D'esta forja cyclopica onde lidam e tresuam tantos trabalhadores valentes, ha de sahir limpo de todas as escorias o metal maravilhoso de que se fundirão estatuas perfeitas.

Trabalha-se, sim, trabalha-se muito, mas não seremos nós, que havemos de gosar tranquilllos, triumphantes, o fructo abençoado d'esse labor gigantesco.

As verdades que possuimos estão eivadas ainda de muitos erros; não penetrou ainda

completamente no nosso entendimento, obsecado por antigas chimeras, o espirito das leis cuja lettra sabemos de cór.

Domina-nos por demais essa coisa monstruosa que o nosso tempo não viu nascer, mas viu medrar extraordinariamente: o interesse.

A natureza chama o homem d'hoje, afaga-o, convida-o e diz-lhe com caricias ineffaveis na sua voz, que é uma orquestra: «Aqui me tens para te servir e amar! Eu, que fui a tua inimiga, sou hoje a tua escrava submissa. Eu, que tive para ti filtros magicos, tentações ignotas; eu, que fui a grande feiticeira que alanceou de tão dolorosas angustias a tua infancia atribulada, sou hoje a tua confidente, a tua amiga, a auxiliar mais prestadia e mais fecunda da tua assombrosa intelligencia, que eu dilatei além do possivel!

«Utiliza as minhas forças, aproveita os meus segredos, arranca ao meu seio recondito as inexgottaveis riquezas que elle te offerece; estuda noite e dia as harmonias que me fazem eternamente moça, eternamente grande, eternamente bella! Eu te darei a força, a robustez, a vitalidade, a paz, a juventude!

A sciencia rasga deante d'elle as suas perspectivas sem fim, os seus insondaveis horizontes; dá-lhe o segredo da vida e o segredo da morte, e com estas duas manifestações da mesma grande lei, destroe todos os terrores que entenebreciam a sua alma.

A philosophia levanta-o, a historia elucida-o; a critica, classifica-lhe as idéas, põe ordem e methodo na sua desordenada phantasia, e elle, o homem moderno, o conquistador, o rei, o semi-deus, põe de lado com dolorosa tristeza os thesoiros que lhe offerecem, e só pede á sua intelligencia illuminada e fortalecida o meio de alcançar, seja a que preço fôr, o oiro que baste á criminosa cobiça dos seus sentidos.

No fundo de todos os descobrimentos maravilhosos, de todas as empresas gigantescas, de todas as innovações beneficas, de todos os progressos admiraveis dos nossos tempos, surge a eterna ambição da riqueza, unico motor que impelle e põe em acção o homem d'hoje.

É essa a origem damninha, que parece pôr um sêllo de maldição em todas as grandes coisas que hoje se operam.

Gosar! Eis o fito supremo ao qual todos se arrojam impetuosamente.

Viram ficar esteril e deserto aquelle céo que a mythologia christã havia phantasiado, e como aos olhos d'elles desaparecera o deus vingador, a eterna ameaça que tinham suspensa dos humbraes da vida futura, entenderam poder dar liberdade a todas as feras que traziam agrilhoadas dentro de si.

Não viram outros céos que se povoavam, outros mundos que se enchiam de luz; não comprehenderam que era libertar a alma, dar-

lhe o resgate dos seus antigos pavores o dizem-lhe:

— Sê virtuosa pelos divinos gosos que a virtude encerra em si, e não pelas recompensas que d'ella te provirão mais tarde.

Perderam a fé, e não alcançaram a plena posse da consciencia libertada.

Pensam de si para si, que a vida é curta, e que a unica coisa que d'ella podem aproveitar é a satisfação de todos os desejos, a expansão brutal de todas as paixões, a realização de todas as cobiças materiaes. Trabalham, luctam, combatem, operam verdadeiros prodigios de actividade muscular e cerebral sómente para attingir o fim que cada um se propõe, para conquistar o goso especial a que os leva o seu temperamento.

São estes positivamente os homens que Balsac pintou com a sua larga intuição de artista, e artista de genio.

Balsac foi um romancista? De certo que não.

Taine chama-lhe o *naturalista* Balsac, e dá-lhe realmente o nome que lhe é proprio.

O naturalista, antes de penetrar nos humbraes da sua sciencia complexa e vastissima, tem já profundado e sondado todas as sciencias, das quaes aquella é o remate e a corôa.

Balsac, que muitos consideram um simples litterato, é muito mais do que isso, é um homem de sciencia, tem a intuição, a observação, o

estudo. Se escolheu o romance foi porque o romance era o unico quadro em que elle podia emmoldurar o mundo de pensamentos, de idéas, de systemas, de theorias, que lhe povoavam o cerebro, e ás vezes o confundiam.

Não ha romance d'elle em que se não toque n'uma das idéas fundamentaes em que assentam as sociedades; em que se não analyse a fundo uma d'estas paixões poderosas, que constituem por assim dizer os orgãos predominantes do machinismo humano; em que se não discuta uma instituição já consagrada e que parece inabalavel aos olhos vulgares.

Se alguma coisa se pôde chamar grave defeito na obra de Balsac é o proprio excesso de pensamento que n'ella prodomina, que torna ás vezes pesadas muitas das suas paginas tão cheias de axiomas e de sentenças.

Na *Comedia humana*, se queremos conhecer os erros, os delictos, os ridiculos, as paixões individuaes, encontraremos a avareza debaixo do seu aspecto mais terrivel e mais tragico na criação de Grandet, o pae de Eugenia: a sensualidade não simplesmente grotesca e comica como a de Falstaff, mas devoradora, implacavel, mas semeando em torno de si a desolação, a ruina, a deshonna e a morte, na figura monumentalmente desenhada do *barão Hulot*.

O cynismo cruel, vingativo, pungentemente sarcastico em *Vautrin*; o cynismo elegante, friamente perverso, o cynismo de casaca e luvas

amarellas em *de Marsay*. A grosseira malvadez em *Philippe Bridau*, a sublime cobardia paternal no *Père Goriot*; dezenas de typos emfim d'uma realidade frisante, d'um relêvo poderosissimo, vivos para nós, d'uma vida mais intensa ainda do que a dos entes que nos rodelam e nos falam, porque têm a vida immortal que o genio imprime ás suas creações.

Se deixando os individuos, nós queremos ver palpaveis deante de nós os crimes collectivos de que a sociedade é responsavel, elle ainda se encarregará de nos revelar as chagas occultas do casamento, tal como está constituido, da administração, da magistratura, dos codigos, das mil instituições que nos avassalam.

Pensador maravilhoso, não ha na sua obra uma lacuna. Sabe tudo, leu tudo, estudou e comprehendeu tudo.

Esse homem athletico, de uma alegria ruidosa, quasi brutal, de uma infantilidade de maneira que o fazia parecer grosseiro e trivial, esse artista cheio de appetites de mulher garrida e de caprichos de sultão saciado, trazia aos hombros um mundo, o mundo do seu immortal pensamento.

A posteridade ha de fazer plena justiça; e á proporção que a sua obra ganhe em luz e em perspectiva a admiração inspirada pelo seu trabalho de gigante, irá alastrando e aprofundando as raizes no espirito das modernas gerações.

Balsac é muitas vezes phantastico, exaggerado, tem mau gosto; falta-lhe não raro a intuição das coisas finas, delicadas, ideaes; a superabundancia de theorias, de systemas, de sonhos philosophicos em que andava sempre embebido, falseia-lhe de vez em quando o bom senso e a presteza do golpe de vista; attribue a circumstancias insignificantes, causas e efeitos que lhes são totalmente extranhas; cria leis de factos isolados e incaracteristicos; extravia-se por atalhos, perde-se nas encruzilhadas; mas como esses defeitos desaparecem e se amesquinham, se contemplarmos o conjuncto da sua obra de titan!

Que poderosa vitalidade a dos seus personagens! Como elles se impõem á nossa memoria, á nossa attenção, ao nosso horror, á nossa admiração, e ao nosso affecto!

São vivos, conhecemol-os, falamos com elles, ouvimol-os conversar, estremecemos com os seus paradoxos, scismamos longamente deante de certas palavras que elles ás vezes pronunciam e que parecem relampagos a illuminarem subitamente um fundo abysmo.

Conheci uma rapariga a quem por inadvertencia, de certo lastimavel, deixaram ler aos dezoito annos a obra quasi inteira de Balsac. Desde esse tempo, por uma allucinação bem explicavel, as figuras creadas pela exuberante phantasia do auctor dos *Parents pauvres* entraram como personagens vivos, palpaveis, reaes, na vida da fascinada creança. Quando as banaes

figuras que a cercavam lhe produziãem essa especie de asco que a mocidade intelligente e sonhadora tem pelas chatas realidades d'este mundo, era n'esse mundo grandioso pela paixão, ou ruim ou sincera e nobre, que ella, a visionaria juvenil, se refugiava ardentemente.

É este um effeito dos mais singulares do poder creador de Balsac. Elle proprio se illudia, julgando vivas e reaes as invenções do seu genio.

Aqui está por que elles exercem em nós uma fascinação perigosa. Porque uma vez lido um livro do immortal romancista nunca mais nos é possivel apagar ou desluzir do pensamento as seductoras creações que elle representa e anima.

Imagine-se o que hão de ser as mulheres chamadas a exercer a sua acção predominante n'aquelle meio agitado, turbulento, vertiginoso.

Para ellas não ha meio termo. Téem de ser fatalmente algozes ou victimas; téem de esmagar ou de ser esmagadas, téem de sacrificar-se absolutamente ou de serem sacrificadas sem piedade.

O homem, sedento de todos os gosos, considera-as um dos elementos de goso mais fecundo. Goso de vaidade, goso de ambição, goso de intelligencia, goso de sentidos.

Ha uma deploravel verdade, cuja manifestação pertence a todos os tempos. Sempre que o homem explora a mulher em proveito das suas paixões insalubres, trata em primeiro logar de a corromper e rebaixar.

A epocha de que Balsac nos deixou a pintura mais animada e pittoresca, mais artisticamente colorida, d'um colorido á Rembrandt, é antes de tudo uma epocha de corrupção. No fundo do coração d'essas prestigiosas heroínas, que passam diante dos nossos olhos fascinados, deixando atraz de si um rasto electrico de luz, ha uma soberba ignorancia do bem que aterra os que de mais perto as observarem.

Ellas são graciosas como o sonho d'esse artista pariziense, especie de Miguel Angelo do *asphalto*; têm a grandeza das concepções geniaes; nos seus meneios de serpente ha a suprema fascinação e o supremo encanto do *eterno feminino*; o proprio vicio adquire, personalizado por ellas, uma tentação attrahente, perigosa e terrivel. Tudo isso é verdade, mas tudo isso não obsta a que ellas sejam uns seres corrompidos pela civilização apodrecida e falsa, que lhes serve de moldura.

Ha na *Comedia humana* formosas e purissimas figuras virginaes. Constituem porém uma excepção.

O artista sabe desenhá-las e pô-las de pé, porque sendo um vidente além de ser um observador, sendo um imaginativo além de ser um analysta, não ha segredo algum da natureza que seja defeso ao seu olhar; mas conhece-se perfeitamente que não é junto d'ellas que elle se sente á vontade,

Depois, muitas vezes, uma expressão rapida,

um traço fugitivo, uma feição imperfeita, vem como que alterar o conjuncto harmonioso d'essas creações tão raras na obra complexa do grande escriptor. Apaixonado pela força, é ella que principalmente o attrai como estudo e como assumpto. E que força mais energica e mais perturbadora da ordem moral do que a paixão ou a perversidade femínil?

De todas as figuras doces, soffredoras, condemnadas ás tristezas obscuras, ás melancholias ignoradas, com que Balsac esmaltou aqui e alli a sua obra sombria, a mais bella, incontestavelmente, é a physionomia pallida e virginal de *Eugenie Grandet*.

Este livro, atravessado pela figura grotesca e poderosa, medonha e comica do *Avarento*, é, apesar d'isso, de uma suavidade encantadora. Difficilmente se consegue ser a um tempo mais simples e mais pathetico do que Balsac o foi na descripção dos rapidos amores da filha do milionario e de Carlos, o sobrinho orphão de Grandet. O triumpho d'este livro consiste no partido extraordinario que o auctor, o verdadeiro, o unico *realista* que ainda conhecemos, sabe tirar das situações mais vulgares e mesquinhas.

Uma vela de estearina disputada á avareza do velho maniaco, um pouco de assucar refinado, dois ovos frescos para o almoço do *pariziense*, adquirem, pelo que significam e pelo que custam, o valor dos maximos sacrificios.

Eugenia manifesta o seu amor da maneira

mais simples, mais vulgar; comprehende-se que Carlos, mais tarde, endurecido pelas luctas da vida, tenha esquecido ou desdenhado esses testemunhos d'um affecto que então se lhe affigura pueril.

Para o leitor, porém, a lucta entre o amor da filha e a avareza do pae é que chega a assumir uma grandeza tragica.

D'estas duas paixões, ambas poderosas, uma sem dique, implacavel, medonha, outra timida e recatada por todos os pudores feminis, resultam situações de um interesse profundo, pungitivo e real, como a vida, como a verdade.

Mas não são estas creações timidas, suaves, meio veladas, que o escriptor acaricia e estuda de preferencia.

Elle é o pintor da sociedade moderna, d'esta sociedade desordenada, confusa, agitada por todas as cobiças, esterilizada, por todos os egoismos, sacudida por todas as ambições que têm a anemia no organismo e a *nerbose* no cerebro; d'esta sociedade que sabe ser feroz com um sorriso de falsa philantropia, que sabe ser cynica com uma hypocrita modestia de aspecto, feita para enganar os ingenuos, que sabe esconder sob uma correcção artificial o mais ardente amor de todos os voluptuosos requintes, que contém e condensa em si os mais extraordinarios contrastes, parecendo no emtanto á superficie calma e tranquillã como um grande lago quieto.

As mulheres, que esta sociedade produz naturalmente, são as figuras predilectas de Balsac.

Adoram a arte e os artistas, adoram a musica, as flores, o luxo, as homenagens, as coisas bellas e delicadas, no que se distanciam enormemente das heroínas da moderna litteratura. Sob uma apparencia fragil, quebradiça, deliciosa de mimo e de graça feminil, têm nervos de aço e musculos de ferro. Levam uma vida mais laboriosa, mais exigente e mais dura que a dos forçados das galés.

São dominadas pelos seus caprichos, e os caprichos impetuosos e variaveis dobram-se-lhes a todas as exigencias despoticas do mundo em que vivem e do qual são simultaneamente rainhas e escravas. O seu amor é feito de garridice e de vaidade, de egoismo e de phantasia, de capricho e de ociosidade. Porque, no fim de contas, ha ociosidades que se não movem, e ociosidades que se agitam incessantemente. A d'ellas pertence a este genero.

São capazes das abnegações supremas, e das supremas villanias. Movem-n'as os mais contradictorios instinctos.

Não percebem onde está o mal, nem onde está o bem; ás vezes, dentro de um esterquilinio, têm extases seraphicos que as levantam ao céu, outras vezes, na lisa estrada do dever, têm tentações ignobeis que as maculam para sempre. Fóra da legalidade têm impulsos nobilissimos que as resgatam e reha-

bilitam; dentro da esphera das convenções sociaes mais restrictas commettem crimes occultos para os quaes não póde haver perdão.

Não ha seres mais complicados, mais mysteriosos, cujas acções se possam subordinar menos a uma lei previamente formulada.

Balsac, com a sua prodigiosa intuição, comprehendeu plenamente o que seria, n'uma epocha contradictoria, chaotica, como é a nossa, a creatura mais illogica de toda a natureza, entregue á direcção dos seus proprios instinctos na invasão do naturalismo triumphante e irreprimivel.

As mulheres de Balzac, porém, não são as heroínas doentias e histericas de Flaubert, de Goncourt, de Zola, do proprio Daudet, creações que exigem mais do que o pincel delicado do artista, o estudo attento e paciente do medico.

Elle não apresenta *casos* pathologicos ao horror, á compaixão ou á curiosidade insalubre dos leitores. Não são excepções morbidas as que elle desenha; são mulheres completas, mulheres de uma quadra de rebaixamento moral ou de remodelação transitoria, convenio, mas mulheres com alma, coração, sentimentos, nervos e paixões poderosas.

E quantas figuras encantadoras de um encanto abominavel e perverso que só o seculo xix podia produzir!

São d'elle, são d'este seculo admiravel e cor-

rupto, d'este seculo onde as mais bellas, fecundas e grandiosas idéas de humanidade e de progresso precisam, para desenvolver-se e para medrar, do terreno adubado com todos os lodos do mais immundo esterquilinio ! pertencem-lhe pelos lados melhores e peores do seu organismo, pela sua extraordinaria intelligencia, pelo seu egoismo monstruoso, pelo amor de tudo quanto é bello e superior — pois que na sua superioridade extranha ellas até sabem admirar a virtude que renegam ; — pela cobiça de gosos, de triumphos, de vaidade, de conquistas, de amor proprio que as ensandecem ; por tudo que faz d'ellas o hybrido producto d'um momento de decadencia historica ainda não definido.

N'este ultimo periodo de seculo todos percebem as duas correntes distinctas que arrastam a mulher em direcções diversas.

Uma d'essas correntes leva-as para o bem, para um bem que não conheceram nunca as verdadeiras heroínas de Balsac, e que se traduz no amor da familia, na comprehensão elevada dos deveres sociaes, na doçura ideal do sacrificio ; outra leva-as para uma esphera de baixez e degradação, onde tambem nunca viveram as mulheres, embora criminosas e embora fracas, do auctor da *Comedia humana*.

Balsac não sympathisaria talvez com alguns d'esses modernissimos typos feminis, nos quaes a dignidade da vida e a severidade austera das tradições téem o seu quê de viril, e que pode-

mos apontar como exemplo ás gerações que se estão educando, dizendo-lhes que ellas são as precursoras abençoadas d'um ideal, que começamos a entrever ainda confuso e nublado; mas o que é incontestavel é que elle sympatisaria ainda menos com as Bovarys, com as Gervasias, com as Germinie, com as Sapho, da moderna eschola litteraria.

Até as suas Magdalenas impenitentes se salvam do cynismo pelo espirito diabolico, ou se salvam da degradação pelo amor sincero ou pelo sacrificio rehabilitador.

São figuras perversas, mas não são figuras ignobeis. O amor, amor de um dia ou de uma vida inteira, amor que perde ou amor que resgata, mas que illumina em todo o caso, envolve em doirada aureola as suas adoraveis peccadoras.

Educaram-n'as para agradar. Disseram-lhes que o homem era o *monstro* que deviam a todo o custo domar ou agrilhoar para não serem devoradas; viram em volta de si esmagadas as que se curvavam, pisadas, como flores inuteis e já murchas, as que se ajoelhavam n'uma postura de adoração. Imaginaram que em frente do grande *inimigo* todas as armas eram licitas, todas as astucias perdoaveis, e justas todas as ciladas. Vencer a todo o custo foi o assumpto exclusivo que d'alli em deante as preoccupou. E *vencer*, para ellas, significava mentir, dominar, subju-

gar, armar-se de todos os encantos, envolver-se em todas as seducções, ser espirituosas, ser vivas, ser adoraveis de petulancia ou de melancholia, sorrir quando tivessem o coração cheio de lagrimas, chorar quando a malicia lhes accendesse lá dentro a chamma da alegria diabolica, enganar emfim, valendo-se de todos os artificios, de todas as manhas dos fracos. Muita vez, quasi sempre, ellas foram victimas do seu proprio jogo.

As mulheres, que aspiram a dominar o homem considerando-o um adversario perigoso, já se vê que não é á alma d'elle, á essencia mais elevada do seu espirito, que se dirigem. Atacam-n'o pelos seus lados menos nobres, pelas suas fraquezas, pelas suas paixões ou pelos seus vicios. D'este modo o amor que inspiram incluye sempre um amesquinhamento. São amadas por vaidade, por capricho, por fatuidade ou por despeito; são amadas pelos seus defeitos e não pelas suas virtudes; pela perversidade com que se impõem e não pela abnegação com que se sacrificam.

— Indignas creaturas! — exclamas tu.

— Não, minha querida innocente! A culpa não é d'ellas. É da lei que provoca a sua revolta; é da sociedade, que justifica com idolatria que lhes consagra os seus maleficios e as suas perfidias; é do homem que as prefere ás suas irmãs humildes; é do meio funesto que as produz e as faz medrar. Aceitemol-as pelo que são, e

admiremos-as como se admira uma força cega e fatal, uma d'estas potencias crueis mas necessarias que cumprem uma obra de destruição providencial.

Ninguem póde apontar ás suas filhas como exemplo as perigosas heroínas de Balsac. O artista não póde todavia furtar-se ao encanto irresistivel que ellas exercem. Vistas uma vez, nunca mais podem esquecer. Vinculam-se á nossa memoria, associam-se á nossa existencia, identificam-se com as nossas recordações mais intimas. Possuem maravilhosa intensidade de vida.

Compreende-se, depois de as conhecer, que Balsac apparecesse aos contemporaneos como que allucinado do seu proprio talento. O demónio creador que havia dentro d'elle apossara-se-lhe completamente da alma. Vivia dentro da sua obra.

Acompanhavam-n'o continuamente e para toda a parte os personagens imaginarios que elle arrancara ao mundo dos espiritos.

Como os possessos da idade media, que viviam dentro do circulo d'espíritos maleficos de que eram a prêsa e o juguete, Balsac vivia no circulo enorme dos filhos e das filhas da sua transbordante phantasia. Via-os tão vivos, tão palpaveis, tão reaes, que conseguiu transmittir aos seus leitores esta sensação rarissima, que é o supremo triumpho do artista. Eu não faço

aqui, já se vê, a critica da *Comedia humana*. Quiz apenas fazer relancear os teus olhos pela galeria a um tempo luminosa e sombria das mulheres do immortal romancista francez.

Assim como ninguem pôde esquecer Ophelia ou Desdemona, Lady Macbeth ou Julieta, assim os que conhecerem Balsac hão de para sempre lembrar-se da viscondessa de Bauséant ou da duqueza de Langeais, da princeza de Manfrigneuse ou da condessa de Morsauf, de Valeria Marneffe, o vicio, ou de Eugenia Grandet, a abnegação!

Puras ou peccadoras, fracas ou inflexiveis, perversas ou allucinadas, creou-as o genio do artista, que na energica expressão, por elle proprio empregada, fez na sua obra *concorrençia ao estado civil*.

CARTA XVIII

AS ESCHOLAS MOVEIS PELO METHODO JOÃO DE DEUS

Dizia-me no outro dia um bom amigo meu:

— Que feliz que você é em escrever para o Brazil! O Brazil é a unica parte do mundo em que nós, portuguezes, somos amados! O Brazil tem muito mais interesse por nós do que nós mesmos. Não ha causa util, boa, progressiva, de que nós tivessemos a iniciativa, que o Brazil não applauda, não proteja, não apregõe; não ha causa ridicula que elle não tente desculpar. Nós passamos a vida a dizer mal de tudo que somos, a lamentarmos-nos puerilmente de tudo que somos, já. O Brazil, por um milagre de amor filial, verdadeiramente commovedor e verdadeiramente sympathico, vê-nos eternamente sob um aspecto moço e brilhante, acredita no nosso genio nacional, acredita na nossa regeneração politica, acredita na nossa arte, nas nossas lettras, em tudo de

que nós duvidamos, em tudo de que nos rimos com sacrilego desamor, em tudo que constitue o assumpto da nossa habitual e esterilizadora descrença!

Eu não pude deixar de me rir da entusiastica e sincera expansão do meu amigo, e respondi:

— Então se sabe de alguma coisa boa que nos pertença, e que eu possa annunciar ao Brazil, tenha a bondade de m'o dizer. É' uma tão rara fortuna poder contar aos nossos irmãos d'além mar algum facto que fortaleça n'elles o orgulho, para nós tão honroso, de nos pertencerem por afinidade estreita, que o não dispenso de me dar essa alegria!

— Já nas suas conversações lhes falou da associação d'escolas moveis pelo methodo João de Deus?...

— Eu não. Nunca me tinham falado d'essa associação.

— Pois não tem desculpa de ignorar que ella existia, e, para se penitenciar do seu *crime*, tem obrigação agora de revelar o que ella é aos que ainda a desconhecem. Nada ha tão digno de inspirar a sympathia dos que se occupam sinceramente das questões do progresso e da moralização do povo como esta associação.

O seu fim é delegar missionarios que andam pelas provincias, pelas villas, pelas aldeias de Portugal prégando a boa nova, isto é, levando a quem não sabe ler esse pão do espirito, que

se chama *alphabeto*. Tem apenas dois annos de existencia, e já são notabilissimos os progressos que tem feito e os melhoramentos que tem realizado.

No primeiro anno fez quatro missões, no segundo mais de oito, e é tal o enthusiasmo com que as povoações e os municipios téem acolhido este modo notavel e original de propagar a instrucção, que o terceiro anno, que já vai em principio, promette um desenvolvimento progressivo realmente assombroso em coisas portuguezas.

— Manda-me o relatorio dos trabalhos d'essa associação!

— Mando.

Foi hoje que o recebi, e senti-me, depois de o ler, suavemente consolada.

Ha em Portugal um nome, que todos os partidos e que todos os homens respeitam e admiram. É o nome de João de Deus.

Elle parece, n'este nosso meio utilitario e positivo, um dôce crente de outras éras, um apóstolo de alguma religião serena e perfumada de consolações e d'esperanças.

Quasi ninguem o vê; vive com os que lhe são queridos n'um afastamento completo e absoluto de todo o convivio social, d'esta enorme feira de vaidades em que todos nós andamos empenhados em vender a nossa mercadoria avariada ou sã.

Os seus versos tão suaves, de um lyrismo

transparente e vago, que não parece da terra e que traduz, por assim dizer, sentimentos angelicos, correspondem perfeitamente, coisa que raras vezes succede, ao ideal que elle tem da vida.

A sua linguagem, ungida de um não sei quê de casta melancholia, de idealidade indefinida, é a unica que póde traduzir o seu modo especial de ver as coisas.

Lembra, não sei porque, uma sensitiva. Os attritos d'este mundo deviam por força magoal-o e feril-o; é por isso que lhe fugiu.

Hoje tem apenas um fim: ensinar a ler aos que não sabem, dar o pão da verdade aos que definham d'essa fome espiritual tão funesta como a outra.

Os que não vivem, como João de Deus, na região azul do sonho, conhecem bem que saber ler não basta; que é necessario mais, muito mais! Elle, porém, julga que o alphabeto póde ser a carta de alforria; que a escravidão não acabou no mundo emquanto o homem fôr a victima fatal da propria ignorancia.

Esta idéa, que o possui, que o inspira, que lhe centuplica as forças, faz com que elle viva hoje completamente consagrado á sua missão de professor desinteressado de todos os que não sabem ler, e lhe vão pedir uma esmola de luz.

O methodo de João de Deus, facil, racional sympathico pelo prestigio do desinteresse e amor

que o aureoleia, tem-se divulgado e popularizado em Portugal, e creio que no Brazil, e esta associação é mais um fructo abençoado da evangelização perseverante do nosso poeta.

Tem ella por fim, como já disse, ensinar a ler, a escrever e a contar, pelo methodo João de Deus, os individuos que o solicitem, até onde o permittam os seus meios economicos (por ora infelizmente bastante escassos), enviando n'esse intuito ás differentes povoações do reino professores devidamente habilitados.

Além d'esta missão não quer mais nenhuma.

Um dos paragraphos fundamentaes do seu programma reza d'este modo: «A associação não se envolverá em assumptos politicos, nem em quaesquer outros alheios ao seu fim.»

N'este ponto deixem-me abrir um parenthesis. Approvo sinceramente que esta associação, cujo fim é vulgarizar o ensino, se conserve alheia a toda e qualquer intriga partidaria. No emtanto, que os membros que a compõem tenham a plena consciencia do seu apostolado. Ella tem por força de influir, em maior ou menor grau, no estado de adeantamento politico do paiz.

O que é que origina principalmente a nossa estagnação politica, scientifica e industrial? A desproporção enorme, assombrosa, extraordinaria, entre os que sabem alguma coisa e os que nada sabem.

Na Suissa, por exemplo, em cada mil habi-

tantes ha um analphabeto ; em Portugal, em cada mil habitantes (incluindo as creanças desde o nascimento até ao 5 annos), 825 não sabem ler nem escrever !

Segundo os dados estatisticos officiaes, a população em Portugal é de 4.550:699 almas das quaes não sabem ler nem escrever 3.751:774!

Deante d'este miseravel estendal da nossa ignorancia, qual é o coração portuguez que se não sinta indignado ou entristecido ?

Não é de um dia para outro que este crudelissimo estado de coisas póde ter remedio ; mas abençoados mil vezes todos aquelles que concorrerem para, n'um periodo mais proximo ou mais remoto, o nosso povo sahir da situação d'inconsciencia bestial em que se acha subvertido !

E de que extraordinarias contradicções é origem este momento psychologico da nossa existencia nacional ?!

Um povo analphabeto tem nas suas mãos o suffragio civico e, portanto, o direito de escolher entre os que o dirigem aquelles que posam dirigil-o melhor ! . . .

D'aqui — é inutil mesmo o notal-o — a viciação completa do voto, a sophismação immoral de todo o systema politico, a inconsciente degradação dos eleitores, que, sem conhecerem o alcance ou a significação do amplo poder que possuem, o vendem a quem lhes satisfaça alguma das humildes e egoisticas ambições,

que podem caber em animos tão infelizmente embrutecidos!

De modo que essa bella coisa chamada *suffragio universal* redunde, afinal de contas, em prejuizo dos proprios que imagina ou que finge emancipar, e em beneficio d'aquelles cujo interesse é dominarem e conservarem o poder, é manterem o povo na brutalidade, na ignorancia dos seus direitos, na sujeição estúpida a todos os caprichos e exorbitancias da auctoridade!

Segundo este raciocinio, comprehende-se bem que a associação das escholas moveis exerce, talvez sem o querer, uma vasta influencia politica.

Tudo que tende a illustrar o povo a exerce.

E, servindo-me da phrase energica de Laveleye, direi como elle: «Se a desigualdade actual das condições é necessaria e deve ser permanente, espalhar o conhecimento do Evangelho, abrir uma eschola, estabelecer uma imprensa, são' outros tantos attentados contra a ordem social».

Porque no fim de contas—qual de nós o não sabe?— a questão que hoje domina todas as outras é a questão social.

É uma questão eterna; surge com diversas fórmãs, com diversos nomes, com diversos aspectos em todas as phases historicas que a humanidade atravessou, mas nunca foi tão perigosa, mas nunca se impoz com tamanho

despotismo ao espirito de todos, mas nunca teve empenhada em resolver-a uma legião de pensadores mais profundos!

E será porque hoje as condições do pobre sejam mais duras do que n'esses seculos de trevas, em que o filho do povo era aos olhos dos privilegiados um pouco menos do que um irracional, sem pensamento e sem voz?

Pelo contrario. As condições do pobre melhoraram consideravelmente, mas elle tem mais tempo para pensar, mais meios de conhecer a injustiça de que é eternamente victima, menos esperança n'essa recompensa que além do tumulo lhe promettera o Christo, o seu grande amigo, recompensa sonhada que o fazia encarar, paciente e resignado, o horror sem consolo do seu destino terrestre!

A reforma pacificou, se não conseguiu resolver, a questão religiosa; a revolução teve o mesmo papel no que respeita á questão politica, mas a questão social quem é que a resolveu jámais? Onde estão para ella Lutherou ou Danton, Mirabeau ou Calvino?

E a questão social tem faces multiplas, que eu, pobre mulher ignorante, não posso sequer analysar ou descrever, mas os dois flagellos que a tornam tão perigosa aos olhos de todos, e que fazem do apparecimento de qualquer paliativo uma urgencia imprescriptivel, são a miseria e a ignorancia, lepra que contamina desde sempre o corpo social, e que produz n'elle todas

as perturbações, todos os delirios, todos os allucinamentos febris.

Para que um dia a nossa bella civilização não succumba n'uma catastrophe final, mais medonha do que todas as invasões dos barbaros, cumpre debellar a miseria, recuar quanto possivel os limites da ignorancia, e fazer comprehender aos que se revoltam famintos, desesperados, que o reino da verdade e da justiça se vai approximando dia a dia, e que hão de alcançal-o os que lidarem, os que soffrerem, os que abnegarem de si, não os que atirarem comsigo, desnordeados e entontecidos, á vertigem das revoluções sempre contraproducentes e sempre funestas.

Desde que se percebeu que qualquer esforço isolado é quasi nullo, e que para propagar ou desenvolver uma idéa util é antes de tudo necessario pôr em pratica o principio da associação, tão fecundo hoje como foi fecundo nos seculos anteriores, está claramente determinado que a cruzada contra a miseria e contra a ignorancia tem de ser feita pelo trabalho collectivo de muitos.

É, pois, esta idéa que inspirou a criação de que hoje me propuz falar, certa de que, divulgando a sua existencia, presto á causa da instrucção um serviço importante.

A caridade, para ser bem comprehendida e bem praticada, precisa de consolar as miserias do corpo e as do espirito. Em cada ser humano

ha tres seres: o do cerebro, o do instincto e o do coração. E todos soffrem tanto!... e todos necessitam de tanta piedade!... e todos reclamam tanta abnegação!...

O respeito pela vida humana, a piedade pelas fraquezas inherentes á nossa imperfeita condição, o dó dos infelizes, e até dos maus—esses infelizes de peor especie, porque, afastam de si todos os affectos—o immenso, e inexgotavel desejo de fazer bem, de melhorar as condições phisicas e sociaes de todos os que soffrem, eis o caracteristico mais sympathico e mais accentuado do nosso tempo, eis o que inspira n'este momento os cerebros que pensam, os corações que sentem, os investigadores da sciencia, os que são grandes e os que são humildes, os que meditam na sua torre ideal e os que andam cá em baixo luctando com as vagas do enorme oceano chamado *sociedade*.

E cada um que traz um contingente, pequeno embora, para esta obra de pacificação e de amor, de luz e de justiça, deve na passagem ser saudado como d'antes, na era das conquistas, no tempo em que a espada era o instrumento da lei, se saudavam com entusiasmo os triumphadores e os guerreiros, missionarios tambem, mas missionarios de uma religião que morreu.

CARTA XIX

O PESSIMISMO CONTEMPORANEO

O pessimismo está sendo uma phase quasi geral do espirito moderno.

E o pessimismo é de todos os estados mentaes o mais nocivo, o mais esterilizador, o mais dissolvente.

Eu não sou dos que attribuem a Schopenhauer e a Hartmann, os dois excentricos theorizadores da anniquilação e do nada, nem á eschola artificial que elles crearam, a origem d'esta inercia moral, d'esta desoladora indifferença, que envolve num crepe funereo, negro como a noite, ou antes pardo como uma alvorada de fevereiro, a anemica geração a que pertenço . . . por meu mal.

E digo por meu mal, porque não pude, mais do que os outros, escapar á influencia do meio em que me achei collocada.

Este grito inconsolavel de Musset — *Je suis*

venu trop tard dans un monde trop vieux! — qual de nós o não tem murmurado a si mesmo, no silencio espectral da sua consciencia como que lethargiada pela duvida?!...

Mas não é a litteratura que tem a culpa d'este estado.

Os escriptores, seja qual for a potencia cerebral de que os haja dotado a natureza, não fazem mais do que formular a lei que encontram feita; traduzir o sentimento que faz vibrar a alma, sua contemporanea; da côr, brilho, fórma duravel e encantadora á idéa que paira sobre a sua raça na hora em que elles passam. Quando muito, o que elles podem é antever o momento proximo em que um determinado estado mental ou social tem de alterar-se, modificar-se, transfigurar-se mesmo em virtude da eterna evolução que arrasta a humanidade.

Mas para isso é necessario ter a dupla vista, que só o genio dá aos seus raros eleitos o dom prophético que se fórma pela intuição das necessidades incontentadas, das aspirações não satisfeitas da alma humana.

Apontam-se pelos seculos adeante os que têm logrado sondar assim os oceanos tenebrosos, os mares inviolados do futuro.

Esses são as grandes culminações intellectuaes que illuminam o mundo e presidem porventura ao seu caminhar.

Prophetas, que presentem as nossas dôres antes que as nossas lagrimas as traduzam; vi-

dentes, que choram o mal, que tem de rasgar-nos as entranhas, antes d'elle fazer sentir a sua devastadora influencia.

Geralmente, porém, a litteratura e a arte são reflexo nosso, não são a nossa inspiração

Ha um ou outro espirito isolado, na sua torre ideal, que se lamenta de maguas que ninguem sente, e que traduz sentimentos que ninguem experimentou, mas quando, n'um dado momento, se faz sentir sobre toda uma legião de pensadores e de artistas a mesma influencia uniforme, que cada um recebe e reflecte depois, conforme o seu temperamento especial, é claro que a origem d'este facto deve ir buscar-se mais alto, ás grandes leis historicas, que todos os que pensam têm hoje obrigação de conhecer um pouco.

Eu bem sei que a melancholia é velha como o mundo.

O homem, sahindo, segundo a lenda genesiaca, do humilde barro de que o formou o Creador, ou resgatando-se, segundo a theoria *darwinista*, do captivo humilhante da baixa animalidade; o homem, que, pela primeira vez, á face dos céos mysteriosos e calados, encarou face a face o rude problema da vida, sentou-se triste e inquieto á sombra d'uma arvore, e teve a sede do descanso e do dormir sem sonhos!...

Depois d'este, nenhum dos que nos legou, no seu verbo illuminado, a herança das angustias que o torturaram, ou das alegrias fugitivas

que o fizeram palpar, nenhum dos que interpretaram, sob uma fôrma immorredora, a dôr silenciosa das turbas anonymas, nenhum deixou de contar-nos a mesma historia triste, feita de lagrimas longas e de sorrisos ephemeros, feita de saudades, de aspirações, de esperanças trahidas...

A melancholia é velha como a vida, porque o homem, começando a viver, começou a desejar e a encontrar deante de cada desejo o impossivel...

Sempre, a cada uma das nossas ambições de felicidade, corresponde o estorvo da natureza ou o estorvo da lei

Sempre, deante de cada ardente exigencia da nossa alma ou da nossa organização, se ergue o supremo obstaculo, que lhe levanta o destino implacavel, ou a humanidade injusta, algoz eterno de si mesma!

Ou não podemos possuir o que desejamos — gloria, riqueza, poderio ou amor!—ou de o possuirmos penetra em nós a agonia incomportavel da sociedade. do desencantamento e do tedio!

D'ahi a melancholia, que está no fundo de cada um dos nossos fugitivos gosos, d'ahi o desequilibrio entre a anciedade da cobiça e o prazer da satisfação triumphante.

Mas, a melancholia, que é a companheira suave e meiga da humanidade, que é o attributo d'este desequilibrado e imperfeito ser que

chamam *rei da natureza*, talvez com medo de lhe chamarem seu escravo, a melancholia não é pessimismo.

Ella inspira-nos, não nos esteriliza; ella é a fonte das nossas lagrimas mais doces, das nossas queixas mais dolentes e mais resignadas; não é a musa do tédio, da indiferença, da miseria, do desolador e pallido scepticismo!...

Que seja dura a vida!... Quem é que o negou alguma vez?

A Grecia, a olympica, a radiosa, a feliz; a Grecia, a glorificação mais illuminada que a vida teve ainda, conheceu as amarguras da morte, e o voluptuoso sabor das lagrimas de saudade. «As gerações dos homens são como as das fólhas, e o vento lança as folhas por terra» disse Homero.

Vida e morte não pode separar-se nunca; o reflexo lugubre que uma dá enubla e entenebrece toda a claridade que ha na outra.

Nunca, o que viu morrer, tornou a sentir uma alegria sem nuvens, uma satisfação plena e completa. E nós vemos morrer em torno de nós tudo que amamos, desde que abrimos os olhos á luz e o cerebro ao pensamento.

Em cada ser vivo a morte está continuamente exercendo o seu labor sem treguas.

De todas as dôres a que o coração humano é accessivel, a maior, porque é a mais refinada e a mais complexa, e a que elle sente olhando para dentro de si proprio, e vendo que tudo

que elle julgou eterno se vai desfazendo lentamente, perpetuamente, sob a corrosiva acção da grande inimiga . . .

Sobrevivemos aos que amamos e ficamos tristes . . . sobrevivemos a nós mesmos e nada nos consola . . .

Mas por triste e desolada que seja esta vida, não terá ella tambem algumas alegrias, alguns sorrisos, algumas consolações compensadoras ? . . .

Zola, n'um livro de suprema ironia e de suprema dôr, intitulado *La joie de vivre*, pintou com as côres *dantescas* da sua paleta de artista incomparavel esta mesma coisa incomprehen-sivel e extranha: que a vida seja tão feia, tão triste, tão cruel; que ella tenha a doença que aperta e contorce os musculos e os ossos, que paraliza os nervos, que apaga o entendimento, que sabe torturas ineditas ao pé das quaes os cavalletes da inquisição são brincadeiras infantis; que ella tem a maldade, a ingratição, as mil formas da traição, os mil requintes da duvida, as mil agonias do desespero; todas as angustias, todos os supplicios, todos os ester-tores, todos os gritos de raiva, e que ainda assim nós lhe queiramos tanto! . . .

O pessimismo vai tendo a pretensão de anniquilar em nós este amor ardente da vida, que fez do homem o vencedor de todos os monstros, o victorioso de todas as luctas, o triumphante de todos os combates.

Combatamos por nossa vez o pessimismo, porque se o não combatermos seremos pela primeira vez vencidos!

Sim, eu bem sei que esta quadra, pronuncio e symptoma da decadencia fatal de todo um mundo, é triste a mais não ser!

Mas, enquanto existe um vislumbre de vida, existe o dever de luctarmos pelo seu prolongamento.

Se as mulheres tivessem um pouco mais a consciencia da sua missão, não seriam ellas das mais intrepidas combatentes n'esta pugna suprema?

Á indifferença opponhamos o amor, á duvida opponhamos a fé.

O céo tem ainda o azul radiante dos dias da mocidade; a natureza é ainda a bella insensivel, que assiste radiosa e illuminada ás nossas lagrimas *eternas*, que o vento enxuga n'um momento!

Contemplemos de mais alto a evolução das idéas e a transformação das coisas.

Se na terra somos ephemeros de uma hora nunca se quebra a cadeia que se vai forjando, dos ideaes bellos que concebemos ao passar.

Sofframos, tal é o nosso destino e quasi o nosso dever, mas amemos, que é o meio de tornarmos fecunda para os outros a dôr que acima de nós mesmos nos levanta, a dôr que é a inspiração de todo o *bom*, de todo o *bello*, que em nós ha.

O pessimismo leva á abdição da vontade, a propria negação do soffrimento, pela completa insensibilidade a que aspira, e que de vez em quando já começa a attingir.

Não vale a pena!... Eis a divisa da nossa desolada geração!

Pois é necessario, que em contradição e em protesto a este lemma egoistico se levante das nossas entranhas de mães, dos nossos corações de mulheres, um grito de amor intenso, um grito da amor fecundante e poderoso.

Porque um dos defeitos da nossa quadra é este: depois de termos dado ao amor um logar enorme, predominante, decisivo e tyrannico, tendemos a cercear-lhe todos os direitos, a destruir-lhe todos as prerogativas, a negar-lhe todas as influencias boas.

O nosso seculo, que por meio do radiante *romantismo* fez do amor o deus pagão que foi na renascença, hoje, pela eschola scientifica do *temperamento e do meio*, vai fazer do amor um poder inconsciente, que, segundo as circumstancias em que é chamado a actuar, é um órgão de reproducção animal, ou um elemento de corrupção dissolvente.

Rehabilitemos o amor.

Façamos d'elle alguma coisa de mais ou de menos do que o estão fazendo os mestres da litteratura contemporanea, photographos, n'este ponto, dos costumes decadentes da epocha,

Elle não é a suprema e ultima embriaguez embrutecedora em que a humanidade tende a adormecer, como essa litteratura de sensualismo agonisante parece querer demonstrar-nos; pelo contrario, elle é a fonte da eterna juventude em que os velhos, da velhice precoce d'este seculo, da velhice que se traduz pelo excesso do pensamento e da sensação, podem ainda retemperar as forças exaustas; é d'elle que podem ainda partir as grandes iniciativas transformadoras, as poderosas e viris energias, os sonhos illuminados da virtude e do bem.

CARTA XX

A EMANCIPAÇÃO DA MULHER Á LUZ DA PHYSIOLOGIA

No outro dia pensei em transcrever aqui a carta em que uma senhora, minha amiga, e mãe como eu, me expunha as duvidas, as difficuldades, os conflictos que encontra a cada passo na sua missão de educadora, tão laboriosa sempre, e, n'este momento de transição e de incerteza, muito mais laboriosa que nunca.

Guardo para mais tarde o cumprimento da minha tenção, porventura imprudente.

Ha pontos que todos distinguem com perfeita lucidez, e nos quaes, todavia, todos téem melindre de tocar.

Da discussão pacifica, do concurso de todas as opiniões sinceras e de todas as vontades resultaria talvez o esclarecimento de questões que interessam tão de perto o nosso destino individual e social; no emtanto, não sei que

perigosa indolencia, que timidez mal entendida se oppõe a que as tratemos.

Preferimos pol-as de parte como obstaculos insuperaveis que é melhor evitar cobardemente do que vencer com denodo.

Falemos, pois, hoje d'um assumpto que tambem pela sua gravidade e pela sua importancia pertence á ordem de problemas, que o seculo que vem terá de resolver, e que o nosso seculo se limita a apresentar.

Falemos na idéa, que dia a dia se desenvolve mais e mais, de que o educar a mulher consiste em emancipal-a politicamente, em entregar-lhe a plena responsabilidade da sua sustentação e do seu destino, em consideral-a apta para exercer as profissões que até aqui eram reputadas do exclusivo dominio do homem.

A America do norte vai na vanguarda d'esta cruzada terrivel, que desvirtua completamente o destino social da mulher.

N'essa raça robusta, positiva, fortemente nutrida, sem tradições sentimentaes, é possivel que a mulher possa aguentar com o peso do encargo que pretendem lançar-lhe aos hombros: mas nas raças neo-latinas, envelhecidas, gastas, exaltadamente sensiveis, que sonho de inexequivel realização e de grotescos resultados não seria esse sonho?

Parece impossivel que sejam mulheres as que apostolizam e reclamam a emancipação politica, a alforria social do seu sexo. Parece impossivel!

N'esta questão momentosa e grave, a physiologia, a grande mestra moderna, tem de ser fatalmente ouvida.

Ella demonstra, affirma e prova, que a mulher é uma doente!

Sel-o-ia sempre?

É licito suppor, que a civilização, quero dizer, o que a civilização tem de requintado, de absurdo e de morbido, tem actuado fortemente n'ella no sentido de a tornar mais accessivel a todas as impressões, mais vibratil a todos os attritos.

Depois, a questão das raças, dos climas, do meio natural e do meio social tem n'isto, como em tudo, a sua variabilissima influencia.

A americana do norte differe essencialmente da americana do sul. A mulher do meio dia nada se parece com a mulher septentrional. Mesmo no nosso clima, a mulher das altas regiões differe da burgueza, a mulher do campo apresenta notaveis differenças da mulher da cidade. Ha enfermidades especiaes resultantes de trabalhos especiaes tambem.

Em resumo, não ha para julgar este assumpto como não ha em coisa alguma humana um criterio absoluto e invariavel.

Todavia, mesmo levando em conta as circumstancias secundarias, que attenuam ou aggravam a situação, o ponto fundamental não póde ser destruido.

A mulher é uma doente.

No dia em que esta verdade passar dos domi-

nios da sciencia medica e physiologica para o dominio das leis, dos costumes e dos factos, haverá duas coisas a fazer :

Tratar de cural-a, e tratar de protegel-a proficuamente e racionalmente.

A cura tem de ser lenta, tem de proseguir pelo espaço de seculos talvez, tem de ir pelas gerações adeante, hoje combatendo um symptoma morbido, ámanhã empregando uma medida preventiva, no outro dia attenuando uma influencia hostile.

A protecção tem de ser efficaç, coherente, feita de veneração e de piedade, de amor e de serena justiça.

Não é desdenhosa esta affirmação. Reclamando para o meu sexo a indulgencia devida á enfermidade e á fraqueza, eu não quero por isto rebaixal-o, não; eu tento salvall-o da injustiça que preside a quasi todas as sentenças moraes, sociaes, historicas ou religiosas que o condemnam.

A doença não exclue a virtude, assim como a virtude, que fundamentalmente quer dizer força, não obsta a que o exaggero da sensibilidade degenere em fragilidade organica.

Ser desequilibrado, a mulher, inconsciente as mais das vezes, deixa-se ir ao sabor das impressões desencontradas, que o seu vibratil organismo recebe das coisas exteriores e da intima acção que as leis naturaes exercem n'ella.

Outras vezes, intelligente e sagaz para comprehender, nulla de vontade para dominar, ella contenta-se em ser, mau grado seu, a espectadora angustiada dos dramas demoniacos de que ella propria é o theatro.

O tempo, a hora do dia, a estação, o clima, o nevoeiro, a tempestade, a luz mais ou menos branda, o calor mais ou menos intenso, toda a sorte de phenomenos physicos impera no seu modo de ser moral d'uma maneira poderosa e irresistivel.

Os estados da sua alma, os *modos* do seu sentir, estão sujeitos ás mais variadas e imprevisitas evoluções.

Vê as coisas conforme o momento em que as vê! Nunca segundo uma lei positiva, nunca segundo um raciocinio fundamentado e solido.

O que n'este instante a penetra de compaixão, lhe arranca lagrimas e gritos de angustia, logo encontra-a indifferente e glacial!

O maior criminoso, se tiver arte de sobreexcitar-lhe a sensibilidade sempre doentamente exaltada, encontra ainda na mais *virtuosa*, segundo a definição geral, uma indulgencia que á primeira vista se não explica.

A theoria da *graça*, que tantas discussões accendeu no seio da Egreja, é uma theoria toda feminina. A mulher tambem salva o que lhe agrada, não em virtude dos seus meritos, mas por um acto illogico da sua sympathia e do seu amor,

Deante das dôres humanas, merecidas ou não merecidas, ella fica sem resistencia, sem energia, sem a resolução implacavel que tanta vez é necessario oppor-lhes. As lagrimas, no sentir da mulher, dão sempre razão a quem as chora.

A sinceridade da paixão explica e attenua para ella todos os arrojos e todos os crimes.

Hypocrita, em virtude da escravidão social que a liga, subjuga e agrilhoa vencida, ella ama e venera acima de tudo a audacia, a franqueza o impeto heroico, a força, emfim, nas suas manifestações moraes mais sympathicas e mais brilhantes.

A mulher é o desespero do justo, disse não sei quem; parece-me que foi Proudhon, um dos inimigos mais crueis que elle tem tido n'este mundo, e inimigo d'ella porque a não soube entender.

Quem a entender, ama-a por força.

Ella é o ser sagrado; a graça e a pureza feitas *alma!*

Devo confessar aqui uma coisa dolorosa e triste, quasi humilhante para mim. Eu, que sou mulher, vivi annos e annos sem entender a *mulher*.

As fragilidades, as contradições, as incoherencias, as injustiças d'esta creatura eternamente infantil, cuja mobilidade de impressões só pôde comparar-se á mobilidade physica das creanças, os seus excessos, as suas desharmônias intimas tão deliciosamente compensadas,

em geral, pela harmonia do aspecto externo, tudo isto me desnor-teava, deixando-me indecisa e fria!

Circumstancias especiaes de isolamento, de inexperiencia dos sentimentos, de virilidade precoce no espirito, tinham-me tornado como que inhabil para entender a minha irmã, tão indecif-ravel e tão brilhante.

Um dia, porém, a desgraça entrou na mi-nh'alma, devastou-a, revolveu-a como a tem-pestade revolve as areias da praia, transfigu-rou-me, atirou commigo palpitante e allucinada para esse *Caminho de Damasco*, onde a ver-dade nos apparece fulgurante.

Quando acordei da especie de fulminação mysteriosa em que a dôr me deixara, tinha-se aberto em mim a fonte inexaurivel das lagri-mas.

Chorei e comprehendi!

Foi desde então que uma piedade infinita, unctuosa, ineffavelmente doce, me prendeu á mulher.

Se tenho o dom, que ella nem sempre tem, de exprimir o que soffro, contando o que ella soffre, esse dom quero applical-o apenas em utilidade, em proveito e consolação d'essa eterna escrava da natureza e do homem. E quando a vejo enganar-se cruelmente no caminho que leva á libertação e á alforria, eu devo dizer-lhe:

—Enganas-te. O remedio é outro. Isso aggra-vará o mal e dará razão aos tyrannos,

Tem-se dicto muita vez, e prova-o a historia com a implacavel energia dos factos, que a mulher, em sendo má, é sempre peor do que o homem.

Catharina da Russia, Lucrecia Borgia, Maria Tudor, Isabel de Baviera, levantam-se no tempo, sinistras aparições de crueldade sanguinaria e de torpe lascivia.

O desequilibrio das faculdades femininas dá a chave d'este enigma doloroso e desconsolador.

Excessiva em tudo, a mulher leva a abnegação até ao heroismo, a paixão até á perversidade monstruosa. Nem ponderação, nem harmonia. Eis a sua eterna macula.

Ella tem a penetração subita e intuitiva, tem a illuminação genial, tem a dupla vista do somnambulismo, mas não tem a razão serena e justa que julga os effeitos e ás causas, que analysa e calcula, que reúne os factos n'uma concatenação logica, induzindo d'elles a lei que os domina superiormente.

O seu talento, quando existe, é feito de sensibilidade e de imaginação, duas faculdades que no grau de exaltação suprema a que podem attingir, dão a dôr e dão a loucura.

Sente e sonha.

Faltam-lhe todas as outras qualidades que tornam o talento solido e robusto, que fazem d'esta reunião harmonica de faculdades cerebraes uma causa permanente de producção intellectual, e um instrumento doçil de trabalho.

Bem sei que ha excepções, mas que diminutas que ellas são! Contam-se, através dos seculos, as mulheres que o genio roubou á obscuridade anonyma, e inscreveu no livro de oiro da arte.

A mulher póde, é claro, ser uma escriptora adoravel. Poderá sel-o cada vez mais, á proporção que a sua instrucção se vai ampliando, regularizando e tornando menos rara. As finuras e subtilezas da sua *visão interior* fazem-n'a, por assim dizer, senhora d'um dominio limitado, mas importante do mundo moral.

Soffrendo com tudo, e soffrendo por tudo, basta que ella possua a lingua, quer dizer, a formula do seu soffrimento, para poder dar á psychologia elementos de inapreciavel valor.

E por isso mesmo ella nunca será um funcionario pontual, nem um magistrado integro e inexoravel, nem um operador de execução firme e rapida, nem um medico, nem um legislador.

Os que pretendem persuadir-lhe que exija esses privilegios masculinos detestam-n'a, e querem perdela irremediavelmente. Não ganharia nenhuma virtude e perderia o encanto supremo, que nella tem resistido a tudo, até á sua falseada e corruptora educação.

A sua vida psychica é periodicamente e cruelissimamente perturbada pelas crises da sua vida physiologica.

Eis o mysterio sagrado e doloroso, que, re-

velado, dá a chave de todas as suas contradições e de todos os seus erros.

Quanto mais perfeito, completo e preparado para a obra salvadora da maternidade fôr o seu organismo, mais influenciada ella se ha de achar pela acção d'essa lei inilludivel.

Portanto, são tão crueis os que tentam lançar aos hombros da mulher as responsabilidades com que ella não póde e sob as quaes naufragaria ridiculamente, como os que continuam teimando em esmagal-a sob o brutal despotismo da sua força.

Nem a tutelada eterna dos antigos codigos e das antigas civilizações, nem a entidade hybrida desprotegida e livre dos futuros ideaes.

Não. A mãe, conscia da sua missão, conscia dos seus defeitos organicos, e tambem dos seus erros tradicionaes de educação e de sentimento, e tentando cumprir uma e combater victoriosamente os outros. A mãe, venerada porque dá e nutre a vida, protegida porque é a victima sagrada d'essa mesma vida, que lhe sai dos flancos em ondas impetuosas.

A educação, segundo uma definição moderna, é a evolução harmoniosa e igual das faculdades. É um methodo fundado sobre a natureza do espirito para desenvolver todas as faculdades da alma, despertar e nutrir os principios da vida, evitando qualquer cultura exclusivamente parcial que perturbe a harmonia do conjuncto,

levando em conta todos os sentimentos que constituem a força e o valor humano.

Um philosopho escossez apresenta o problema da educação como tendo por unico fim «fazer do individuo um iustrumento da felicidade propria, em primeiro lugar, e depois da felicidade dos outros.»

O positivismo inunda-nos por toda a parte, mas essa theoria, que é talvez o egoismo erigido em dogma, não conseguiria, sendo superiormente e intelligentemente applicada, pôr o homem de accordo comsigo mesmo e de accordo com o seu semelhante ?

Parece-me em todo o caso que d'ella, posta em pratica, nunca proviria ao mundo o flagello da mulher politicamente emancipada, da mulher scientifica, da mulher *burocatica* !

Essa nem faria de certo a felicidade propria, nem a felicidade de ninguem d'entre os que a cercassem . . .

CARTA XXI

QUEM SÃO OS POBRES

Sabes quem é Theodore de Banville ?

Sabes, de certo, o que me não priva a mim do prazer de t'o explicar, na hypothese possível de que o não conheças.

É um dos primeiros poetas lyricos da França moderna, um dos mais habéis buriladores da poesia *parnasiana* e — o que para mim particularmente o singulariza — o espirito mais paradoxal que eu conheci.

Banville, que escreveu entre muitas outras coisas as *Odes funambulescas*, onde obrigou a lingua franceza a verdadeiros prodigios de gymnastica, a estupendos exercicios de equilibrio e deslocação, tem o amor das rimas raras e das idéas extravagantes.

Não diz uma verdade que não pareça um paradoxo facetado e scintillante, nem diz um paradoxo que não pareça uma verdade engenhosa e originalmente formulada.

O seu estylo tem umas singularidades de construcção que ninguem copia nem imita.

Inspira-o sobretudo o sagrado horror do banal.

Dizer o que quasi todos téem dicto, desde que o mundo é mundo, causa-lhe crispações violentas de nervos ; ora, hoje, as unicas novidades possiveis em assumptos litterarios são as novidades da fórma. Tudo está mais ou menos dicto : a differença vem quasi toda do modo por que se diz.

É possivel que nunca se tenha penetrado tão profundamente, como n'este seculo, nos escaninhos mais intimos e mais escusos do organismo humano ; é possivel que nunca a analyse psychologica fosse um instrumento tão delicado e subtil ; no emtanto não foram sempre as mesmas as paixões da humanidade ?

Não é invariavel a téla onde poetas, moralistas e philosophos bordam as suas phantasias ou os seus systemas Individuaes ?

O amor, o ciume, a ambição, a cubiça, o odio, não mudaram. Varia apenas o modo por que se sentem, e por consequencia o modo por que se exprimem.

Hoje regrada e convencional, amanhã emmanhada como uma floresta dos tropicos, logo positiva e scientifica como um problema algebrico, a fórma — Proteu infatigavel e feiticeiro — varia ; o fundo, valha a verdade, não tem variado muito.

E' isto provavelmente o que Banville comprehendeu com amargura; d'aqui lhe proveio o desejo violento e perseverante de dar ao seu espirito um molde inimitavel e unico.

Conseguiu-o como ninguem, o que não o priva todavia de ser muitas vezes, por assim dizer, monotono na extravagancia.

No outro dia Banville declarava em uma das suas chronicas, brilhantemente paradoxaes, uma coisa que te vai espantar immenso.

E' que na epocha, que estamos presentemente atravessando, não ha ninguem verdadeiramente rico . . . a não serem os pobres!

—Mas o homem enlouqueceu!—exclamas tu de certo.

Não enlouqueceu tal. O homem tem toda a razão.

E' tão complexo e extranho este mundo em que hoje vivemos, que á superficie d'elle começam agora a apparecer contradicções que são o desespero do analysta e do critico consciencioso.

D'antes tudo era bem mais simples.

Os pobres eram pobres e os ricos eram ricos.

Agora são os ricos que empobreceram e os pobres que podem gabar-se de ter algum socêgo d'espirito em materias economicas.

Em primeiro logar definamos o que é ser rico. É ter mais do que baste para satisfazer todas as nossas necessidades materiaes e intellectuaes.

Ora, á proporção que a civilização nos requinta o gosto, nos exalta a sensibilidade,

nos exacerba a imaginação, nos esmalta de sonhos artisticos a phantasia, as nossas necessidades vão crescendo, vão multiplicando, vão tomando aspectos verdadeiramente prodigiosos. Para a mãe dos Gracchos a necessidade impreterivel resumiu-se no linho que ella fiasse na roca; para Cleopatra nas perolas que podesse beber dissolvidas.

Para os filhos d'este seculo, todos mais ou menos doentes do cerebro, fructos maravilhosos mas artificialmente amadurecidos de uma civilização desequilibrada, de uma civilização ardente, quem é que póde dizer onde acaba o necessario e onde começa o superfluo?

O superfluo, para certas creaturas em quem a sensibilidade atavica se complicou com os requintes de uma educação voluptuosamente delicada, é muitas vezes tão indispensavel como o necessario.

Ha mulheres que pódem viver quasi que sem comer e sem dormir, mas que não podem viver sem flores raras, sem perfumes excitantes, sem pedrarias deslumbradoras, sem quadros de mestres, sem musica de Beethoven ou de Chopin, sem um *coupé* de oito mollas flexuosas e macias, onde passeiem, *bocejando a vida*, embaladas por um doce rhythmo calmante, sem uma viagem por anno que as arranque á teimosa mania do suicidio, ao doloroso *spleen* aniquillador de todas as faculdades e de todas as energias sentimentaes.

As superioridades que o vulgo inveja, pagam-se e expiam-se cruelmente.

Os que podem materialmente satisfazer todos os desejos acabam pela horrivel insaciabilidade no desejar.

O bem de possuir tuda leva fatalmente ao odio a tudo que se possue.

O tédio, esse *monstro delicado* de que fala Baudelaire, companheiro inseparavel dos que podem aspirar á realização de todos os gosos terrestres, faz de cada um d'esses gosos realizados a mais tragica e dolorosa das bancarotas!

Aqui está porque, dado o grau de condensação intellectual em que nos achamos, a riqueza se vai tornando uma chimera impossivel . . . para os ricos.

O dinheiro, só por si, está claro que de nada serve. De que utilidade seria para Robinson, quando foi dar comsigo na ilha deserta, um milhão em boas libras esterlinas?

De nenhuma.

O desgraçado, em dois dias de fome, de frio, de desamparo, morria desesperado ao pé do seu inutil monte de oiro.

O dinheiro não tem existencia real senão quando se traduz em satisfações de qualquer ordem para quem o possue.

Ora, que dinheiro póde haver que satisfaça, por exemplo, um artista moderno?

E todos os pseudo-ricos — exceptuo os in-

curavelmente estúpidos—adquirem logo, no uso e no abuso de todos os requintes da nossa civilização, uma sensibilidade morbida de artistas, uma insaciabilidade dolorosa, que os morde incessantemente. O que nós chamamos saciados, são sempre o insaciáveis.

Deixam elles porventura de aspirar ao desconhecido depois de ganharem tédio a tudo que conhecem? Não, de certo.

O rico é de sua natureza insaciavel e, portanto, pobrissimo.

Para elle a formosura toma o aspecto de hediondez; os estofos maravilhosos, que a phantasia dos antigos ou a industria dos modernos tem criado, afiguram-se, depois dois dias de posse, miseraveis farrapos; as pedrarias, que possuem, são desdenhadas pelas pedrarias imaginarias que enceiam possuir, o sitio do mundo onde estão parece lhes o unico sitio abominavel que o mundo tem; as mulheres, que os amam, são immediatamente as mulheres que elles odeiam; se repoisam em um palacio de Florença, sob os beijos cariciosos da mais pura luz, ao alcance de todas as maravilhas da arte classica, tendo para alimento e encantamento de olhar as harmonias mais completas da linha e da côr, desejam um palacio na Escossia entre verduras selvagens e alcantis ignorados, na braveza indomavel e sombria da natureza inculta; se vivem no turbilhão phantastico da vida de Pariz, sonham

uma cella austera em um mosteiro da Península, onde soem ainda pelos longos corredores clautraes as lugubres vibrações desoladas dos psalmos da penitencia . . .

Mesmo os que não possuem, n'esta intensidade aguda, a faculdade de imaginar o irrealizavel, criam gradualmente necessidades tão violentamente exigentes e despoticas como as mais rudimentares necessidades da vida animal, e não conseguem nunca equilibrar os rendimentos que possuem com as despesas que fazem. D'aqui *deficit*, quer dizer pobreza.

Isto faz com que o dinheiro, esta divindade moderna, terrivel, sanguinaria, criminosa e cruel como as divindades sinistras do culto industanico, seja hoje quem predomina absolutamente em uma sociedade que altos interesses moraes e intellectuaes deviam dominar.

E essa divindade exige sacrificios cruentes, e de todos os lados ha fanaticos e *fanaticas*, que lhe levam uns a vida, outros a felicidade, outros a honra e a consciencia.

Isto não é dizer que eu odeio o dinheiro, e o luxo que elle alimenta e reproduz.

Se o dissesse, seria um crime de lesa philosophia e de lesa historia.

Condemno, porém, e com todas as forças da minha consciencia os desvarios a que elle obriga estes tristes enfermos atacados da terrivel *nevrose do oiro!* essa molestia dos nossos dias

que tanta vez termina pelo suicidio ou pelo aniquilamento completo do senso moral.

Balsac foi o primeiro escriptor moderno, que percebeu o papel supremo que o oiro ia representar n'este mundo inteiramente reorganizado e refundido, mas que não conseguiu ainda funcionar regularmente, nem pôr em movimento harmonico as engrenagens excessivamente complicadas do seu machinismo complexo.

E foi por que Balsac presentiu tão vivamente, com a sua fina sensibilidade de artista que lhe dava quasi a lucidez prophetica dos videntes, o alcance extraordinario que essa entidade material ia adquirir, que elle pôde ser considerado um dos genios mais possantes, um dos mais esplendidos pintores da sua epocha.

Na sua obra colossal, *fresco* gigantesco que, lhe dá, como creador *de almas*, o mesmo papel que Miguel Angelo tem na historia como creador de figuras humanas, o *oiro*, rio maravilhoso de prismatico brilho, de metallicos e fulvos cambiantes, de ondas feitas de luz, corre com impeto selvagem no leito que lhe abrem todas as nossas paixões.

Ambição, cobiça, appetites pantagruelicos, arte, elegancia, amor, todas as formas de viver social, todas as expansões da animalidade ou da espiritualidade humana, tudo elle vivifica e robustece, tudo perverte e inunda, modifica e transforma; aqui alluvião terrivel e indomada, alli fecundante elemento de renovação e de vigor.

O oiro é a mola occulta que faz mover todos os personagens tão reaes, tão verdadeiros da *Comedia humana*.

Uns, como Grandet e Gobseck, os usurarios, immortaes, tão grandes como o typo de Molière, e mais modernos do que elle, querem o oiro pelo goso sensual que a sua posse lhes dá; outros, como o Barão Hulot ou como Nucigen, querem-n'o para atirarem com elle á mulher que os fascina e entontece; Lucien de Rubempré deseja-o até ao crime para poder com elle esmagar a sociedade implacavel que o esmagou; de Marsay para conquistar por meio d'elle as altas eminencias politicas que o attrahem.

Duquezas e cortezãs, qual das suas figuras femininas, tão adoravelmente feiticeiras, o não cobiça ardentemente?

E com o oiro como factor, como causa, como meio ou como alvo supremo, se praticam n'esse mundo phantasioso, que é tão real, que é tão vivo, que é tão poderosamente impregnado do sopro creador do genio, atrocidades e loucuras, heroismos e crimes, ciladas abjectas ou dedicações assombrosas!

E consolará porventura esse oiro tão cobidado aquelles que o possuem?

Creio bem que não.

O equilibrio entre os nossos desejos e o meio exterior que tem de os satisfazer, eis a unica coisa a que um espirito sensato tem de

aspirar n'este mundo, que, á proporção que se vai refinando, se vai fazendo tão triste!

O movimento scientifico do seculo, que é devéras maravilhoso, vai sendo acompanhado por um movimento verdadeiramente desolador dos espiritos cultos.

Assim como a sciencia não pára, não pára nem descança a ambição frenetica do homem! E quanto mais se vão ampliando e desenvolvendo os meios de realizar essa ambição illimitada, ardente, sonhadora até ao impossivel, mais profunda vai sendo a convicção de que nada póde satisfazer a nossa eterna e ideal chimera senão aquillo mesmo de que a sciencia nos tem indo despojando dia a dia.

D'aqui ao pessimismo a distancia não é grande!

As mulheres compete o scismar um pouco nas causas e nos effeitos d'este estado particular tão desolador e tão funesto da alma moderna.

Lembremo-nos que para além d'esses gosos que o dinheiro compra, e que o dinheiro, por assim dizer, vai creando continuamente, ha os doces gosos que só a consciencia do bem nos póde dar.

Sejamos nós as musas conscientes e inspiradas de uma poesia cujos echos se vão apagando lentamente no coração dos nossos maridos e dos nossos filhos.

Procuremos restabelecer o equilibrio entre o

que a imaginação deseja e a razão auctoriza, ponhamos o homem de accordo com o seu meio: eis o grande problema.

E mais tarde, quando esta crise aguda de *nervosismo* que atacou a nossa civilização tiver passado, muito nos agradecerão aquelles que souberem que a nossa influencia moderadora se deve o allivio d'este *détraquement* universal que em tudo se manifesta, desde a politica até á litteratura, desde a vida das sociedades até á dos individuos, desde os dominios do sentimento até aos dominios do arte.

CARTA XXII

OS EXCESSOS DO NATURALISMO

De dias a dias — prova indirecta e lisonjeira de que as minhas *conversações* são lidas e apreciadas pelas leitoras brasileiras — recebo do Brazil uma carta firmada por mão feminina, que me consulta ou contradiz; que me applaude ou interroga; que apresenta objecções ás minhas theorias, ou que figura hypotheses em que ellas sejam totalmente vencidas.

Por minha vontade respondia muitas vezes a estas cartas.

Nem sempre posso.

Seria antepor interesses particulares aos interesses geraes, que eu tento e desejo tratar e discutir aqui.

Mas nem por isso essas cartas, a maioria das quaes fica sem resposta, deixam de me interessar profundamente.

É-me facil reconhecer por ellas o nivel intellectual da mulher brasileira.

Vejo que, felizmente, a preocupam as questões da mais palpitante vitalidade para o nosso sexo; vejo que lhe são gratos os esforços com que eu tento levar-lhe força ao espirito, auxilio á vontade de se elevar intellectualmente; vejo que a revolta tambem a sujeição mental em que a mulher latina continua a deixar estagnar e morrer pouco a pouco a intelligencia, e que, emfim, ella não considera inteiramente inutil, nem grandemente enfadonha a campanha que eu emprehendi e que prosigo sem cansar.

Conversemos, pois, visto que isso a não desgosta.

A decadencia das raças tem quasi sempre o brilho apparente, o prestigio fascinador que distingue o nosso tempo; é por isso mesmo que ella illude os observadores superficiaes.

Ha, porém, um symptoma infallivel que a revela, e esse symptoma é o impeto desordenado e violento, a convulsa aspiração, que atiram o homem e a mulher á conquista do prazer.

O goso é o nosso fito, como o dever é o fito das raças energicas e viris, que concebem um ideal e que só cuidam de o realizar.

Mas — extranha e dolorosa contradição! — esta raça sobreexcitada e avida de gosar, tem a impotencia senil das velhices precoces.

A saciedade prosta-a e anniquila-a, a ella que só vive de uma aspiração voluptuosa e sempre trahida.

O segredo da sua mortal melancolia vem d'aqui.

Todas as bellas e sonoras palavras, que outr'ora a embriagaram, e acordaram n'ella as energicas e creadoras faculdades, fazem-n'a hoje rir com esse riso doentio, que é o cunho caracteristico da sua incuravel agonia.

O amor, o dever, o sacrificio, a dedicação, a familia, Deus emfim, a synthese suprema de tudo que é bello, de tudo que é puro, de tudo que é grande, não tem na enfraquecida e entristecida alma moderna nem um altar de pé.

Porque? D'onde vem esta angustia que nos alanceia? Esta melancolia que nos prostra? Esta descrença que nos esteriliza?

Não sei.

São tantas as causas, tantas, tão variadas e tão complexas que não é dado a uma pobre mulher critical-as ou discutil-as.

O que porém nós todas podemos, cada uma no limite das suas forças, cada uma na esphera mais ou menos ampla da sua acção, é combater essa medonha tendencia, que leva as classes mais superiormente cultivadas e intelligentes da nossa epocha, e principalmente da nossa raça, á perda completa do senso moral.

O desprezo pela mulher tem-se de tal modo generalizado nos homens, que hoje, entre essas classes que a si proprias se appellidam dirigentes, seria considerado ridiculo o que se propuzesse combater este perigoso e nefasto pendor.

Cada um, imaginando que a sua mãe, a sua mulher e as suas filhas constituem a unica excepção á regra geral, fala de resto das mulheres com um desdem, que seria perfeitamente comico se não fosse terrivelmente funesto.

A pouco e pouco este modo de ver e de sentir reflecte-se na litteratura e na arte, as quaes, por sua vez, em virtude de uma lei ineluctavel, vão produzir na mulher, muito mais accessivel do que o homem a influencias d'esta ordem, o effeito desastroso que todos nós desgraçadamente presenciamos.

Porque, visto que o homem julga a mulher um formoso animal cheio de astucias daminhas e de perigosas seducções, um animal que elle tem de amordaçar e de vencer para não ser devorado, é claro que nos seus romances, nos seus poemas, nos seus quadros a não representa d'outro modo.

E consequencia inevitavel d'esse cruel ponto de vista: a mulher familiariza-se com este modo de ser vista e julgada, assimila ás vezes inconscientemente as qualidades de que a phantasia do artista a revestiu, e o que era ha pouco injustiça, maldade, perversão do espirito masculino, torna-se em poucos annos uma verdade cruel, uma verdade perigosa, uma verdade que ninguem ousa contestar.

Toda a pessoa medianamente culta póde ver o caminho que a litteratura tem percorrido desde o principio do seculo até hoje.

E a litteratura é ao mesmo tempo o reflexo dos costumes de cada epocha, e um dos factores mais importantes que os determina.

Não é que fosse menos sujeita ao imperio fatal das paixões a mulher do passado.

Era-o talvez em maior grau.

Mais sã, sabia e podia sentir com mais força, com mais impeto, ás vezes com desordenada violencia.

Mas que magnificos arrependimentos não resgatavam a sua quéda! mas que luctas ardentés se não travavam entre a sua consciencia e o seu instincto! mas que alta comprehensão ella não tinha do dever que trahia, do dever que sacrificava ao coração!

O que eu tenho contra a mulher do meu tempo, pervertida por esse que devia ser o seu guia, e que é no fim de contas o seu mais funesto inimigo, não é a sua fraqueza ingenita, que a mulher foi sempre fraca, foi sempre tentada, teve sempre de sustentar o combate heroico de todas as leis sociaes contra todas as sollicitações da natureza; não é a sua fraqueza, repito, é a sua leviandade.

Ella deixou-se cahir na cilada que os homens lhe armaram cobardemente.

Elles, para terem o vil prazer de desprezarem aquella a quem devem tudo—desde o leite que beberam na infancia, entre mimos e cuidados de todos os minutos, até ao ultimo beijo que recebem na frente banhada pelo suor da agonía

ao despeçarem-se da terra—fizeram da mulher a personificação do vicio inconsciente, da inconstancia involuntaria e fatal, da graça diabolicamente tentadora, do encanto felino, perverso, ignorante, cruel; e a mulher, em vez de se vingar nobremente provando-lhes a dura mentira e castigando-os por haverem tido a imprudencia de a erigir em dogma, entendeu que o melhor que tinha a fazer era cingir-se a esse ideal abjecto, parecer-se com essa phantastica figura odiosa, e dar d'este modo razão ao seu calumniador.

Está visto que eu não me referi a todas as mulheres.

Muitas ha que se salvaram do perigo, e que lhe souberam fugir; mas o typo da mulher d'este seculo, vulgarizado pela arte dos romancistas, dos criticos de costumes, dos observadores psychologicos modernos, é tudo quanto ha de mais lamentavel e de mais triste.

Escrava submissa do teu temperamento, titere movido pelos cordeis da tua vaidade, capricho ondeante que te moves ao sabor de todas as influencias que passam, onde está o teu coração, esse coração tão grande que remia todas as tuas culpas, que fazia perdoar todas as tuas fraquezas, que purificava com as suas lagrimas crystallinas todas as impurezas com que o mundo te manchara?!

Eu percorro com os olhos a tua longa histo-

ria, e vejo que vais perdendo tudo que te fez divinamente bella e docemente vencedora!

E a culpa não é das fraquezas do teu sentimento, é da aridez da tua vaidade!

A vaidade e o egoismo mataram o superior encanto da mulher!

Fragil, podíamos ainda amar-lhe as culpas enternecedoras; mas calculista como o homem, inconstante como elle, obedecendo sem reбуço á lei mais ou menos poderosa do seu organismo, ella não póde ter nem a nossa sympathy nem o nosso perdão.

Dir-me-hão que não tem culpa do modo por que a arte a retrata hoje em dia.

E eu digo-lhes que tem.

Apontem-me as grandes abnegações, os sacrificios supremos que tem feito para provar ao homem a injustiça da sua sentença condemnatoria...

Pelo contrario.

A mulher está hoje por detraz de todas as transigencias e de todas as cobardias masculinas.

Se havia de vingar-se mostrando que não merecia o cruel desdem com que a palavra do homem a maltrata, vinga-se de um modo mais frisante, mais cruel, mas que justifica dia a dia esse desdem que principiou por ser absurdo.

Vinga-se mostrando-lhe que desdenhada, ultrajada como é, é ella quem o domina, é ella

quem o arrasta, é ella quem o tenta e quem o subjuga, levando o politico á apostasia, o argentario á banca rota, o artista á impotencia cerebral, o poeta ao desespero inconsolado, o rico á miseria, o pobre á infamia, o honesto ao esquecimento de todos os deveres...

Não exaggero.

Olho, já se vê, para as classes que pelo seu refinamento intellectual marcam o passo ás que vem mais atraz.

Essas é que eu vejo, nos livros que escrevem, nos jornaes que preferem, nas conversas que têm, no gosto artistico que revelam, nos costumes que estabelecem e seguem, ferir a nota brutal de um materialismo archi-pagão.

E a mulher, allucinada e inconsciente, vai na procissão que leva esta raça, exangue e anemica, da ferocidade do goso á ferocidade do desespero impotente.

A França, a rainha das nações latinas, tem nas mãos requintadamente artisticas a batuta que rege esta colossal orchestra.

E uma tristeza immensa inunda as almas que sentem e que procuram debalde nos céos, silenciosos e despovoados, o ideal que sacie a sua sêde immensa do bem, de verdade e de justiça.

A nós é que compete lutar n'este momento tragico de desoladora transição, ou antes, de anarchia moral inclassificavel.

Sejamos boas, e sejamos simples.

Amemos com todo o nosso coração, e perdoemos com toda a nossa indulgencia.

De cada ninho façamos um altar; respondamos aos gritos de agonia com hymnos de esperança.

Riem de nós? Provemos que é absurdo e injusto esse riso desprezador.

Não nos ajoelhemos ante o *bezerro d'ouro*, mas amemos acima das grandezas materiaes d'este mundo aquella grandeza moral de que fomos n'outro tempo as inspiradoras e as fanaticas.

E' impossivel que a tristeza d'este fim do seculo não possa ser vencida e subjugada.

A mulher não pode passar sem esse mysterioso *au de lá*, onde ella sente que serão compensadas todas as amarguras e todas as humilhações que padeceu na terra; é porque ella fez do sonho da immortalidade uma formula ôca, e não uma esperança fortalecedora e fecundante, que o mundo está tão triste, que a arte é tão desolada e esteril, que o pensamento rasteja tão baixo, aguia ferida que em vez de encarar o sol molha a ponta da aza nos lodações e nos pantanos.

O nosso formoso e querido seculo, cuja aurora foi uma affirmacão resplandecente, mergulha agora no occaso lançando ao espaço, onde já se não erguem os templos que elle arrazou, uma interrogação, que é ao mesmo tempo um grito de impotencia agonisante.

Porque, nós que triumphamos de tantos inimigos, estamos hoje tão humilhados e tão tristes?

Porque, nós que tivemos tanta esperança, nos deixamos cair n'esta inercia dolorosa e esteril?

Porque, nós que soubemos descobrir o encanto ineffavel da mulher de Shakespeare, deixamos julgar impunemente que existe hoje apenas a mulher de Flaubert e a mulher de Zola, pobres seres de instinctos, instrumentos fataes de forças cuja origem nos é extranha?

Cumpre-nos, pois, reagir contra o exagerado *naturalismo* a que por um retrocesso inexplicavel parecemos querer voltar.

A sciencia não póde ter como resultado a *bestificação* da humanidade; e a creatura não sahiu das trevas do mysticismo unicamente para cair vencida, apavorada, paralytica de entendimento, nas trevas e no chaos moral, que está sendo este tempo.

CARTA XXIII

OS REHABILITADORES LITTERARIOS

A mania predominante dos dramaturgos francezes, que ultimamente téem conseguido apaixonar esse mobil e caprichoso publico da moderna Athenas, é, não póde negar-se, constituirem-se arbitros em delicadas e complexas questões de moralidade social.

A reabilitação da mulher culpada é por conseguinte um dos themes favoritos d'esses moralistas d'entre bastidores.

A questão é sympatica, a causa inspira interesse e desperta forçosamente a attenção dos que pensam, mas será soluvel esse tremendo problema que mais do que nunca n'estes ultimos tempos se está impondo á critica do nosso espirito e á piedade do nosso coração?

Ha quasi mil e novecentos annos que Jesus Christo, abençoando a Samaritana, defendendo a lapidada mulher adúltera, remindo a amorosa

Magdalena, revelou quanta inefavel misericórdia a sua doutrina encerrava para as frageis creaturas que o amor despenhara, ou que o arrependimento lavava nas suas aguas reconfortantes e amargosas.

A Igreja, tão grande na resolução d'estes graves problemas moraes, abre-se de par em par ao criminoso que retrocede na carreira do erro ou do peccado. Mas a alma de que a Igreja se apossa, como o pastor se apossa da rez perdida ao enconral-a nas aridas charnecas onde só rastejam a urze e o tojo bravo, tem de consagrar-se inteiramente aos cuidados da vida futura, renunciando para sempre ás alegrias, legitimas embora, d'este mundo. É só com esta condição que a sua rehabilitação é definitiva e consagrada. O arrependido, homem ou mulher -- o catholicismo não faz distincções -- tem de encerrar-se no arrependimento como n'uma Thebaida inhospita, onde não penetram esperanças que não sejam as do perdão eterno, onde não entra luz senão a que irradia dos céos compadecidos.

Renunciar ao que mais amou, acceitar a privação de todas as triumphantes alegrias do passado, é o menos aspero dos deveres que elle tem de cumprir, com religioso fervor, para se tornar digno da reconciliação suprema de que a vida eterna será o theatro mysterioso.

Não é pois d'esta rehabilitação já reconhecida como legitima, já acceite como uma das

mais bellas e radiantes revelações do christianismo, que se trata n'este caso.

É muito mais profano o intuito dos modernos evangelizadores da piedade social. O que elles pretendem é que a mulher por ter peccado uma vez, ou por ter peccado muitas vezes, nem por isso seja condemnada á irremissivel expulsão de todas as alegrias, puras e abençoadas, de que a familia e de que o respeito publico envolvem aquella que nunca errou e que nunca se deixou tentar.

Alexandre Dumas (filho) começou esta especie de cruzada por um drama, que não traz a favor d'ella o minimo argumento de valor. Falo da *Dama das camélias*. A peccadora nem por isso renuncia de todo aos gosos do peccado. Pelo contrario. Tenta apenas rehabilitar-se pelo amor, rehabilitação facil que não impunha sacrificios dolorosos, nem austeros e dilacerantes renunciamentos.

Ahi, o proprio dramaturgo encarregou-se de cortar a questão, de resolver logicamente o problema terrivel.

Não; a peccadora não se levanta mais do pantano em que se submergiu enlodada. A familia, representada pelo pae de Armando, reclama os seus sagrados direitos, e a paixão egoistica e ephemera é vencida pelo eterno dever!

Victor Hugo advogou com o divino poder do talento e da piedade a causa d'esses destinos tragicos, consagrados como os precitos do

Dante á perpetua desesperança e á perpetua dôr ! A morte envolveu as suas peccadoras n'um raio de luar opalino e vago, mas nunca mais o largo sol das robustas e sãs alegrias lhes inunda a fronte manchada, lhes reverdece os lyrios da innocencia, machucados no pó.

Alexandre Dumas, não se deixando desanimar pela batalha perdida, voltou armado com a sua logica implacavel, com o seu estylo, que morde e que grava indelevelmente, a combater o que elle considera o grande combate da justiça e da verdade. As *idéas de madame Aubray*, e ultimamente o pathetico drama de *Denise*, vêem provar-nos que se a these deve ser posta de lado, ha hypotheses que justificam a ardente e generosa convicção com que elle advoga a causa da peccadora inconsciente ou desgraçada, subjugada pela paixão ou ignorante dos seus effeitos. Agora é Sardou que acode ao chameamento do seu illustre rival, e que na *Georgette* vem apresentar uma nova face da questão, e vem procurar resolvel-a á luz da justiça.

São extremamente melindrosos para todos estes assumptos, mas é justo que nos não acobardemos em frente d'elles; ao inverso, que todos, os grandes e os pequenos, tragam o seu peculio de observações e collaborem no esclarecimento dos problemas que o futuro, mais illuminado e menos sujeito aos preconceitos tradicionaes, terá de resolver definitivamente.

Porque, emfim, é realmente duro, é real-

mente cruel, que o mundo seja feito como é, que a mulher, a fragil creatura, a dependente de todas as fatalidades biologicas, a eterna agitada, a harpa eólea, que todas as auras que passam fazem involuntariamente vibrar, a pária condemnada a todas as ignorancias, a tutellada que ainda não poude alcançar a sua emancipação moral, a creança cuja maioridade não chegará jámais, seja ao mesmo tempo aquella de quem todas as energias são implacavelmente exigidas; aquella que, para cumprir dignamente o seu destino, não tendo direito ao minimo elogio, mas tendo ao menos a certeza de que se não expõe a ser lapidada nas praças pela furia impiedosa dos phariseus, haja de ter a omnipotencia que agrilhoa e domina as paixões, a omnisciencia que sabe todos os segredos do mal para evital-os, e todos os milagres soberanos do bem para os pôr em pratica; aquella a quem não é permittido o esquecimento d'um minuto, a quem um desfalecimento ephemero condemna á eternidade dos castigos, ao exilio perpetuo da felicidade, da honra, do amor, da virtude!

Sim, é medonho que o codigo social esteja de tal modo redigido e interpretado; que a propria ignorancia seja o peor dos crimes, e que a cobardia applaudida e festejada do homem, a sua perversidade, tão indulgentemente considerada, sejam ao mesmo tempo a infamia irremissivel a vergonha que se não lava, da mulher que elle

fez sua victima. Sim, é triste que ao passo que a religião nos mostra o arrependimento como o meio mais seguro e glorioso de alcançar o perdão eterno, e a eterna e inalteravel felicidade; ao passo que a sciencia nos demonstrá experimentalmente que o organismo humano se vai dia a dia refundindo, renovando, transformando, a ponto de, no fim d'uma vida, se terem já extinto e terem renascido já, em cada um de nós, umas poucas de vidas... a razão do homem seja tão implacavel, tão intransigente e tão dura, que teime em vedar para sempre o ingresso do lar honesto e puro á que peccou e se arrependeu, á que amou sem que o seu amor fosse merecido e compensado, e expiou depois com rios de lagrimas, com humilhações dilacerantes, com desesperadoras agonias, esse engano tragico que para sempre a expulsou do céu.

Mas como evitar que a medonha, a crudelissima injustiça se pratique?

Mas como elevar á generalização d'uma lei aquillo que não pôde deixar de ser excepção, aquillo que tem de ser justificado por uma serie de circumstancias contingentes e eventuaes?

Mas como, d'um dia para o outro, metamorphosear n'um santo, desinteressado e puro, esse animal bravio que é o homem, que é principalmente o homem que ama, que tem zêlos, que se sente com direito ao passado, ao presente, ao futuro da mulher appetecida e cobiçada?

Mas como conseguir que o amor, o grande

egoismo, a suprema explosão da individualidade especial de cada ser, o sentimento caprichoso e multiforme, que reveste o molde de cada um dos temperamentos em cujo intimo desabrocha — flor maravilhosa, flor extranha, cujas raizes se embebem no lodo, e cuja haste flexivel levanta para o céu a radiosa florescencia das suas petalas de azul e oiro—como conseguir que o amor deixe de ser a paixão imperfeita, exigente, illogica, sensual na sua idealidade, etherea e casta no seu lubrico aneio, e se tranfigure milagrosamente na doce, na ineffavel piedade, que, cahindo em chuva de luz dos labios de Christo, ungiu com os balsamos do celeste perdão a peccadora de Magdala?

Ha crueldades sociaes que não podem ter emenda nem remissão.

Dado o homem, tal como a necessaria evolução dos seculos e como a complicação fatal dos acontecimentos o produziu, é incontestavel o conflicto entre o que elle pensa e o que sentia, entre o que elle imagina e o que pratica.

É por tudo isto que eu julgo que esses dramas expressamente escriptos para resolver um problema, para dar fóros de verdade a um paradoxo, para derrubar um preconceito tenazmente enraizado, não alcançam nunca o fim philosophico que os seus auctores lhes attribuem.

O theatro pinta as paixões, não as dirige; reflecte os sentimentos, não os modifica nem transfigura.

Elle nunca conseguiu oppor á lei escripta nos codigos, ou formulada nos costumes, uma nova lei mais elevada e mais piedosa.

No emtanto, muita vez o theatro tem logrado fazer apparecer a uma luz mais verdadeira, mais nitida e mais crua as eternas questões, que o homem debate com a propria consciencia desde o dia em que principiou a pensar, a duvidar, a soffrer, tentando, sempre debalde, resolver o complexo problema da vida.

Nós, as que caminhamos avergadas ao peso d'esta cruz augusta e dolorosa chamada *maternidade*, devemos ter para a que succumbe inconsciente ou allucinada, a nossa compaixão mais unctuosa, a nossa mais terna e mais ineffavel piedade.

É-nos permittido chorar de dó deante d'um d'esses destinos de mulher tão desgraçados, tão immerecidamente submersos nas trevas d'uma desventura eterna; mas que essa piedade nos não cegue a ponto de imaginarmos que é possível arrancar do portico d'essa região de trevas para onde a peccadora foi impellida, o lemma fatidico que o Dante poz na porta do seu *Inferno*.

É cruel o mundo porque assim o quer, porque assim o determinou, porque assim o impõe; mas não haverá n'essa severidade esmagadora um quê de soberanamente, de necessariamente providencial?

Essas questões tremendas, que Alexandre

Dumas, principalmente, gosta de levantar com a sua temeridade de perscrutador nos abysmos humanos, de mergulhador nos oceanos da paixão, produzem em todas as almas sinceras uma incerteza dolorosa e dilacerante. Se de um lado o perdão entoa aos nossos ouvidos os seus hymnos idealmente suaves, de outro não podemos deixar de pensar, que ha indulgencias que são um perigo social, talvez uma instigação perigosa, reunida a tantas instigações fataes! . . .

FIM DAS CARTAS A LUIZA

INDICE

A Luiza d'Almeida e Albuquerque.	5
Carta I Educação, moralização	7
" II Educação, moralização, II	15
" III A proposito dos lyceus femininos.	28
" IV O seculo XIX e as suas contradicções	40
" V Conflictos modernos	40
" VI Conflictos modernos, II	60
" VII O divorcio e a caricatura	71
" VIII As crises do casamento	79
" IX A nossa imaginação	88
" X A caridade.	77
" XI A ida para o collegio	106
" XII O romantismo d'hontem e de amanhã.	115
" XIII As mulheres que matam.	128
" XIV A influencia da natureza.	137
" XV Gente moça e gente velha	150
" XVI O estylo é a mulher	158
" XVII A mulher moderna na obra de Balsac	168
" XVIII As escholas moveis pelo methodo João de Deus.	191
" XIX O pessimismo contemporaneo	201
" XX A emancipação da mulher á luz da phy- siologia	210
" XXI Quem são os pobres?	221
" XXII Os excessos do naturalismo.	232
" XXIII Os rehabilitadores litterarios	242

Biblioteca de Educação Feminina

Cada volume na brochura. 10\$000

- 
- O Livro da Esposa**, por Paulo Combes. (Nova edição. 1 vol.
O Livro da Dona-de-Casa, por Paulo Combes. 1 vol.
O Livro da Mãe, por Paulo Combes. 1 vol.
O Livro da Educadora, por Paulo Combes. 1 vol.
O Problema da Felicidade, por Paulo Combes, 1 vol.
A mulher na Família.—pela Baroneza Staff, tradução de Augusto Moreno. 1 vol.
Os meus segredos. Sua arte de amar pela Baroneza de Staff.
A Mulher no futuro, por E. Lemy.
A mulher e a creança, por Scipio Sighele, obra de ensinamentos valiosos, 1 vol. 7\$500

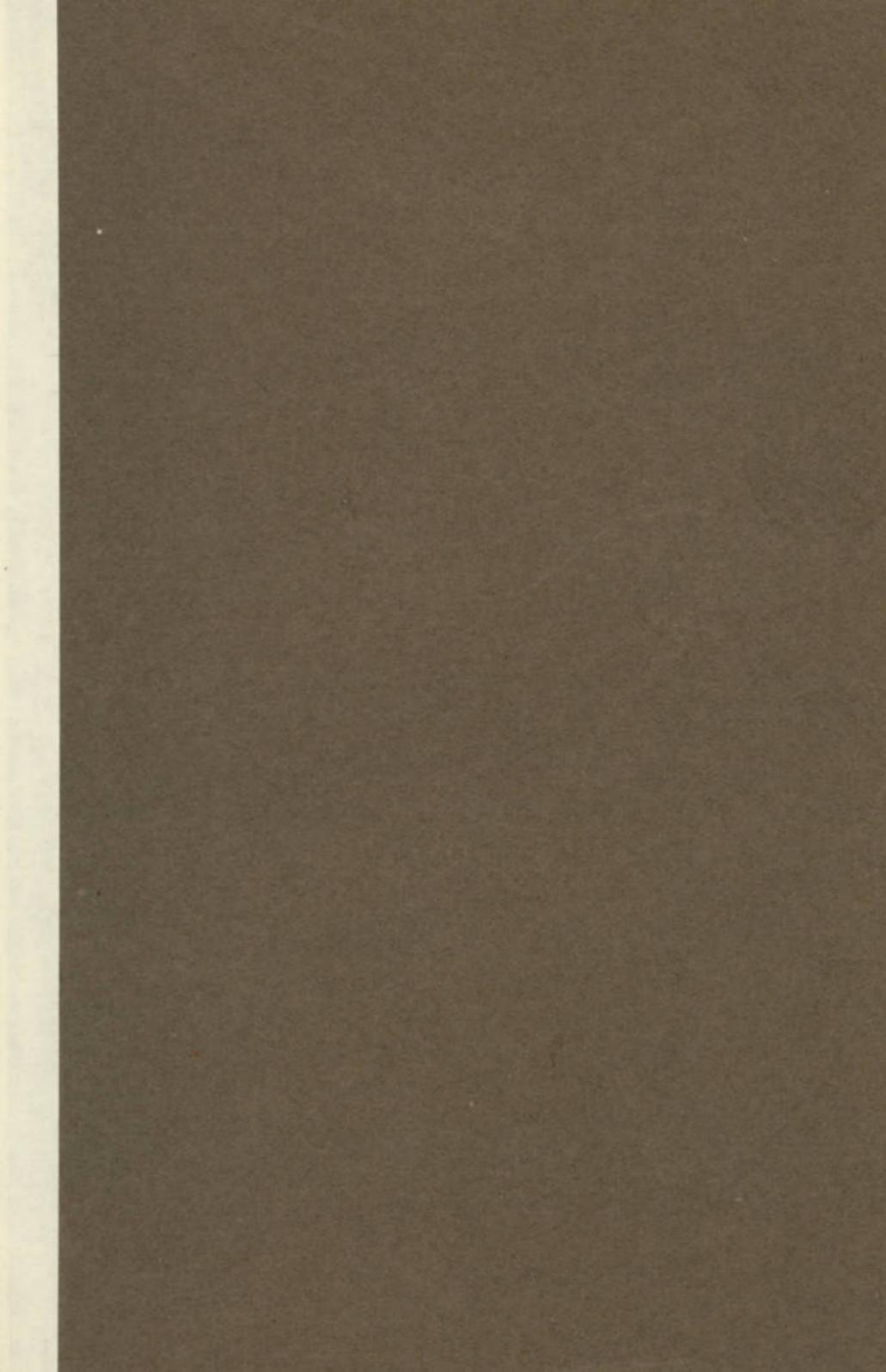
**Biblioteca das Actualidades
Scientificas**

POR

AMADEU DE VASCONCELOS (MARIOTE)

Cada volume com 100 paginas, ilustradas com 20 gravuras. 5\$000

- I—O Radium.
II—A Telegrafia sem Fio.
III—A Aerostação.
IV—A Aviação.
V—A Conquista dos Polos.



Últimas Publicações

Antão era Pastor , sonetos, por Antão de Moraes Gomes, 1 vol. broch	10\$000
A Morgadinha do Valongo . Novela, por Manuel da Câmara, 1 vol broch	5\$000
A Verdade , peça em três actos, por Francisco Lage e João Correia d'Oliveira. 1 vol	12\$500
A Regeneração , — Fontes Pereira de Mello, por Eduardo Noronha—2. ^a parte. 1 vol.	12\$500
Cantigas dum Lusitana . Quadras populares, por Eduardo Salgueiro	6\$000
D. Sebastião—Rei e Martir . Notas críticas àcerca do livro, «D. Sebastião» de Antero de Figueiredo, por Carlos Passos. 1 vol	3\$000
Do meu amor . Versos por Zuzarte de Mendonça (filho). 1 vol	7\$500
Dom João , (Poema) por Silva Gayo. 1 vol	7\$500
Fontes Pereira de Mello , por Eduardo Noronha, 1 vol	10\$000
Manhã de S. João , por Severo Portela, próprio para prenda de anos. 1 vol.	7\$500
Mundo Novo . Romance, por Ana de Castro Osorio. 1 vol	12\$500
O Douro em Brasas . . . Crônicas, por Kol d'Alvarenga. 1 vol. broch	8\$000
O Fado . Ensaios sobre um problema Etnográfico-Folclórico, por José Maciel Ribeiro Fortes. 1 vol	10\$000
Os Cegos , peça em três actos por Joaquim Leitão. 1 vol	10\$000
Ramo d'Oliveira . Romance por Adriano Antero. 1 vol	7\$500
Relicário de Simão Gouveia , pelo Dr. Sanches da Gama. Edição luxuosa. 1 vol.	25\$000
Uma rapariga moderna , (novela), por Augusto Navarro. 1 vol.	10\$000
Verdades Amargas da Grande Guerra , por Eurico Teixeira de Souza. 1 vol.	20\$000
Vinte cartas de Camilo , por José Caldas, 1 vol. com os autógrafos de Camilo zincogravados.	10\$000